

Nossa Senhora Consoladora de Ibiacá



Fidélis Dalcin Barbosa

3ª Edição

Fidélis Dalcin Barbosa

**Nossa Senhora
Consoladora de Ibiacá**



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2013

Fidélis Dalcin Barbosa

**Nossa Senhora
Consoladora de Ibiacá**

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, História, 3ª Ed. -Porto Alegre: Edições EST, 1994.
158p.; il.; 21cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-Compartilhual 3,0 Nao Adaptada.](#)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 30/10/2013

Capa: Foto do Santuário, na romaria de 1988.

B238n Barbosa, Fidélis Dalcin, 1915-
Nossa Senhora Consoladora de Ibiaçá [recurso eletrônico] / Fidélis Dalcin Barbosa. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2013.

E-book (formato PDF).
ISBN 978-85-8326-046-2

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Espiritualidade. 2. Igrejas católicas – Ibiaçá (RS).
3. Religiosidade. I. Título.

CDU: 282

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364



Figura 1: Ângelo e Augusta Zanatta, pais do Pe. Narciso.

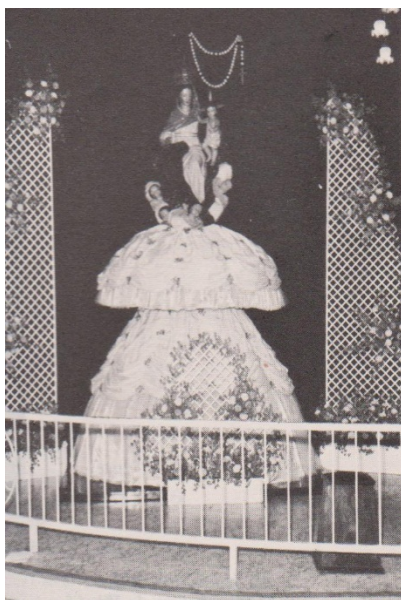


Figura 2: Imagem de N. Sra. Consoladora no Santuário de Ibiacá.



Figura 3: Santuário de N. Sra. Consoladora de Ibiacá



Figura 4: N. Sra. Consoladora de Ibiacá.

Sumário

1 – NOSSA SENHORA CONSOLADORA DE IBIAÇÁ	11
2 – IBIAÇÁ	15
3 – PARÓQUIA	20
4 – SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA CONSOLADORA DE IBIAÇÁ	26
5 – PRIMEIRA ROMARIA – 22.02.1953	29
6 – SEGUNDA ROMARIA – 28.02.1954	33
7 – TERCEIRA ROMARIA – 27.02.1955	38
8 – QUARTA ROMARIA – 26.02.1956	41
9 – QUINTA ROMARIA – 24.02.1957	46
10 – ROMARIAS VI A XXXIII – 1958-1985	49
11 – HINO A NOSSA SENHORA DE IBIAÇÁ	52
12 – GRAÇAS E MILAGRES	57
13 – PROVAÇÕES	63
14- PADRE NARCISO ZANATTA	67
15 - A FAMÍLIA ZANATTA	69
16- ÂNGELO ZANATTA – O PAI	78
17 - AUGUSTA ZANATTA - A MÃE	84
18-OS IRMÃOS	89
19 - INFÂNCIA E SEMINÁRIO	99
20 - ORDENAÇÃO SACERDOTAL	105
21 - ÁGUA SANTA - IBIAÇÁ E SÃO MANUEL	111
23 – EXPULSÃO DA DIOCESE DE VACARIA	123
24 – PÁROCO DE IVAIPORÃ	131
25- CASCAVEL E SÃO JOSÉ DO OURO	147
26 – PÁROCO DE ITAPEJARA D'OESTE	154
27- CURA DA CATEDRAL DE PALMAS	173
28 - CASA DE FÉRIAS "ANGELO-AUGUSTA"	186
29 - MISSIONÁRIO NO PARAGUAI E NA AMAZÔNIA	197
30 - A BENÇÃO DO PE. ZANATTA	201
31 – MAURÍCIO SIROTSKY SOBRINHO	209
32 – CIDADÃO BENEMÉRITO DE IBIAÇÁ	215
33 – SAUL BRANDALISE – FUNDADOR DA EMPRESA PERDIGÃO	222
34 – A BÊNÇÃO POR TELEFONE	224
FALECIMENTO DO PE. NARCISO ZANATTA	229
ILUSTRAÇÕES	233

I PARTE

1 – NOSSA SENHORA CONSOLADORA DE IBIACÁ

Nossa Senhora Consoladora de Ibiacá. Invocação recente e bem brasileira, surgiu em 1952, na vila gaúcha de Ibiacá, hoje cidade, na época 12º distrito de Lagoa Vermelha. A iniciativa coube ao jovem sacerdote diocesano Pe. Narciso Zanatta.

A ideia da invocação e da imagem de Nossa Senhora Consoladora nasceu em 1951 na então vila de São Manuel, distrito de Vacaria, onde o referido sacerdote exercia o múnus pastoral de pároco.

Quando era seminarista, encontrava-se ele ameaçado de não poder abraçar o sacerdócio por falta de saúde. Prometeu tornar-se apóstolo da devoção a Nossa Senhora, caso viesse a ser ordenado presbítero, o que aconteceu em Tapejara no dia 17.12.1949.

Nomeado pároco de São Manuel, na antiga vila Korff, às margens do rio das Antas, junto à estrada Rio Branco, o Pe. Narciso, exercendo o seu dever pastoral, reservava um dia da semana para atendimento das pessoas doentes ou atormentadas por outros problemas, ele que enfrentara sérias dificuldades em sua saúde.

Paroquianos e pessoas de outras localidades e municípios principiaram logo a visitar o jovem pároco, ouvir seus conselhos e receber sua bênção. Todos retornavam para suas casas aliviados, quando não curados.

Um humilde pai de família, analfabeto, fora roubado pela filha e pelo genro, mediante adulteração de documentos, usurpando-lhe os bens e deixando-o na miséria.

Mais tarde, a família do genro, residindo na cidade catarinense de Lages, sofria o desgosto de ter uma filha atacada de leucemia e condenada a morrer. A mãe vai, um dia, a São Manuel, para solicitar a bênção do padre em favor da filha.

- Minha filha não deve nada – esclarecia a mãe. – Então por que está agora com essa doença, condenada a morrer?

- Minha filha, - responde o padre – nós não sabemos os desígnios de Deus. Certamente sua filha é inocente, mas talvez esteja sofrendo por algo que outros tenham praticado.

- Como o senhor sabe, padre – exclamou ela.

- Não, eu não sei de nada. Estou apenas fazendo uma suposição.

- Bom, padre, dê a bênção à minha filha, que depois lhe conto tudo.

Ao sair da sacristia em direção à igreja, precisamente onde, dependurada na parede, se encontrava uma estampa da Consolata de Turim, a mulher, com a maior surpresa, topa de cara com o pai, que, por coincidência, havia ido lá também para falar com o pároco. O velho pai não reconheceu a filha, mas ela o reconheceu e exclamou:

- Pai, o senhor me perdoa?

- Sim filha, eu te perdoo; mas eu e tua mãe, por tua causa, estamos na miséria.

Naquilo, a mulher caiu, desmaiada. Sua filha doente, recebida a benção, recuperou a saúde.

Naquele instante o padre olhou para o quadro de Nossa Senhora, a Consolata de Turim, e teve uma ideia. Resolveu mandar esculpir uma imagem de Nossa Senhora Consoladora, invocação que traduzia todos os seus anseios e sonhos de apostolado em favor dos atribulados, dos doentes e sofredores, para os quais ele resolvera dedicar sua vida.

Imediatamente foi a Caxias do Sul e encomendou uma imagem ao escultor Hemegildo Marotto, de apenas 24 anos. Uma linda imagem da Santíssima Virgem, vestida de azul e branco, assentada sobre nuvens, rodeada de quatro anjos, tendo nos braços o Menino Jesus e na mão direita o rosário.

Antes que a imagem estivesse pronta, o Pe. Narciso foi transferido para Ibiacá, como pároco. Ao chegar aqui, tratou logo de preparar os paroquianos para receberem dignamente a imagem de Nossa Senhora Consoladora, que ficaria sempre na igreja matriz, exposta à veneração dos fiéis.

Um casal de apóstolos da nova devoção foi Reinaldo Ragnini e sua esposa D. Pierina Ragnini. Este senhor foi a Caxias e trouxe a imagem. Ao ser desencaixotada, o Pe. Narciso, sua mãe Augusta, as famílias Pansera, Ragnini e outras, pediram, então, que Nossa Senhora Consoladora fosse especial protetora da paróquia, de todos os fiéis, e, principalmente, a consoladora dos doentes.

No dia 25.05.1952, após solene tríduo preparatório e procissão luminosa à noite, a imagem foi benta por D. Frei Cândido Maria Bampi, Bispo-Prelado de Vacaria. No dia 22.02.1953, como veremos, teve lugar a primeira romaria, que reuniu cerca de 12 mil pessoas.

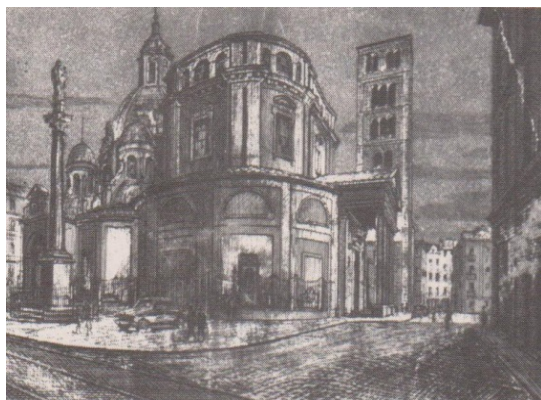


Figura 5: Santuário Della Consolata em Turim, Itália.

2 – IBIACÃ

Nome indígena

O povoado da Capela de Santa Filomena, que pertencia à paróquia de Sananduva, recebeu, a princípio, o nome de Nova Fíume. Em 04.047.1948, com a criação do distrito, o 12º distrito de Lagoa Vermelha, o nome foi mudado para IBIACÃ.

Nome indígena, recorda a antiga província de Ibia dos Jesuítas das Missões, que povoaram os campos de gado e cuidavam da catequese dos índios da região. Ao que parece, em Três Pinheiros, na atual capela da Conceição, estava localizada a Redução da Conceição.

No livro “A Diocese de Vacaria”, deste mesmo autor, lê-se: “Segundo testemunho de antigos moradores da localidade d Três Pinheiros, município de Ibiacá, conforme pesquisa do Pe. Olímpio Pagnoncelli, que por vários anos prestou assistência religiosa à população local, existia aqui uma redução jesuítica, cujas ruínas podem ser vistas ainda hoje, nas proximidades do passo velho do rio Forquilha (Inhandava).

O nome dessa redução era Conceição, nome aliás da Capela de Três pinheiros. A redução era de índios Guaianás, isto é, Caigangues. Entre o rio Forquilha e o rio Passo Ruim, existe uma bela e vasta região de campos nativos, cercada de matas, algo parecido com o Campo do Meio, que era o Potreiro Grande da Redução de Santa Teresa.

Esta redução parece condizer com a citada no livro de Ítala Irene Basile Becker, “O Índio Kaigáng no Rio Grande do Sul”. A

autora cita Francisco S. G. Schaden em “Índios, caboclos e colonos, páginas de etnologia, sociologia e folclore”, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Eis a citação: “No tocante à pacificação dos índios Kaigáng do R.G. do Sul, na época colonial, cumpre salientar, como um dos fatos mais importantes, o estabelecimento duma redução jesuítica no alto curso do Uruguai. Ficava no território dos Guandanás e tinha o nome de Conceição. Diz-se existirem ainda, perto do Forquilha, as ruínas desse estabelecimento fundado em 1930, no qual, segundo cronistas, seria aldeado um total de 3000 índios. Não tivemos possibilidade de verificar a data por mais de um padre.

O povoamento

Até a fundação de Lagoa Vermelha, na década, de 1840, o território do atual município de Ibiacá, abrangendo campo e mata, era terra devoluta. O primeiro posseiro foi Francisco Alves do Amaral, dono da Fazenda dos Três pinheiros, com 158 milhões de metros quadrados. Em 07.08.1852, grande parte dessa fazenda foi vendida a José Bueno de Oliveira.

Este pioneiro, proprietário da Fazenda São João do Forquilha, residia junto ao rio Passo Ruim, distante cerca de 10 Km da atual sede do município. Ele obteve do governo provincial a legalização de suas terras. Consta haver, para tanto, usado de um estratagema. Além de possuir senzala de escravos, ele criou um índio. Com este índio, civilizado por ele, José Bueno de Oliveira foi ter com o presidente da Província e alegou que vinha efetuando o trabalho importante de civilizar os índios da região, e, em troca,

requereu e obteve o título de propriedade do seu imenso latifúndio, a Fazenda São João do Forquilha, com 155 milhões de metros quadrados, que abrangia todo o território dos atuais municípios de Sananduva e Ibiacá.

José Bueno de Oliveira faleceu em Castro, no dia 31.08.1886. Mais tarde, a viúva, Constância Augusta Garcez Bueno, vendeu parte de suas terras de mata, cerca de 440 colônias, a Filomeno Pereira Gomes, considerado o fundador de Ibiacá, por favor loteado as terras e vendido aos povoadores, procedentes das velhas colônias italianas do Estado.

Filomeno e sua espoa, Ermínia Domingues Gomes, por volta de 1923, doaram dois lotes para a fundação da capela e do povoado. Em sua honra, a capela foi dedicada a Santa Filomena, por sugestão do Frei Geraldo de Gruffy, pároco de Sananduva.

Enquanto na zona do campo já havia moradores na década de 1840, só em 1916 principiaram a chegar os colonizadores da zona da mata, vindos de Caxias do Sul, Antônio Prado, Bento Gonçalves, Ana Rech... As duas primeiras famílias que se estabeleceram na atual zona urbana foram José Pansera e Valentim Dalzotto, este pai do Pe. Albino Dalzotto.

Outros pioneiros: João Bombassaro., Alberto Rossi, Reinaldo Ragnini, Eliseu Peluso (industrial e 1º subprefeito), Waldemar Corso, Armando Zanatta, Pedro Carra, Roberto Bagio, Ernesto Palma, João Pansera, Temístocles Marchiori, José Belin. Famílias Piana, Cecchin, Durigon, Bonatti, Negri, Zago, Artuso, Boff, Capra, Brambatti, Secco, Dorini, Lenzi, Brunello, Facina, Crispim Dias, Picoloto, Rech, Pierozon, Andreolo, Tipo, Testa, Biondo, Balazin, Panisson e muitas outras.

Em 1923, reuniram-se os moradores, em número de 14, formaram uma sociedade com um contribuição individual de 200\$00 (cem mil réis). Construíram uma capela, que foi inaugurada em junho de 1924. No dia 04.07.1948 foi criado o distrito, cuja

instalação foi presidida pelo Dr. Abelardo José Nácúl, Prefeito de Lagoa Vermelha, e pelo Comandante do Batalhão Rodoviário, Cel. Amarílio Osório, havendo celebrado a missa o Pe. João Marchesi, pároco de Canela.

Na década de 1940, iniciava-se aqui a industrialização da madeira de pinho, com várias dezenas de serrarias, trazendo enorme impulso ao desenvolvimento econômico e demográfico. Em 1954, com a criação do município de Sananduva, Ibiaçá deixava de pertencer ao município de Lagoa Vermelha, passando para o novo município, de cuja sede dista apenas 12 km.

Em 22.11.1965, Ibiaçá, obtinha sua emancipação política e administrativa, com uma superfície de 568 Km² e uma população de 7331 habitantes. Pelo censo de 1980 observa-se um decréscimo da população, que passou para 6761 habitantes. Este fato deve-se à transformação de muitas pequenas propriedades rurais em latifúndios, provocando êxodo rural.

Em 15.05.1966, foi instalado o município, com a posse do Interventor Federal, sr. José Antônio Pelin, nomeado pelo presidente Humberto de Alencar Castelo Branco. O município divide-se em três distritos: Sede, Vitória e Rio Telha.

Dista 330 km da Capital do Estado e 120 de Vacaria, sede da Diocese. Situa-se a 805 metros acima do nível do mar. Suas terras são pouco montanhosas, de boa fertilidade, fazendo com que Ibiaçá se tornasse grande produtor de trigo e milho e, mais recentemente, de soja. Em 1985, o número de família do município é de cerca de 1300 e em torno de 7000 habitantes.

A cidade, presidida pelo grandioso santuário de Nossa Senhora Consoladora, nos últimos anos transformou-se adquirindo um pelo aspecto, com sua grande praça central e amplas ruas calçadas. Encontra-se apenas nove quilômetros da rodovia estadual asfaltada, que liga Sananduva a Lagoa Vermelha.

Em 1895, encontra-se à testa do Poder Executivo o Sr. Hiderbrando Lenzi, reeleito, tendo sido o primeiro prefeito municipal eleito pelo povo. Os demais Prefeitos foram: Ricardo Durigon e Glodovir Piana.



Figura 6: Ibiacá em 1955.

3 – PARÓQUIA

A capela de Santa Filomena de Nova Fiúme foi atendida, desde a sua fundação até 1948, pelos padres Capuchinhos de Sananduva, com exceção da capela dos Três Pinheiros, que estava sob a jurisdição da paróquia de Lagoa Vermelha.

Já na década de 1930, a população, toda católica, vinha reclamando a criação da paróquia. Em 1938, D. Frei Cândido, em sua primeira visita pastoral, prometeu a criação da freguesia. No dia 15.05.1945, em sua segunda visita pastoral, o Sr. Bispo renovou a promessa.

No dia 11.08.1947, foi inaugurada a nova igreja, de madeira, coberta de telhas, medindo 38 x 17 metros. Nesta ocasião D. Cândido decretava a criação da paróquia, e nomeava administrador o Frei Marcelo Bianchi.

No dia 06.01.1948, era empossado o 1º pároco, na pessoa do Pe. Luiz Marino Lovatel, pelo frei Geraldo de Gruffy, Vigário Geral, Delegado do Sr. Bispo. Encontravam-se presentes o Pe. Raimundo Damin, Vigário de Tapejara, e o Frei Celestino Dotti, Vigário Forâneo; sendo testemunhas Valentim Dalzotto e Reinaldo Ragnini.

A nova paróquia da Prelazia de Vacaria contava então com sete capelas: Nossa Senhora da Conceição de Três Pinheiros, fundada em 1901; São João Batista no Baixo Araçá, fundada em 1927, com 36 famílias; Divino Espírito Santo, na Fazenda dos Marques, fundada em 1930, com 36 famílias; Nossa Senhora do Rosário, no Butiá, fundada em 1931, com 52 famílias; São Sebastião do Mato Português, hoje Vila Vitória, fundada em 1937, com 68 famílias; São João Vianey, no Paiol, com 49 famílias, tendo sido inaugurada a nova igreja em 12.12.1982, ocasião em que o Pe. Angelindo Andreola, nascido nesta localidade, festejava seus

10 anos de ordenação; Santa Líbera, do Rio Telha, fundada em 1944, com 34 famílias.

A seguir, após a criação da paróquia, foram fundadas as seguintes capelas: Nossa Senhora das Graças, no Pulador, com 49 famílias; Santa Lúcia, no Araçá Alto, em 1949, com 62 famílias; Santo Antônio, Campinas, em 1951, com 41 famílias; Santa Teresinha, no Mato Português, hoje Vitória, em 1952, com 44 famílias; Nossa Senhora dos Navegantes, no Rio Ligeiro, em 1955, com 24 famílias; Santa Bárbara, nos Turella Baroni, em 1955, com 18 famílias; São José, na Linha Campo, em 1957, com 23 famílias. Divino Espírito Santo, no Faxinal, em 1957, com 15 famílias; São Cristóvão, em 1976; Escola Linha XV, Santa Rita, em 1976; e Escola São Luís, Campinas, em 1976.

Desde a sua criação até 1985, a paróquia teve 12 párocos, a saber: Pe. Luiz Marino Lovatel, empossado em 06.01.1948; Pe. Narciso Zanatta, empossado em 10.02.1952, Pe. Olímpio Pagnoncelli, empossado em 15.12.1957; Pe. Luiz Marino Lovatel, empossado em 18.03.1962; Pe. Laurentino Tagliari, empossado em 10.03.1963; Pe. Laurindo Maróstica, empossado em 11.07.1969; Pe. Oscar Schneider, Redentorista, empossado em 16.12.1973; Pe. Aldérico Rossoni, empossado em 13.02.1977; Pe. Sílvio Copetti, janeiro de 1979. Pe. Odilon Hakenhaar, janeiro de 1982; Pe. Oscar Krindgs, julho de 1982 e Pe. Valdir Begnini, diocesano, empossado em 26.02.1984.

De 13 a 20.08.49 D. Cândido realizava a Visita Pastoral, crismando 1.214 crianças. No dia 17.12.49 o mesmo Bispo-Prelado, em Tapejara, ordenava presbítero o diácono Narciso Zanatta, que passou a trabalhar na paróquia de Ibiacá como Vigário Paroquial, até agosto de 1950, quando foi nomeado pároco de São Manuel, Vacaria, como veremos.

Em setembro de 1951, D. Cândido, acompanhado do Frei Gregório Bonatto, Vigário de Sananduva, esteve aqui para a abertura do Ano Santo, tendo havido então uma “verdadeira

missão”. Em janeiro de 1952, o Pe. Luiz Lovatel foi transferido para Vacaria, vindo em seu lugar o Pe. Narciso Zanatta, o apóstolo de Nossa Senhora Consoladora de Ibiacá, do qual trataremos longamente nestas páginas. Neste mesmo ano de 1952, a Madre Maria Luísa assumiu a direção do Hospital.

Em 02.02.52, o Frei Bernardino Vian, o missionário de Nossa Senhora de Fátima, que faleceu recentemente em Lagoa Vermelha (18.09.85), esteve aqui, realizando, em poucas horas, uma autêntica missão. Grande missão regaram aqui os Padres Passionistas Basílio e Plácido de 09 a 16.03.52, afervorando vivamente os paroquianos no amor de Cristo Eucarístico e Nossa Senhora.

Em abril de 1952, conforme veremos, o Pe. Narciso Zanatta introduzia aqui a devoção a Nossa Senhora Consoladora, devoção que se difundiu com espantosa rapidez, transformando Ibiacá num centro de concorridas romarias.

Por ocasião da Visita Pastoral, de 24 a 30.04.54, D. Cândido escreveu: “Achamos a paróquia em grande progresso espiritual e também material: reforma e reconstrução de capelas maiores, construção de capelas novas em centros distantes... Gratíssima surpresa para nós foi a chegada das Irmãs de Nossa Senhora das Graças, na manhã do dia 25. Deverão exercer o apostolado no colégio e no Hospital, na catequese e liturgia da Matriz e capelas”. Houve nesta visita 1.366 crismas e 25 batizados. Nesta ocasião, o Sr. Bispo declarou Nossa Senhora Consoladora Coopatrona de Ibiacá.

Nos anos de 1953 a 1957, o jovem Valentim Andretta exerceu, com dedicação e brilhantismo, o cargo de secretário e arquivista da paróquia e do Hospital. De julho de 1956 até 20.02.1957, trabalhou na paróquia, como Vigário Paroquial, o Pe. Alcides Cericato, Missionário da Sagrada Família de Passo Fundo, havendo exercido fecundo apostolado, trazendo grande impulso espiritual, em todas as obras da igreja, especialmente na

catequese. Organizou a grandiosa festa do 5º aniversário da criação da paróquia, sendo o pregador da solenidade.

Em 1956, o pároco, Pe. Narciso Zanatta, depois de muita luta, conseguiu trazer para a paróquia, a dirigir a Escola Nossa Senhora da Consolação e o Hospital Santa Filomena, as Irmãs Franciscanas do Imaculado Coração de Maria, de Campinas, tendo como superiores a Madre Maria Júlia e a Madre Maria Stella.

Por duas vezes, durante alguns meses, esteve auxiliando na paróquia o Pe. Benjamin Busato, sendo muito apreciado, especialmente na zona rural.

Em dezembro de 1953, o Pe. Narciso Zanatta adquiriu uma quadra de mato, perto da Matriz que passou a servir de Parque da Igreja. Mais tarde, neste parque, foram construídas casas para churrasqueira e copa, com capacidade para atender dezenas de milhares de romeiros. É um belíssimo recanto para as refeições e descanso dos devotos de Nossa Senhora Consoladora.

No dia 26.05.64, D. Augusto Petró, em reunião do clero na Granja Três Pinheiros, despede-se da Diocese, sendo, então, saudado por Benjamin Brusco, Prefeito de Sananduva. Havendo-se retirado as Irmãs da paróquia, o Vigário bateu à porta da casa de 30 congregações. Por fim, os Irmãos maristas de Caxias do Sul assumiram o funcionamento do Ginásio Agrícola, sob a direção do Ir. Pedro Marcon. No dia 15.05.66, instalava-se o município. Em 04.06.67, foi fundado o Sindicato dos Agricultores pelos Irmãos Maristas Miguel e Raimundo.

No dia 15.07.67, D. Henrique Gelain ordena presbítero Laurindo Maróstica, que a seguir, será Vigário Paroquial e depois pároco, empossado em 11.07.69. a este sacerdote coube a iniciativa de contratar Emílio Zanon para a construção do Santuário de Nossa Senhora Consoladora de Ibiacá, sendo a velha Matriz demolida em 15.03.70 A pedra fundamental do novo Santuário foi benta por D. Henrique Gelain, Bispo Diocesano, em 10.05.70,

sendo inaugurado em 1972. Em 09.12.72, o Sr. Bispo ordenava presbítero Angelino Andreola, filho desta paróquia.

Em 24.02.70, chegavam três irmãs de São José para a pastoral: Ir. Pierina Benetti, Ir. Isauro Favero e Ir. Aurora Canal. Em 23.09.73, D. Henrique presidia as solenidades dos 25 anos da criação da paróquia. Em 29.11.73, desligava-se da paróquia e obtinha laicização o Pe. Laurindo Maróstica. Em seu lugar, no dia 16.16.73, assumiam a direção da paróquia e do Santuário os Padres Redentoristas, que aqui permaneceram até o dia 26.02.84, quando a paróquia voltou a ser atendida pelo clero diocesano, na pessoa do Pe. Valdir Begnini. De 18 a 21.05.74, pela primeira vez, cinco homens da paróquia tomavam parte do Cursilho da Cristandade em Vacaria, sendo, desde então, os cursilhistas poderosos auxiliares do movimentos pastoral da paróquia. Em 08.12.74, foi inaugurada a nova capela de Três Pinheiros. Em 07.04.75, o pároco, Pe. Oscar Schneider, foi operado, ficando engessado durante 65 dias.

Em preparação à Romaria de 1981, pregaram Missões os Padres Redentoristas: Altamiro Rossato, Provincial; Aloísio Schneider, Euclides Cembranel e Lírio Pezzini. Já não há mais religiosas na paróquia; por isso, a Ir. Zenaide Perin, do Instituto Secular Sales, de Palmeira das Missões, passou a atender periodicamente a catequese e liturgia na Matriz e Capelas, sobretudo por ocasião das Romarias. Em setembro visitou a comunidade o novo Provincial, Pe. Egon Binsfeld. Em 29.11.81, o Governador do Estado, Amaral de Souza, esteve na cidade para inaugurar a Inspeção Veterinária e lançar a pedra fundamental do Sindicato dos Agricultores. Em 12.12.81, visita de D. Henrique Gelain, que crismou 198 adolescentes na Matriz e inaugurou a nova capela do Divino, na Fazenda dos Marques.

Em janeiro de 1982, o Pe. Sílvio Copetti deixou a paróquia, vindo em seu lugar o Pe. Odilon Hackenhaar, tendo como coadjutor o Pe. Oscar Krindges. Durante vários meses, esteve

auxiliando na paróquia o Pe. Heli Nodari. De 04 a 08.08.82, nova Visita Pastoral. Em 30.07.82, chegava o Pe. Abílio Copetti, novo Vigário Paroquial, sendo, então, empossado o novo pároco, Pe. Oscar Krindges, por D. Henrique, estando presente o Provincial, Pe. Egon Binsfeld.

4 – SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA CONSOLADORA DE IBIACÁ

Embora recente e brasileira, a devoção a Nossa Senhora Consoladora remonta aos primeiros séculos da Igreja e como “Consoladora dos Aflitos” faz parte das Ladainhas Laurentanas da SS. Virgem.

Existem numerosos santuários dedicados a Nossa Senhora Consoladora, entre os quais destacam o de Turim, na Itália; o de Termini, na Cecília; o de Ajaccio, na Córsega; o de Arpavan e Bezier, na França; o de Kevelaer, na Alemanha; o de Carey, na América do Norte; o de Luxemburgo; a artística igreja de Santa Maria da Consolação de Todi, na Itália, construída em 1508...

A ideia de mandar esculpir uma imagem de Nossa Senhora Consoladora, como vimos, surgiu em 1951 na vila de São Manuel, Vacaria, RS, onde trabalhava o Pe. Narciso Zanatta, o qual, durante os estudos, estando doente, prometera ser um apóstolo de Nossa Senhora.

Em 1952, transferido para Ibiacá, o referido sacerdote tratou de entronizar aqui a imagem e propagar a sua devoção. A imagem seguiu para esta vila, então distrito de Lagoa Vermelha, no dia 1º sábado após a festa de Nossa Senhora das Dores.

Nos dias 22, 23 e 24.05.1952, teve lugar um tríduo solene, em preparação à solenidade da bênção da imagem. O próprio Sr. Bispo, D. Cândido Bampi, houve por bem abençoar e indulgenciar o novo título de Nossa Senhora Consoladora de Ibiacá ou, simplesmente, Nossa Senhora de Ibiacá.

No dia 24, à noite, houve procissão luminosa. Dia 25, missa comunhão geral. Às 9:30 horas, bênção da imagem. Às

10:00 horas, missa cantada “Dalla Via”, a três vozes. Sermão do Pe. Zanatta versando sobre o tema “Maria, Mãe e Consoladora dos que sofrem”.

Em 05.08.52, D. Cândido aprovou e indulgenciou a seguinte oração a Nossa Senhora Consoladora, oração que continua sendo rezada pelos fiéis que desejam obter graças de Nossa Senhora:

“Ó Virgem Santíssima, Nossa Senhora da Consolação, a Vós recorreremos, animados da mais íntima confiança filial na vossa compassiva bondade maternal”. Nunca se ouviu dizer, ó benigna Consoladora dos aflitos, que alguém, sem suas penas, tristezas e necessidades, a Vós recorresse em vão. Por isso, a Vós recorreremos nas presentes aflições e angústias da nossa vida.

Ó doce Mãe da Consolação, consolai estes vossos filhos, que cheios de confiança, se prostram a vossos pés. Atendei as súplicas, enxugai as nossas lágrimas, aliviái as nossas dores, assisti-nos em todas as nossas tribulações. Alcançai-nos a paz, alegria e perfeita resignação à vontade santa de Deus, a fim de que, incessantemente, reconfortados pelo bálsamo suavíssimo das consolações espirituais, de que sois amável e poderosa medianeira, possamos santificar todos os sofrimentos e amarguras desta vida, transformando-os em coroas de glória para nossa eternidade, assim seja. Três Ave-Marias, com a invocação: Consoladora dos Aflitos, rogai por nós”.

A devoção a Nossa Senhora Consoladora de Ibiacá espalhou-se rapidamente, de sorte que, por ocasião da Primeira Romaria, em fevereiro de 1953, afluíram quase todos a pé, cerca de 12 mil romeiros.

“Todo esse movimento – escreveu o idealizador da devoção de Nossa Senhora Consoladora de Ibiacá – todo esse movimento deveras grandioso mesmo impressionante, o devemos exclusivamente a Deus e a sua Santa Mãe”. Como são e tranquila

consciência, podemos afirmar: Não procuramos interesses pessoais e honras; apenas seguimos a cruz, através do nosso lema, em suores, sangue e lágrimas: “Daremos nosso coração e vida aos que sofrem”; para o bem das almas e da Santa Igreja, observando escrupulosamente as leis do Direito Canônico, a Moral, os Sacramentais, seguindo em tudo o Ritual Romano. Na distribuição de objetos destinados à piedade cristã e ao culto, seguimos as prescrições do Concílio Plenário Brasileiro e as normas da Santa Sé.

Não há dúvida, às mais das vezes, curtimos as maiores ingratidões, injúrias e provocações de toda espécie, causadas pela inveja... Mas, graças a Deus, nosso espírito é soberano. Nada nos impressiona... A oração e Jesus Eucarístico e Nossa Senhora Consoladora foram as armas que nos defenderam e nos defenderão ainda para o futuro”.

Iniciador da devoção a Nossa Senhora Consoladora de Ibiacá, o Pe. Narciso Zanatta foi transferido desta paróquia em 1957. Apesar de sua ausência durante 26 anos, a afluência de devotos e romeiros foi aumentando sempre mais, de sorte que na última Romaria, em fevereiro de 1985, o número de romeiros andou perto de 100 mil.

Ibiacá transformou-se no mais intenso ponto de movimento religioso da Diocese. M 22.02.1977, o Sr. Bispo Diocesano, D. Henrique Glain, em atenção a pedidos, decretava: “Havemos por vem declarar ‘Santuário Diocesano’ a Igreja Matriz de Nossa Senhora Consoladora de Ibiacá, passando de agora em diante a denominar-se SANTUÁRIO DIOCESANO DE NOSSA SENHORA CONSOLADORA”.

A partir desse decreto, todo o clero da Diocese, nos dias de Romaria, está liberado das suas paróquias, para atender em Ibiacá, para onde afluem sacerdotes de outras dioceses.

5 – PRIMEIRA ROMARIA – 22.02.1953

A comissão diretora dos festejos estava assim constituída: Modesto Ughini esposa, Francisco Masutti e esposa, Professor José A. Pellin e Olívio Salvadori. O jornal “O Nacional”, de Passo Fundo, dia 27.02.1953, publicou uma reportagem, narrando a Romaria, trazendo em manchete: “Monumental Romaria a Nossa Senhora Consoladora, em Ibiacá; 14 mil romeiros presentes; afluíram a Ibiacá famílias de vários estados e da República da Argentina”.

Diz o texto da reportagem: “Espetáculo magnífico constituiu a Primeira Romaria à Milagrosa Imagem de Nossa Senhora Consoladora, desta localidade de Ibiacá, nos dias 21 e 22 do corrente, sob a superintendência da Comissão Diretora”.

Dia 21, às 10 horas da manhã, realizou-se a Missa solene em inauguração do novo altar (doado por João Rech Filho), que foi erguido em honra de Nossa Senhora Consoladora. À meia-noite de sábado para domingo, foi realizada missa solene, com a presença de milhares de fiéis, constituindo um espetáculo de fé verdadeiramente impressionante.

No domingo, dia 22, das 5 às 9 horas, missas e comunhões. Às 9:45 horas chegou ao local o carro conduzindo a Imagem de Nossa Senhora Consoladora, carro esse que se encontrava todo ornamentado de azul e branco, ladeando a Imagem de Nossa Senhora dois Anjos da Guarda, sendo as imagens recebidas por milhares de espoucar de rojões, foguetes e palmas, num espetáculo verdadeiramente inesquecível.

Às 10 horas, chegou a Imagem de Nossa Senhora ao novo altar, defronte à Igreja Matriz, onde já se encontrava o Exmo. Bispo-Prelado de Vacaria, que foi recebido respeitosamente pelos presentes. Logo após, foi rezada missa solene por S. Exa. Rvma.,

finda a qual, o sr. Bispo, acolitado pelo Pe. Narciso Zanatta e demais sacerdotes presentes, em frente da igreja, lançou a bênção de saúde a todo o povo. Seguiu-se a procissão pelas principais ruas da pequena cidade. Chegada que foi a procissão até o local do novo altar, fez uso da palavra Sua Excia. Rvma., D. Cândido Maria que, com grande emoção, referiu-se àquela massa popular que veio assistir aos festejos de Nossa Senhora Consoladora, a fim de solicitar curas espirituais e corporais, erguendo preces àquela que, em verdade, é a Grande Consoladora.

O Pe. Narciso Zanatta também proferiu comovida oração, agradecendo a presença de todos, bem como a presença de S. Excia. Rvma., D. Cândido Maria.

Às 12 horas chegaram aos céus de Ibiacá os aviões do Aero-Clube de Passo Fundo, que fizeram diversos vôos, lançando grande quantidade de flores, aumentando o brilhantismo dos festejos.

Às 12:30 horas foi servido grande e suculento churrasco, regado a diversas bebidas, dela tomando parte a grande massa do povo. Às 15 horas, foi dada a bênção pelo Bispo D. Cândido Maria e por todos os sacerdotes presentes.

Após, fez uso da palavra o conhecido advogado do foro de Lagoa Vermelha, Dr. João de Paula e Silva, proferindo vibrante e comovente oração, conclamando o povo à fé em Cristo, e elevando a piedade e a virtude do Rvdo. Padre Narciso Zanatta, sendo o discurso, bem como todos os atos da festa, transmitidos pela ZYF – 6, Rádio Cacique da cidade de Lagoa Vermelha, tendo à frente seus diretores e locutores.

Encontravam-se presentes, além do sr. Bispo D. Cândido Maria e o Pe. Narciso Zanatta, o Padre Pedro Casara, de Caxias do Sul, que pregou o tríduo e as solenidades da Romaria; Padre Ardégio Baggio, de Santa Maria; Padre Humberto, de Lagoa Vermelha; Padre Fidélis, catedrático do Ginásio Duque de Caxias;

seminarista Ângelo Bernardi, da Congregação de N. S. da Salete; Dr. Hugo Estivalet Pires, Prefeito municipal de Lagoa Vermelha, e muitas outras personalidades. Durante a romaria registrou-se a presença de 251 caminhões e ônibus, 188 automóveis e 106 camionetas. O número de romeiros foi de 12 a 14 mil, tendo gente de muitos municípios do nosso Estado, bem como de Santa Catarina e Paraná. Estavam presentes, ainda, várias famílias da República Argentina, que vieram especialmente à festa pela obtenção de graças.

É interessante mencionarmos um caso verdadeiramente milagroso, que teve grande repercussão. Realizou-se a cura instantânea da Sra. Fiorinda Bilibio, residente no município de Passo Fundo. Esta senhora tinha diversas manchas nas pernas, úlceras varicosas (Fontanela). Depois da bênção que lhe foi dada pelo Pe. Zanatta, ficou limpa e sã, impressionando vivamente o povo.

A Comissão Organizadora enviou telegrama de agradecimento ao Cônego Henrique Compagnoni pela sua bondade e cooperação, ao ter enviado o Pe. Pedro Casara, pregador do tríduo e da festa'.

A empresa de ônibus Cattani, de Pato Branco, Paraná, foi a primeira, fora do Estado a transportar romeiros para Ibiçá, sob a direção do seu diretor e fundador José Cattani.



Figura 7: Ibiçá com tempo chuvoso

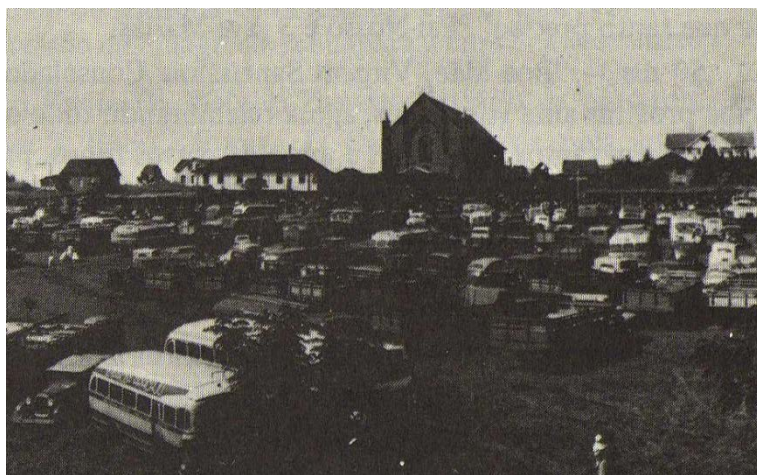


Figura 8: Ibiçá- Primeira Romaria- 1953

6 – SEGUNDA ROMARIA – 28.02.1954

A segunda Romaria a Ibiacá aconteceu no dia 28.02.1954, e foi precedida de uma novena, tendo em cada noite uma oração especial, como segue:

1º dia – “Boa Mãe, Virgem Santíssima Consoladora de Ibiacá. Aqui está a vossos pés este vosso filho, vergando ao peso dos pecados, que Vos pede o ajudeis a conseguir o perdão das ofensas, desgostos e desobediências que cometeu contra o Bom Pai do Céu. Ajudai-o, Senhora, para que retornando à amizade do Senhor, possa alcançar uma graça de que tanto precisa”. Pai-Nosso e 3 Ave-Marias.

2º dia – “Boa Mãe, Virgem Santíssima Consoladora de Ibiacá. Volta a vossos pés o mesmo filho vosso, que agora Vos suplica não bens temporais e passageiros, mas a graça de fazer sempre a vontade de Deus, fugir ao pecado e praticar a virtude. Ajudai-o, Senhora, para que, rico de boas obras, possa obter uma graça de que tanto precisa”. Pai-Nosso e 3 Ave-Marias.

3º dia - “Boa Mãe, Virgem Santíssima Consoladora de Ibiacá. Novamente a vossos pés estou eu considerando toda a dor e sentimento de que se encheu vosso Coração quando víeis a dolorosa paixão e morte do Vosso Filho. Por aquelas lágrimas e dor, concedei-me a graça de que tanto preciso”. Pai-Nosso e 3 Ave-Marias.

4º dia – “Boa Mãe, Virgem Santíssima Consoladora de Ibiacá. Eis-me a vossos pés recordando a vossa coragem consolando e animando os apóstolos desesperados após a morte de Vosso Filho. Consolai-me a mim também, concedendo-me a graça de que tanto preciso”. Pai-Nosso e 3 Ave-Marias.

5º dia - “Boa Mãe, Virgem Santíssima Consoladora de Ibiacá. Torno, Senhora, a me prostrar ante vossos pés, agora relembrando todo o vosso amor aos homens, aparecendo em tantos santuários e a tantos vossos filhos, para ensinar, consolar e animar. Peço que vossa atenção se volte para mim, a fim de me conceder a graça de que tanto preciso”. Pai-Nosso e 3 Ave-Marias.

6º dia - “Boa Mãe, Virgem Santíssima Consoladora de Ibiacá. Aqui estou eu de novo a vossos pés, desta vez recordando as inumeráveis graças que distribuis nos vossos Santuários de todo o mundo. Tende misericórdia de mim e concedei-me a graça de que tanto preciso”. Pai-Nosso e 3 Ave-Marias.

7º dia - “Boa Mãe, Virgem Santíssima Consoladora de Ibiacá. Aqui me tendes, Senhora, mais uma vez a vossos pés. Considero agora as graças que tendes dado aos que aqui, neste Santuário, vos vieram invocar. Tende piedade de mim e concedei-me a graça de que tanto preciso”. Pai-Nosso e 3 Ave-Marias.

8º dia - “Boa Mãe, Virgem Santíssima Consoladora de Ibiacá. Prostrando-me a vossos pés, invoco-Vos com o belo título que a Igreja Vos deu, de Consoladora dos aflitos. Senhora, consolai-me, concedendo-me a graça de que tanto preciso”. Pai-Nosso e 3 Ave-Marias.

9º dia - “Boa Mãe, Virgem Santíssima Consoladora de Ibiacá. Eis-me, enfim, pela nona vez, aos vossos pés, Senhora. Jamais se ouviu dizer que quem Vos houvesse invocado, fosse por Vós desamparado. Mãe, minha querida, sede boa concedendo-me a graça que tanto preciso. Muito e muito Vos agradecerei”. Pai-Nosso e 3 Ave-Marias.

O jornal “O Nacional”, de Passo Fundo, dia 11.03.54, publicou uma reportagem acerca da segunda Romaria a Ibiacá. Diz o periódico, entre outras coisas: “A romaria à milagrosa Imagem de Nossa Senhora Consoladora de Ibiacá, que, como de costume, se realiza anualmente a partir de 1953, no último domingo de

fevereiro, efetivou-se este ano com grande brilhantismo e animação, apesar das chuvas torrenciais, que tornavam as estradas e caminhos quase intransitáveis.

Os preparativos, este ano, foram feitos com grande esmero, de modo que tudo estava preparado para receber 15 mil romeiros. No entanto, por motivos de mau tempo e apesar dele, esse número ascendeu a mais de cinco mil, que compareceram com enormes sacrifícios de toda ordem, vindos de longas distâncias, posando pelos caminhos com verdadeiro espírito de crentes.

A santa missa foi rezada por diversos sacerdotes. Às 10 horas do dia 28 de fevereiro, como estava programado, chegava de Vacaria S. Excia. Rvma., D. Cândido Maria, Bispo-Prelado daquela prelazia, sendo recebido por enorme multidão de fiéis, entre vibrantes aclamações de entusiasmo.

Logo após, S. Excia. Revma., rezou a santa missa, que foi assistida por todos os presentes. A parte mais tocante da solenidade foi a do encerramento, quando S. Excia. Revma. Deu a bênção com o Santíssimo aos doentes, tendo ocorrido cenas verdadeiramente comoventes, que marejaram de lágrimas os olhos dos fiéis, quando, em coro e em altas vozes imploravam a intercessão da milagrosa santa para a cura dos seus males.

No encerramento, falou o Rvdo. Pe. Narciso Zanatta, Vigário da paróquia, que agradeceu, de modo especial, a S. Excia. Rvma., D. Cândido Maria, pela sua preciosa presença e colaboração, bem como a todos os presentes, autoridades civis, Padres de Capinzal, Santa Catarina, de Carlos Barbosa, de Caxias do Sul, de Lagoa Vermelha e de diversas outras localidades. Impressionou vivamente uma advertência que fez o Padre Zanatta, no decorrer de sua oração: "Não viestes para assistir 'os famosos milagres e bênçãos' que se atribuem a mim, mas para implorar diretamente a Nossa Senhora Consoladora de Ibiacá as graças que Ela costuma distribuir aos que nela depositam a sua fé e

confiança, pois Ela é medianeira junto de Deus e consoladora dos que sofrem”.

Perorando, numa linda hipérbole, disse: “Não é a mão que lança semente na terra que se deve atribuir o milagre da germinação e desenvolvimento das plantas, mas a Deus, que dá o incremento. Assim, no caso das graças, é a Nossa Senhora que se deve atribuir o benefício alcançado por aqueles que, de coração aberto, as rogam”.

E mais além acrescentou: “Se essa devoção não fosse do agrado de Deus, não teria, em menos de dois anos, se espalhado por mais de 20 municípios de diversos Estados. As graças de Nossa Senhora Consoladora, como bem expressa seu glorioso nome, vieram exatamente numa das épocas mais conturbadas da humanidade, consolando e confortando os mais atingidos pelo sofrimento, para alentá-los e salvá-los”.

Foi programada nova romaria para o dia 10 de outubro vindouro, em comemoração ao Ano Santo Mariano”.



Figura 9: Ibiacá- aspectos de uma Romaria na década de 1950.



Figura 10: Ibiacá- Romaria 28.02.1954.

7 – TERCEIRA ROMARIA – 27.02.1955

A terceira Romaria a Ibiaçá teve lugar no dia 27.02.1955 e foi assim narrada pelo jornal de Passo Fundo “ O Nacional “, no dia 04.04.55:

“Mais uma vez a progressista e hospitaleira Ibiaçá, tendo à testa seu esforçado, benemérito e digno vigário Pe. Narciso Zanatta e coadjuvado pelos senhores festeiros: Fiorindo e Angelina Cola; Severino e Edelvina Baschera; Agostinho e Ilda Marcolin; Modesto e Beatriz Ughini; Pedro e Idalina Spigosso, comemorou sua Terceira Romaria, na sua data oficial do último domingo de fevereiro de 1955.

Desde 5 a 6 dias antes, romeiros de diversos municípios de Santa Catarina e Paraná dirigiam-se à Imagem Milagrosa de Nossa Senhora Consoladora de Ibiaçá, fazendo suas preces e cumprindo suas promessas. Ibiaçá já no dia anterior da festa hospedava três mil romeiros. Desde muito cedo do dia 27 continuavam chegando caravanas de 21 municípios rio-grandenses e alguns municípios de Santa Catarina e Paraná.

Podemos dizer que a devoção desta Santa já não é só para Ibiaçá, mas sim para diversos Estados. Portanto, ela é interestadual, porque os Ex-votos que aí estão cobrindo a parede de alto a baixo, já demonstraram que a bondade de Nossa Senhora aos seus filhos contristados, concedeu-lhes muitos favores, graças e até milagres.

Em preparação à festa, realizou-se um Tríduo, pregado pelo jornalista Pe. Benjamim Busato, que, com suas idéias precisas e claras, salientou de modo especial a educação da mãe a seus filhos. E o amor das mães à Virgem Maria. Os seus exemplos verídicos caíam profundamente nos corações dos presentes.

Colocada a Milagrosa Imagem em cima dum artístico carro andor, preparado pelas senhoras encarregadas da ornamentação – Olga Lago, Beatriz Ughini, Alice Dias e auxiliares – guardada por cinco ricos pajens e rodeada por muitos anjinhos da paróquia e acompanhada por enorme massa de romeiros, foi transportada duas quadras fora da matriz, num lindo Parque Paroquial, onde foi iniciada a santa missa, celebrada pelo Rumo. Pe. Benjamim Busato, representante de S. Excia. Rvma., D. Cândido Maria, Bispo-Prelado de Vacaria, e acolitado por dois sacerdotes, sendo ao mesmo tempo explicada pelo competente e entusiasta locutor Rvmo. Frei Demétrio Zancheta, Diretor do Ginásio São José de Soledade, expressamente convidado para desempenhar esta importante parte da festa.

Ao Evangelho, a palavra do Rvmo. Pe. Benjamim Busato calou profundamente no coração de todos os presentes. Entre outras palavras, salientou, de modo especial, as crises dos tempos atuais, que serão vencidas só quando houver mais virtude e mais caráter. A missa campal foi um verdadeiro torvelinho de preces, num silêncio santo, que se depositavam aos pés da Virgem Consoladora de Ibiacá. De quando em quando, era este silêncio cortado por hinos a Nossa Senhora, e a Santa missa seguia explicada pelo Rvmo. Frei Demétrio.

Terminada a missa campal, voltou novamente a procissão à Igreja Matriz. A massa ia se comprimindo em frente à Igreja Matriz à espera da chegada de Nossa Senhora de Ibiacá. Eis senão quando, se aproxima todo o povo, sob a direção do Frei Demétrio, saudando Nossa Senhora com vivas e a ovacionavam agitando seus lenços brancos, num frêmito de alegria e num tiritar de emoção. Sustentada aos ombros por quatro Filhas de Maria e voltada para o lado do povo, o Rvmo. Pe. Vigário, Pe. Narciso Zanatta, lança a bênção da Mãe de Deus a todas as pessoas presentes e ausentes. A multidão prostrada aos seus pés manifestou nesta hora, à Maria Santíssima, sua grande fé e sua

terna devoção. Pairou nesta hora, no meio deste povo, um profundo silêncio, sinal de súplica e petição.

Às duas e meia da tarde, em frente à Igreja Matriz procedeu-se, como de costume, a grande bênção do Santíssimo aos doentes. A enorme massa se prostrava reverente perante Jesus Nazareno, pedindo, por intermédio de sua Mãe Consoladora, que tivesse mais uma vez piedade e lhe desse mais uma vez as graças de que tanto necessitasse. Era de fato comovedor, ouvindo-se, aqui e ali, imprecações que faziam doer ao mais íntimo da alma.

Não menos impressionante foi a bênção dos carros, antes de voltarem para suas casas. No meio de tantos veículos e das enormes distâncias, graças a Nossa Senhora de Ibiacá, não houvesse a mínima lesão e nenhum ferimento.

Como acontece em todas as Romarias, a população de Ibiacá colaborou em peso.



Figura 11: Ibiacá, 27.02.1955- Terceira Romaria sendo pregador Frei Demétrio Zanchetta

8 – QUARTA ROMARIA – 26.02.1956

A cobertura jornalística da Quarta Romaria a Ibiacá, que teve lugar no dia 26.02.1956, esteve a cargo do Jornal A NAÇÃO, de Porto Alegre, com uma ampla reportagem de Ivo Compagnoni. Diz o texto:

“Perto de 14.000 pessoas estiveram em Ibiacá, 2º distrito de Sananduva (antes 2º distrito de Lagoa Vermelha), no último domingo de fevereiro, dia 26. Procedentes das mais longínquas localidades deste Estado, bem como de Santa Catarina, Paraná e sul de São Paulo, utilizaram-se dos mais variados meios de transporte coletivo, como ônibus e caminhões de carga.

O atual pároco de Ibiacá, Pe. Narciso Zanatta, quando ainda seminarista, enfrentou sérias dificuldades, relativas à sua saúde. Aconselhado a recorrer à SS. Virgem Maria, por seus superiores, ficou especialmente impressionado com o título de “Consoladora dos aflitos”, com que é invocada a Mãe de Jesus. Graças a esta confiança, venceu os empecilhos, chegando a ordenar-se sacerdote. Nomeado pároco de Ibiacá, o Pe. Zanatta divulgou entre os seus fiéis a devoção a Nossa Senhora Consoladora ou da Consolação, cuja repercussão longe estava de prever. O povo correspondeu aos piedosos esforços do seu guia espiritual, e tal foi o fervor suscitado por esta devoção mariana, que, em breve tempo, uma imagem era encomendada. A 25.05.1952 chegava a Ibiacá a imagem que ora se venera num altar lateral da Matriz. Desde então, começaram a afluir peregrinos de toda a parte. Organizaram-se peregrinações anuais, de repercussão internacional, sendo que a realizada neste ano é a quarta.

Nestas solenidades, não há jogos ou divertimentos populares, como é costume em muitas festas de igreja. Apenas

churrasco e tendas com almoço e “completos”. A música, ouvida nos intervalos das cerimônias religiosas programadas, é de cunho religioso, embora alegre e apropriada a recrear e repousar o espírito.

Muito abrilhantou as solenidades a presença de S. Excia. Rvma., Dom Cândido, Bispo-Prelado de Vacaria. Conforme suas próprias palavras, lá estava para, na qualidade de Bispo da Igreja, “esclarecer o povo sobre a verdade teológica” da devoção mariana de Ibiacá. Declarou, outrossim, o piedoso e ilustre Bispo de Vacaria, que os ex-votos existentes, em grande número, ao lado do altar de Na. Sra. Da Consolação de Ibiacá, “nem todos são indicadores de milagres, no sentido próprio da palavra, mas sempre indicam graças especiais alcançadas”.

Trata-se, não há dúvida, de uma legítima devoção mariana, sem o menor laivo de degenerêscia supersticiosa, como já foi veiculado injustamente. Além de ser uma devoção tão antiga quase como a própria Igreja Católica, esta da invocação da Virgem Maria com o título de Consoladora dos Aflitos (constante da Ladainha Lauretana), ela vem recebendo a aprovação expressa de vários Bispos, entre os quais S. Excia., D. Aquino Correia, Arcebispo de Cuiabá, Mato Grosso, cuja pena inspirada de exímio poeta e literato escreveu o hino de Nossa Senhora de Ibiacá, e o Bispo de Lages, SC, Dom Daniel Hostin, O.F.M.

A maior prova, porém, do cunho exclusivamente religioso da festa de Nossa Senhora Consoladora de Ibiacá, está no fato de que todos os que lá foram não possuíam outro atrativo senão aquele da própria fé no sobrenatural, pois que outros atrativos humanos não havia lá.

A festa foi precedida das tradicionais novenas. Na véspera, o sr. Bispo de Vacaria rezou missa, na qual falou sobre a devoção à Virgem Maria. No dia 26, pela manhã várias Missas foram celebradas na Matriz. Às 9:30 horas, D. Cândido celebrou Missa Campal, com pregação. O povo cantava os hinos apropriados e

recitava as preces conduzidas pelo pároco local. Seguia-se a procissão, sendo a imagem de Nossa Senhora conduzida em artístico carro, cercada de crianças vestidas de anjinhos. Um cortejo de pajens precedia o carro triunfal. Às 2:30 horas, uma original bênção aos motoristas, os quais, em homenagem à Virgem Maria, fizeram soar as buzinas de seus carros durante a bênção. Logo após, pelo Sr. Bispo Dom Cândido, foi dada a bênção do Santíssimo aos doentes. Finda esta, o Pe. Zanatta, conjuntamente com outros dois sacerdotes presentes, deu a bênção ritual aos devotos da Virgem Consoladora. Presenciamos, então, cenas tocantes: mães, em altas vozes pediam a saúde ou o bem espiritual para seus filhos. Outros agradeciam, publicamente, graças alcançadas. São momentos, prezados leitores, em que o sobrenatural paira sobre nós, vencendo quaisquer argumentos da inteligência humana. Realmente, a Fé começa onde acaba o alcance da nossa pobre razão.

O êxito e a boa ordem das solenidades que estamos descrevendo, devem-se à organização que as precedeu. Três meses foram dedicados a tal organização. Quarenta a cinquenta pessoas, distribuídas em várias comissões, foram os responsáveis pelo absoluto sucesso da 4ª Romaria à Imagem Milagrosa de Ibiacá. A comissão central era composta por Reinaldo e Pierina Ragnini, João e Maria Brambatti, José e Ester Durigon, Avelino e Dileta Dalla Gasperina, Arlindo e Vergolina Sbalchiero. A alma da peregrinação, incansável e atento a todos os problemas que uma tal celebração exige, foi o Rvmo. Pe. Narciso Zanatta, que vê assim coroado de êxito o seu esforço em difundir a devoção à Virgem Maria. Menção especial merecem, também, as Revdas. Irmãs Franciscanas, que exercem atividades no Hospital e na Escola local, bem como o sr. Valentim Andreetta, eficiente secretário e arquivista da Paróquia.

Em Ibiacá, conforme acima já nos referimos, existe um surto de piedade mariana, baseado em Fé autêntica. Quis Deus que lá ocorram fatos miraculosos. É o que dizem, pelo menos, as

centenas de ex-votos pendurados à parede da igreja de Ibiaçá. Citaremos, a título de confirmação do que afirmamos, alguns casos registrados.

Alberto Spuldaro, de Antônio Padro, sofria de tuberculose e na espinha dorsal, estando desenganado pelos médicos. Recorrendo a Na. Sra. De Ibiaçá, ficou curado completamente. Jorge Sganzerla, de Guaporé, ficou ferido em uma das visitas, do que resultou, mais tarde, a cegueira. Sua mãe lavou a vista afetada por três vezes com água benta de Na. Sra. Consoladora, conseguindo a cura completa. Maria Felipi, de Passo Fundo, agradece a Nossa Senhora Consoladora por ter recebido a fala. Fioravante Bernardi, de Antônio Prado, desenganado dos médicos, com um câncer na língua, curou-se ao receber a bênção de Na. Sra. Consoladora de Ibiaçá.

João Pelizzer, de Francisco Beltrão, Paraná, entrevado, com perda total da mobilidade das pernas, com fortes dores, baixou ao leito desde janeiro até 17.07.1955, e ao invocar Nossa Senhora Consoladora, levantou-se incontinenti do leito, são e curado. Otacílio Sebastião da Silva, de São José do Ouro, RS, há dez anos, sete meses e dez dias, estava preso ao leito, sem poder mexer-se, sofrendo continuamente. Levado numa camioneta, em 31.12.1954, aos pés da Virgem Consoladora de Ibiaçá, depois de ter recebido a bênção no dia 01.01.1955, estava curado, podendo andar.

Muitos outros fatos, em grande número, poderiam ser aqui transcritos. Estes, porém, são suficientes para fazermos um julgamento do que se passa em Ibiaçá. Não podem, evidentemente, ser invocados, por sua natureza, os fatos miraculosos de ordem espiritual, como são os casos de conversão. Cremos que eles existam, talvez muito mais numerosos que os casos de curas e outros favores naturais, físicos.

‘A Fé transporta montanhas’, e pela Fé, pela devoção à Virgem Maria, milhares de pessoas deixam seus lares, viajando

dias inteiros, enfrentando más estradas, poeira calor e sono, vindos de Pato Branco, Paraná, de Videira, em Santa Catarina, e de dezenas de localidades dos Estados sulinos, para trazerem seu tributo de Fé à Mãe de Deus.

O título de Consoladora parece comover mais os homens deste triste século. Aí está, talvez, a explicação do movimento religioso-mariano, verificado durante todo o ano em Ibiaçá. “Perto de 800 pessoas vão em peregrinação, mensalmente, ao Santuário de Nossa Senhora Consoladora, mas especialmente no dia da romaria, cuja data fixa é o último domingo de fevereiro”.

“O Nacional”, de Passo Fundo, fez também ampla cobertura da romaria, esclarecendo que mais de 450 pessoas trabalharam para atendimento dos fiéis. Foram abatidas 12 reses, numerosos leitões e galinhas. As cerimônias foram transmitidas pela Rádio Cacique, de Lagoa Vermelha. Estavam presentes vários sacerdotes, entre os quais, o Pe. Ângelo, Vigário de Imuerê, Videira, SC; Pe. Valentim Miotto, Vigário de São Miguel; Pe. Olímpio Pagnoncelli, Reitor do Seminário Diocesano; o Pe. Barison, de Lages, SC, e seu coadjutor.

O jornal passo-fundense dá conta de numerosas graças alcançadas pelos devotos de Nossa Senhora Consoladora. Filomena Barbon, de Seara, SC, após 25 anos de sofrimento, com terríveis dores de cabeça, obteve cura imediata, diante do altar da Santa, no dia da romaria. Outras pessoas curadas: Maria Gratieri, doente do coração; Antônio Brunetto, de Lagoa Vermelha, curou-se da mudez; Porcília Londolina, de Chopim, PR, alcançou para seu filho a recuperação da fala e da mobilidade dos membros inferiores paralisados; Alziro Bedin, paralítico, ficou completamente curado; Santo Zanchet, de Lages, SC, que há 40 anos sofria de ataques curou-se depois de visitar Ibiaçá pela segunda vez. O major Fidélis deixou na igreja uma espada de estimação, com a qual fizera três revoluções, sendo a primeira a de 1893.

9 – QUINTA ROMARIA – 24.02.1957

Acerca da Quinta Romaria, realizada no dia 24.02.1957, vamos transcrever alguns tópicos da grande reportagem do jornal “A Nação”, de Porto Alegre, escrita pelo jornalista Tarcísio Battu Wichrowski, no dia 06.03.57.

“A célebre vila de Ibiaçá era o 12º distrito de Lagoa Vermelha. Com a emancipação de Sananduva, Ibiaçá tornou-se o 2º distrito, com tamanho progresso, graças à união de 200 famílias locais, que já faz nome como ‘Celeiro do milho e do trigo’. Mas isto tem uma origem certa: a devoção a Nossa Senhora de Ibiaçá, que transformou, realmente, a paróquia numa família. E essa família devota vem recebendo o auxílio da Mãe comum com tal abundância, que o enlaçamento de seus vizinhos e outros oram transformando a igreja, uma capela de madeira, em Santuário, com romaria anuais, reunindo peregrinos de Tapejara, Marcelinho Ramos, Vacaria, Nova Prata, Campos Novos (SC), Lagoa Vermelha, Lajeado, Guaporé, Maringá (PR), Xaxim (SC), Erechim, Getúlio Vargas, Passo Fundo, Porto Alegre, Sananduva, Lages (SC), Sarandi, Carazinho, Soledade, Aratiba, Toledo (PR), Joaçaba (SC) e Distrito Federal...

...A força da união, o auxílio, o linimento para a corpo está escrito nas paredes do altar de Nossa Senhora, onde se lê, entre centenas: ‘Caseiros, Lagoa Vermelha, Maria de Lourdes Pacheco, com doença desconhecida, deslocação de todos os membros, com uma perna quase decepada, semi-morta, desenganada pela ciência médica, é curada mediante a bênção de Nossa Senhora Consoladora, 22.11.1952. Sátiro Soares de Oliveira, Caseiros, Lagoa Vermelha, entravado há mais de dois anos, acha-se bom, depois de recorrer a Nossa Senhora 22.11.52. Antônio Merlo, de Guaporé, paralítico das pernas há 37 anos, de 1917 a 1954, recorre à Virgem de Ibiaçá, após ter feito promessa, recebe a

bênção aos pés de Nossa Senhora. Dias após consegue reaver as penas e retorna curado a Ibiacá, para trazer as muletas. Benjamim e Leonora Sguissardi, de Sananduva, agradecem a Nossa Senhora de Ibiacá a cura do filho Aldérico, vendo-o sem os ossos que cobrem a cabeça e o líquido espalhado, invocaram por Nossa Senhora Consoladora, prometendo nove rosários consecutivos e de dar a Nossa Senhora como sinal, se fossem atendidos, a touca do pequeno. Ao chegar no sétimo dia da novena, ele estava completamente bom, com osso e pele.

Décio Andres, esposa e sogra percorreram a pé cerca de 50 quilômetros, desde Quatro Irmãos até Ibiacá. Ermínio Camarella, José Nardi e Vicente Mirando andaram 70 quilômetros a pé. A devoção a Nossa Senhora de Ibiacá está escrevendo fatos dos mais impressionantes de fé e esperança – ‘bendito aquele que tem fé’.

A devoção à Virgem de Ibiacá anda. No entanto, existem os ataques, os silêncios ferinos... Interrogado sobre a devoção a Nossa Senhora de Ibiacá, S. Excia. Rvma. D. Cândido Júlio Bampi, Bispo da diocese de Vacaria, disse: Essa devoção em lugar pouca dado à religião, desenvolveu maravilhosamente. Cada vez crescem mais a frequência à Santa Maria, as confissões e comunhões e comunhões. Isto sem incluir os peregrinos, em número variável de 800, que mensalmente visitam Nossa Senhora.

Esta romaria vem provar a movimento de piedade, devoção e fé que se realiza em Ibiacá. Hoje de manhã já distribuimos a Sagrada Comunhão para mais de três mil pessoas... A confiança ilimitada em Nossa Senhora – prosseguiu S. Excia. D. Cândido não é só no dia da festa, mas continuamente chegam romeiros de todas as partes, de todos os Estados, para pedirem a bênção de Nossa Senhora, que sempre é carinhosa, dada pelo Rvmo. Padre Vigário, ou seu substituto, segundo o ritual da Santa Madre Igreja.

De fato – disse ainda D. Cândido – pelo testemunho espontâneo de muitíssimos fiéis, são concedidas constantemente verdadeiras graças, às vezes realmente extraordinárias. O que há de mais consolador para o Vigário – concluiu o Bispo de Vacaria – é a renovação espiritual da paróquia, que se pode constatar pelo crescente número de confissões e comunhões, e pela assistência religiosa às cerimônias da Igreja...’

Para aqueles que ainda não conhecem a devoção a Nossa Senhora de Ibiacá, deixamos como final, a Oração a Nossa Senhora de Ibiacá:

‘Virgem e Mãe querida! Senhora Consoladora de Ibiacá! Cansado, doente e aflito, eis-me aqui a vossos pés. Não encontro em redor de mim nada que me alivie. De tantos sei que Vos imploram e Vós os ouvintes. Senhora, acudi-me a mim também. Pequei mas peço o grande perdão ao bom Deus. Boa e Santa Mãe, escutai meus gritos de dor e angústia. Vinde para mais perto de mim e consolai-me.

A quantos consolastes, Virgem Santa e Piedosa! Destes a uns o que vos pediram, a outros concedestes, pelo menos, submissão e resignação à vontade de Deus. Dai-me dessas graças, a que melhor servir para minha salvação eterna. Senhora, não desprezeis minhas súplicas, mas ouvi-as bondosa. Amém”’.

A 5ª Romaria foi precedida por novena pregada pelo Pe. Alfredo Beltrame, M.S.F., pároco de São Domingos, SC. Foram festeiros: Fiorindo Colla, Ricardo Durigon e Raimundo Brunelli e esposas.



Figura 12: Ibiacá- O Pe. Zanatta falando aos romeiros, ao lado de D. Cândido e do deputado federal Dr. João de Paula e Silva

10 – ROMARIAS VI A XXXIII – 1958-1985

A 6ª Romaria, em 23.02.58, contou a presença de D. Cláudio Colling, Bispo de Passo Fundo e Administrador da Diocese de Vacaria, o qual pregou no dia da festa, havendo o Pe. Narciso Zanatta pregado durante a novena. A chuva deslustrou um pouco o brilhantismo da romaria.

Na 7ª Romaria, em 22.02.59, foi pregador o Frei Lauro Reginato, cura da Catedral de Vacaria. Na 8ª Romaria, em 28.02.60, foi pregador D. Frei Cândido Bampi, agora Bispo Auxiliar de Caxias do Sul. Na 9ª Romaria, em 26.02.61, pregou o Bispo Diocesano D. Augusto Petró. A 10ª Romaria, em 25.02.62, foi a mais concorrida de todas as anteriores, havendo concorrido o bom tempo.

A 11ª Romaria, em 24.02.63, teve como pregador o missionário Pe. Eduardo. Para maior concurso de romeiros, esteve presente o idealizador de devoção de Nossa Senhora Consoladora, o Pe. Narciso Zanatta, ausente da paróquia desde

1957. As cerimônias foram transmitidas pela Rádio Passo Fundo e pela Rádio Cacique de Lagoa Vermelha.

Na 12ª Romaria, em 23.02.64, comparecem 35 mil romeiros e oito sacerdotes. Na 13ª Romaria, em 28.02.65, foi pregador o Bispo Diocesano, D. Henrique Gelain; apesar da chuva, houve 15 mil romeiros. D. Henrique presidiu também a 14ª Romaria, em 25.02.66, como também a 15ª em 26.02.67, na qual estiveram presentes 30 mil romeiros e 12 sacerdotes.

Na 16ª Romaria, 25.02.68, compareceram os Bispos D. Henrique Gelain e D. Frei Cândido Bampi e cerca de 40 mil romeiros. D. Henrique ainda presidiu as Romarias nº 17ª em 23.02.69, nº 18ª em 22.02.70, nº 19ª em 28.02.71; nesta estavam presentes 28 sacerdotes e foi inaugurado o telhado do novo Santuário.

Na 20ª Romaria, em 27.02.72, presidida por D. Henrique Gelain, houve 30 mil romeiros e 12 mil comunhões, apesar do mau tempo. A partir da 21ª Romaria, por determinação do sr. Bispo, todos os sacerdotes da Diocese deveriam comparecer para auxiliar o serviço pastoral no dia da Romaria.

Com a posse dos Padres Redentoristas (16.12.73), as romarias passaram a ganhar maior impulso, aumentando cada vez mais o número de romeiros. Na 22ª Romaria, em 25.02.74, choveu, havendo, assim mesmo, cerca de 30 mil romeiros e 25 sacerdotes. A partir deste ano, principiou a ser realizada uma pequena romaria nos nove meses que precedem a grande Romaria.

A 23ª Romaria (23.02.75), com bom tempo, sendo pregador do tríduo o Pe. Pedro Ávila, de Aparecida do Norte, contou com cerca de 50 mil romeiros, D. Henrique e 32 sacerdotes; transmissão da TV Passo Fundo, TV Erechim, Rádio Fátima de Vacaria e Rádio Cacique de Lagoa Vermelha. Na 24ª Romaria (29.02.76), pregou ainda o Pe. Pedro Ávila, Redentorista; tempo bom; 50 mil romeiros.

Na 25ª Romaria (27.02.77), com bom tempo, pregação do padre Redentorista Antônio Bibiano Siqueira, presidiu as solenidades o Bispo D. Henrique, acompanhado de 38 sacerdotes, sendo 15 Redentoristas e 50 mil romeiros. Dois Bispos, D. Henrique Gelain e D. Benedito Zorzi, de Caxias do Sul, e o Provincial dos Padres Redentoristas, Pe. Altamiro Rossato, presidiram a 26ª Romaria (26.02.78), mais 27 sacerdotes, oito seminaristas, o diácono Benigno Dal Moro e a Ir. Romilde Contoni, franciscana. A 27ª Romaria (25.02.79) foi grandemente prejudicada pelo mau tempo. Na 28ª Romaria (1980) houve grande afluência de romeiros.

Em preparação à 29ª Romaria (1981), foram pregadas Missões pelos Padres Redentoristas: Altamiro Rossato (Provincial), Aloísio Schneides, Euclides Cembranel e Lírio Pezzini, auxiliados pela Ir. Zenaide Perin, de Palmeira das Missões; a romaria foi presidida pelo Mons. Jaime Kramer da Fonseca, representante do sr. Bispo. Na 30ª Romaria (28.02.82) pregou o Pe. Elio Nodari.

A 31ª Romaria (27.02.83) contou com a presença do Pe. Narciso Zanatta, provocando a presença de numerosos romeiros, apesar do mau tempo reinante; além disso, o CNP negou a abertura dos postos de combustível, fato inédito que causou enorme transtorno.

Na 32ª Romaria (26.02.84), presidiu as cerimônias o Bispo coadjutor, D. Orlando Dotti, o qual pregou durante o tríduo e na solene Via Sacra; as cerimônias tiveram lugar, pela primeira vez, no novo altar campal, junto à torre do Santuário, inaugurada nesta ocasião. Estavam presentes 40 sacerdotes, tendo havido transmissão de duas estações de TV e quatro emissoras de rádio; mais de 50 mil romeiros. Nesta romaria, os Padres Redentoristas despediram-se de Ibiacá; D. Henrique agradeceu publicamente o excelente apostolado que estes religiosos realizaram em Ibiacá, durante dez anos. Foi depois empossado o novo pároco, na

pessoa do Pe. Valdir Begnini, tendo o Pe. Germino Pagno lido a provisão.

A 33ª Romaria (24.02.85), com bom tempo, foi a mais concorrida de todas, registrando-se a presença de mais de 80 mil remeiros; foi presidida por D. Henrique Gelain e D. Orlando Dotti, acompanhados de mais de 50 sacerdotes. O pregador foi D. Orlando Dotti, Bispo coadjutor de Vacaria.



Figura 13: Romaria de 1985, em Ibiacá, o andor da Imagem de Nossa Senhora Consoladora

11 – HINO A NOSSA SENHORA DE IBIAÇÁ

A pedido do Pe. Narciso Zanatta, D. Aquinho Correia, Arcebispo de Cuiabá e membro da Academia Brasileira de Letras, compôs, no dia 27.04.1953, o hino seguinte, para o qual o Frei Nicolau Lucian fez a música:

Do eterno Deus sois Filha e Esposa,
Ó Mãe bendita de Jesus!
Virgem Clemente e Poderosa,
Nossa Esperança e nossa Luz.

Estrilho:
Consoladora dos aflitos,
Nossa Senhora de Ibiacá,
Dos nossos males infinitos
O vosso amor nos salvará.

Ó doce Mãe, Virgem Maria,
Lembrai-vos sempre, em vosso amor
De que jamais, vossa alma pia
Negou refúgio ao pecador.

Derramai, pois, nas amarguras
Dos nossos pobres corações,
Todas vossas santas, puras
E maternais consolações.

Mons. José Albino Agassi compôs também a letra do hino
abaixo, sob o título de AVE MARIA DE IBIACÁ:

Ave Maria, mãe de ternura,
Volvei da altura o vosso olhar.

Coro.
Ave Maria, mãe de Ibiacá,
O vosso amor nos salvará.

Ave Maria, ó mãe bendita,
Nossa alma aflita recorre a Vós.

Ave Maria, soluça o podre,
Diz quem encobre no peito a dor.

Ave Maria, do enfermo a parece
Se compadece o vosso amor.

Ave Maria, na extrema hora
Só Vós, Senhora, nos valereis.

O Irmão Marista Luiz Rigo compôs outro hino, que começa assim:

Vós sois, ó Senhora
da Consolação,
nas lutas do mundo
celeste canção.

O poeta Aduíno Vuelma escreveu um longo poema de 66 estrofes, sob o título “A Vida do Padre Zanatta”. Vão aqui algumas estrofes:

Nasceu o quarto filho
De Ângelo e Augusta Zanatta,
Outra vez o lar em festa
Se tornava nesta data,
Nasceu numa casinha
Quase no meio da mata.

Narciso Zantta já nasceu
Com uma verdadeira devoção,
No seu quarto fez um altar
Onde fazia sua oração,
Com quatro anos e nove meses
Fez a primeira comunhão.

Narciso cresceu e um dia
O seu estudo começava
Numa escola em Tapejara,
Muito longe onde morava,
Não tinha frio e nem chuva,
Na escola nunca faltava.

Seis mil metros de distância
Ele fazia sem preguiça
Tanto para ir na escola
Como para ir à missa,

Para poupar caminhada
la a cavalo numa petiça.

Ao regressar da escola,
Narciso contente dizia:
Mamãe, quero ser padre
Se deus quiser um dia;
Sua mãe, entusiasmada,
Que sim, sempre respondia.

Quando foi em 1934,
Com quatorze anos de idade,
Foi estudas em Santa Maria;
Naquela linda cidade
Estudou quatro anos,
Depois teve enfermidade.

A sobrinha de Pe. Narciso, D. Rose Broch Guindani, filha da Maria de Lourdes e de Victório Broch, casada com o Dr. Oswaldo Guindani, ex-prefeito de Canoas, compôs o seguinte poema:

Ave Maria
Mãe de Deus
Nossa Senhora Consoladora
Aquela que veio para consolar e ajudar
Consoladora dos aflitos

Oh! Nossa Senhora Consoladora
Fique sempre conosco agora e sempre
Assim nos sentiremos com forças suficientes
De vencer os obstáculos da vida
Com sua proteção
Venceremos no trabalho
Venceremos na saúde
Venceremos como seres humanos
Nossa Senhora Consoladora

Fique sempre conosco agora e sempre
Para nos das a força

Necessária
Para vivermos com dignidade
A serviço e à causa de Deus
Nossa Senhora Consoladora

04/06/85

II PARTE

12 – GRAÇAS E MILAGRES

No Santuário de Ibiacá, encontram-se expostos vários milhares de ex-votos, testemunhado graças a milagres alcançados de Nossa Senhora Consoladora. Além de milhares de fotos, há cerca de duas dezenas de mulatas, deixadas por pessoas que sofriam de paralisia e foram curadas. Outras tantas muletas foram, há tempos, retiradas do recinto da igreja.

Conforme se lê no “Diário do Pioneiro”, de Caxias do Sul, de 15.12.1951, graças extraordinárias foram obtidas de Nossa Senhora, mediante a bênção do Pe. Narciso Zanatta, quando era pároco de São Manuel, distrito de Vacaria. Na notícia, as graças alcançadas vêm todas acompanhadas de fotos das pessoas beneficiadas.

Algumas destas graças, publicadas no referido jornal: Alcides e Ana Sevier, de Água Santa, Passo Fundo, perdidas todas as esperanças de ter um herdeiro, tiveram um filho, após a bênção e preces a Nossa Senhora. Luís Danielli, de Passo Fundo, desenganado, curou-se completamente, Rosmar Paulo Marcon, igualmente desenganado dos médicos, curou-se completamente. Dionisio Perossi, de Caxias do Sul, curou-se de paralisia. Zelinda Furlan, de Antônio Prado, desenganada, recuperou a saúde. Rubem Morelli, enfermo durante 15 anos curou-se após a bênção. José Sebben, de Vacaria, sofria mentalmente e ficou curado com a bênção.

Um dia, quando o Pe. Narciso Zanatta era pároco de Ibiaçá, estando em viagem e com o veículo avariado na estrada, perguntou se por perto não havia algum doente para visitar.

– Sim, há naquela casa um senhor paralítico há 30 anos.

O Pe. Zanatta fez-lhe visita, de-lhe a bênção e recomendou que fosse a Ibiaçá, visitar a imagem de Nossa Senhora Consoladora.

– Como irei, se não posso andar? – Objetou o paralítico.

– O senhor dê um jeito, sim?

O fato é que o homem, sentindo-se melhor, começou a caminhar e foi a Ibiaçá, de onde voltou para casa completamente curado. Hoje este senhor, de nome Antônio Merlo, reside em Marau, RS.

Artêmio Mazzaro, sobrinho de Frei Romualdo, Capuchinho, tinha toda a sua porcada doente das penas, caindo. Pedir ao Pe. Zanatta que desse a bênção. O padre deu então uma bênção, traçando simplesmente uma cruz com a mão direita. E os porcos ficaram logo todos curados.

O livro “O Primeiro Século”, publicado em 1981, de autoria de Demétrio Dias De Moraes, Davino Valdir Nepomuceno e Nellu Pinto Lacerda, na página 106, publica o seguinte fato, sob o título de “Um milagre de Nossa Senhora Consoladora de Ibiaçá”:

“Ibiaçá é uma cidade de Grande Lagoa Vermelha, distante daqui 45 Km e 12 da cidade de Sananduva, na estrada que leva a Passo Fundo, via Tapejara. Município novo, criado em 22.11.1965, com uma área de 568 quilômetros quadrados e uma população de pouco mais de sete mil habitantes, que se ocupam quase todas na agricultura e na pecuária, Ibiaçá é, entretanto, bastante conhecida nos três Estados sulinos, em virtude do seu Santuário dedicado a Nossa Senhora Consoladora, erguido aqui na década de 1950 pelo Pe. Narciso Zanatta.

Anualmente, no último domingo de fevereiro, realiza-se concorridíssima romaria a este Santuário. São milhares de devotos que percorrem, quase todos a pé, longas distâncias, por vezes durante vários dias de viagem. No recinto do templo, podem-se observar milhares de ex-votos, muletas, fotografias, que atestam graças recebidas e atribuídas a Nossa Senhora Consoladora.

No dia 26.02.1975, graças ao bom tempo, a romaria contou com extraordinária afluência de devotos. Pois nesse dia, por volta das três horas da tarde, quando em Ibiacá se encerravam as cerimônias com solene procissão, ocorreu na cidade de Lagoa Vermelha um fato sensacional, presenciando por numerosas pessoas, as quais são unânimes em declarar tratar-se de um acontecimento que não encontrava explicação natural.

No Armazém Comercial J. Gritti, na rua Dr. Jacques Garcez, na Vila Gaúcha, nesta cidade, encontravam-se reunidas mais duas dezenas de pessoas, ouvindo a transmissão radiofônica das cerimônias de Ibiacá, através da Rádio Fátima, de Vacaria Finda a bênção, dada pelo Bispo D. Henrique Gelain, as pessoas reunidas naquele bar-armazém comentavam a invulgar concorrência de fiéis nesta romaria.

Um senhor, que estava sentado à mesa, a um canto da sala, juntamente com dois amigos, o João e o Valter, começou a falar com desprezo e irreverência do espírito religioso do povo que vai a Ibiacá. Afirmava que Nossa Senhora não passava de um simples pedaço de madeira, que o povo era louco de correr atrás de um pedaço de madeira...

O Sr. Alcides Gritti e seu filho, proprietários do armazém, bem como outras pessoas, advertiram então aquele senhor de que não devia falar com tanta irreverência. Não ficava bem dizer aquelas bobagens num recinto público.

Em dado momento, aquele indivíduo irritou-se diante das reclamações, exaltou-se e continuou proferindo despautérios. Por

fim, ainda mais irritado, levantou-se da mesa, desferiu um soco sobre ela, proferindo ao mesmo tempo a mais incrível e blasfema provocação, nestas palavras impublicáveis: “Para mim, Nossa Senhora e uma merda é a mesma coisa!...”

Nem bem havia terminado de proferir esta blasfêmia, ouviu-se na casa uma tremenda explosão, como de poderosa bomba, um estrondo bem mais forte que um tiro de espingarda de grosso calibre, tão forte, que o rapaz do balcão atirou-se por trás deste, julgando que havia explodido o motor frigorífico armazém.

No entanto, ninguém, a não ser o blasfemados, foi atingido. Ele recebera no rosto, bem em cheio, atingindo-lhe a fronte e os olhos, um violento jato de massa, que depois se soube tratar-se de restos de salsicha.

Acontece que, no momento da explosão, uma latinha de salsicha Oderich, que se encontrava numa prateleira, no alto, por trás do balcão, caiu, provocando um som metálico como se estivesse vazia. O balconista agarra-a e, mostrando-a aos presentes, exclama, com grande admiração: Vejam só o que aconteceu!

Cada um procura agarrar na mão a latinha vazia, e observa então que ocorreu uma violenta explosão, abrindo-a. A latinha estava aberta no centro lateral e pelo orifício aberto com a explosão projetara-se todo o seu conteúdo com extrema violência.

O projétil mole, com pontaria admirável, partira da latinha como se fosse uma carga de chumbo de uma espingarda. Passou por sobre o balcão, desviou milagrosamente a lâmpada pendente do forro da sala, atravessou o salão em diagonal, passou por entre o João e o Valter, sem atingi-los com uma só gota de salmoura ou migalha de salsicha, e foi acertar em cheio o rosto do blasfemador.

Enquanto este, sem ter sofrido ferimento algum ou qualquer machucadura, foi levar-se no banheiro, os comentários sucediam-se em voz alta: Mas como pôde acontecer uma coisa

destas?! Na lata de salsicha não existe a mínima pressão. Nunca se ouviu dizer que uma latinha de salsicha explodisse. E donde veio toda essa força maluca? Como pôde atravessar o salão sem atingir a lâmpada, sem atingis pessoa alguma, mas apenas o blasfemador? Quem pode explicar?

“Pois é – concluiu um presente – com Nossa Senhora não se brinca! Contra Nossa Senhora não se blasfema. Logo agora, neste momento de bênção, transmitida pela rádio!...”

Em 04.07.1950 o Dr. Clóvis Lacerda Ramor, de Vacaria, escrevia ao Pe. Narciso Zanatta acerca do Dr. Abelardo José Nácul, então prefeito de Lagoa Vermelha e mais tarde Deputado Estadual: “Informado que fui pelo Dr. Abelardo Nácul, muito digno Edil de Lagoa Vermelha, meu colega e particular amigo, de que o Reverendo o curou de uma colicistite crônica e uma úlcera gástrica...”

Em 15.08.1965, Gaudêncio Victório Mattana, de Palmas, escrevia ao Pe. Zanatta: “Eu e minha família, desesperados e com o coração nas mãos, suplicamos a V. Rvma. que na primeira missa que for por vós celebrada, lembra-vos de suplicas ao Altíssimo que uma graça seja alcançada pela saúde de minha esposa...”

Procedia assim por estar informado de que o Pe. Zanatta, havendo pedido, duramente a missa, pela saúde de um senhor que estava desenganado, este recuperou logo a saúde.

A Ir. Maria Luíza Zanchetta, que aparece alhures neste livro como Ir. Luíza Antonieta, seu nome religioso, é uma psicóloga e psiquiatra de renome, formada em Medicina. Residindo agora em Porto Alegre e trabalhando numa clínica, vem realizando curas da alma e do corpo para milhares de pessoas sofredoras. Ela depôs, no dia 10.05.1985:

“Em 1954 estive em Ibiacá. Ainda recordo com emoção e alegria a presença do Pe. Narciso Zanatta na Igreja. Pareceu-me

que o universo foi entrando em você, Pe. Narciso, porque teve a coragem de ser pequeno para si e grande para os outros.

Você fundamenta sua vida no Amor e passa pelo mundo fazendo o bem, vivendo o seu lema: ‘Darei a minha vida e o meu coração aos que sofrem’.

Em altos brados você dizia: ‘Viva Nossa Senhora Consoladora!’ – Impressionaram-me muitos casos de cura, particularmente quando quatro homens trouxeram uma senhora que estavam na Igreja gritando, pulando e gesticulando, e você, Pe. Narciso, fez o exorcismo, usou água benta e impôs as mãos. A senhora deu um grito e sentou calma.

Todos agradeciam a Deus e a Nossa Senhora esta libertação. Não me prolongo narrando casos de pessoas que continuam sendo beneficiadas pelo carismático Pe. Narciso.

Você foi se tornando um pensamento de Amor de Deus, e sua vida vai sendo uma resposta de amor. Você vence porque acredita verdadeiramente em Deus e na Santíssima Virgem, Mãe de Deus e nossa Mãe. Você acredita no potencial que recebe DELE, usando-o na sua força total e voltada sempre para o bem comum.

Como intrépido astronauta em 1954, e agora em 1985, vejo-o voltando com as mãos cheias de estraladas, irradiando entusiasmo, idealismo, paz, alegria, fé. Irradiando Deus – única Fonte de felicidade.

Você anseia que todos os homens experimentem a fraternidade de Cristo, juntando-lhes as mãos para a construção de um mundo novo. Você também afirma que a fé robusta de Maria é necessária de modo especial, porque o nosso mundo precisa de um testemunho de ‘fé vivida’ para aceitar a evangelização.

Prezado amigo, Pe. Narciso, filme na fé, no Amor a Deus e à Virgem Maria, continue irradiando a Paz, a Bondade e o Amor de Cristo, bálsamos libertadores”.

13 – PROVAÇÕES

As obras de Deus aumentam sua autenticidade através da provação. O movimento mariano, iniciado em Ibiacá em 1952 pelo Pe. Narciso Zanatta, é sem dúvida obra de Deus. Para sua autenticação, não faltaram provações.

Sem a bênção de Senhor e a proteção da SS. Virgem, a devoção a Nossa Senhora Consoladora de Ibiacá não poderia espalhar-se tão rapidamente, atingindo vários Estados e outras Repúblicas.

A primeira Romaria, como ficou dito, contou com a participação de cerca de dez mil fiéis. Na última, em 1985, o número de romeiros aproximou-se dos cem mil.

As graças alcançadas por intercessão de Nossa Senhora Consoladora e a bênção do seu idealizador, o Pe. Narciso Zanatta, fizeram com que Ibiacá se transformasse em local de contínua romaria.

Então, acontecia que Vigários de outras paróquias solicitassem bênçãos deste sacerdote em favor de seus paroquianos enfermos. Um exemplo: No dia 28.09.56, o Pe. Mário, pároco de Nova Bassano, remetida ao Pe. Zanatta a relação de nomes de pessoas gravemente enfermas para que ele as abençoasse. Estas pessoas eram: Paulina Toschi, de 65 anos; Dionísia Nicoli, de 42 anos; e Tarcísio Garbin, de sete anos.

Por vezes, pessoas doentes de outras paróquias que não a de Ibiacá, mesmo sem pedir licença do seu pastor, convidavam o Pe. Zanatta a fazer-lhes uma visita e abençoá-las. Acontecia, então, como ocorreu em 27.09.56 com o Pe. João de Smedt, de Charrua, que párocos se queixassem ao sr. Bispo pela entromissão de sacerdote estranho em sua paróquia.

Outras vezes, párocos convidavam o Pe. Zanatta para presidir uma festa, como ocorreu em Pulador, Guaporé, cujo vigário, Pe. Antônio Cerato, solicitou a presença de pároco de Ibiçá na Romaria de Nossa Senhora de Lourdes, a realizar-se nos dias 10 e 11.02.1957. Havendo-se obtido autorização da Cúria Metropolitana, foi impresso um belo programa no qual se dizia que o Pe. Zanatta cantará a missa solene do dia 11, pregará sobre o poder de Nossa Senhora e dará a bênção aos doentes.

Pois no dia 04.02.57, o Pe. Cerato escrevia ao pároco de Ibiçá: “Vim de propósito para avistá-lo que foi vedada nestes dias pelo Arcebispo Metropolitano sua chagada na minha paróquia, depois de dada a licença da Cúria Metropolitana em 03.10.56. ‘Que vergonha para mim!’.

Em 13.02.1957 o Pe. Dionísio Massignani, pároco de Fagundes Varela, Veranópolis, após haver convidado o Pe. Zanatta para pregador da festa de Nossa Senhora da Saleté, recebe comunicação da Cúria Diocesana, negando o uso de ordens do Pe. Dionísio. – Omnia Parata. Tudo suspenso. Festa estragada. Passar de palhaços. Nunca me aconteceu um caso semelhante”.

Em 27.09.56 o diácono Guerino Parisotto, de Tapejara, Passo Fundo, havendo obtido alguma ajuda do Pe. Zanatta, para custeio de seus estudos, convidou este seu benfeitor para a Ordenação Sacerdotal em Tapejara no dia 25.11.56. “Para tanto – escreveu o diácono – solicitei autorização do sr. Bispo. Sua Excia. disse que pode assistir à Ordenação, *contanto que não dê bênção a ninguém*”.

Como se vê o Pe. Zanatta estava proibido de dar a bênção sacerdotal fora de sua paróquia. Proibido de auxiliar outros párocos...

Em 12.02.77 o Pe. Zanatta escrevia a um de seus antigos superiores eclesiásticos: “Lançou mão de cartas, de circulares, da

Rádio e reuniões, envolvendo-se comigo até Montevidéu para embarcar a vinda dos Irmãos da Sagrada Família, que deveriam assumir o maior Colégio do Oeste do Paraná. Unicamente para me desmoralizar e ver se terminava de me aniquilar...

É que o Pe. Zanatta se tornara conhecido em quase todo o sul do Brasil, não pelas valentias e atos arbitrários, mas por ter procurado fazer o bem, indo ao encontro do pobre, de toda a espécie de necessitados, com poderosos; por ter ajudado eficazmente na administração de V. Excia. Rvma., colaborando na segunda etapa de construção do Bispado, do Seminário, etc. E, principalmente, por ter dado ‘as famosas bênçãos rituais’...

Outro fato sintomático: Há quatro anos falecia santamente em Palmas minha saudosa mãe. Tratando-se de família tradicional de Tapejara, RS, escrevi aos padres do lugar para celebrar a missa de 30º dia naquela igreja. Era mais do que justificado por a família, especialmente meu pai, por 20 anos fabricante, e como minha mãe ajudou em tudo, desde os inícios da então Capela de Na. Sra. da Saúde, depois Matriz de Sede Teixeira, hoje Tapejara.

Ajudaram na construção do colégio, do hospital, da casa paroquial. Padres e frades sempre foram auxiliados, amparados e acarinhados pela família Zanatta, especialmente o saudoso Pe. João Farinon, benemérito das vocações, falecido de desgostos que não lhe pouparam seus superiores eclesiásticos; o Pe. Júlio Marin, amigo dos imigrantes e pejado de injustiças; o Pe. Calógero Tortorici, sábio, santo e prudente pastor.

Pois bem. “Apesar da licença escrita, em reconhecimento de quanto fez a família Zanatta em favor daquela comunidade, fui impedido de celebrar a missa do 30º dia de minha mãe...”

Em 21.06.1977, o Pe. Zanatta escrevia a outro seu antigo superior: “Com toda a boa vontade, entusiasmo e dedicação, me incardinei na então Prelazia de Vacaria, onde dediquei os melhores anos do meu sacerdócio. Foi principalmente em Ibiacá que dei o

melhor de mim, procurando ajudar com generosidade a Igreja no seu aspecto espiritual, mas também na promoção humana e temporal. Esforcei-me por organiza a paróquia, tanto a matriz como as capelas, além de fundar o hospital e promover o ensino e outros melhoramentos necessários. Para cumprir uma promessa e promover a devoção a Nossa Senhora, iniciei o movimento devocional a Nossa Senhora da Consolação, ou melhor, Consoladora, com as incipientes romarias, cuja obra está hoje consolidada, porque se trata de obra de Deus e não dos homens. Não obstante, por ocasião dos meus 25 nos de sacerdócio, foi-me negado até a legítima alegria de celebrar uma missa aos pés da Virgem em Ibiacá...”

A um de seus superiores antigos, escreveu em 08.11.56: “Cheguei até a pedir ‘por favor me deixem em paz’, tal era o meu estado de nervos”.

Escrevendo ao Bispo de Lages, D. Daniel Hostin, manifestou-se assim o Pe. Zanatta: “ Pergunte ao sr. Bispo se a minha suspensão continua”.

Que dizer: O iniciador da devoção a Nossa Senhora Consoladora de Ibiacá dói suspenso a *divinis*. Foi mesmo? É o que veremos nas páginas seguintes.

“A imagem de Nossa Senhora Consoladora era tirada dos altares...”, escrevia o Pe. Zanatta a Dom Cândido Bampi, Bispo Auxiliar de Caxias do Sul. “Hoje – continua ele ao mesmo Bispo – e aqueles destruidores da imagem da Consoladora abandonaram a sua vocação.”

Pode haver maior provação? A imagem de Nossa Senhora Consoladora retirada dos altares e o seu idealizador suspenso a *divinis!*...

Para animá-lo em meio dessas perseguições, no dia 02.07.1954, o seu grande amigo e colega, Pe. Arlindo Rubert, emérito escritor e historiador, autor de várias obras, entre as quais

se destaca a monumental “A Igreja no Brasil”, escrevia-lhe de Caçapava do Sul:

“Nunca imaginava que surgissem tantas tempestades em Ibiacá ou em torno do amigo. E contudo isso é o melhor sinal que a obra é de Deus e que seus inimigos não a poderão destruir. A vida do padre zeloso está içada de tribulações e incompreensões de toda espécie... Avente, pois, confiado naquela que é Mãe carinhosa do sacerdote”.

14- PADRE NARCISO ZANATTA

O surgimento da devoção a Nossa Senhora Consoladora de Ibiacá é obra de Deus. As Obras de Deus não se restringem a uma localidade apenas. Propagam-se. Propagam-se com rapidez, de modo maravilhoso, a fim de que muita gente possa usufruir de suas bênçãos.

Assim aconteceu com a devoção de Nossa Senhora de Lourdes, Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora do Caravágio, Nossa Senhora da Salette e de centenas de outras invocações da Santíssima Virgem. Da mesma forma, hoje encontramos igrejas e santuários dedicados a Nossa Senhora Consoladora de Ibiacá em vários estados do Brasil.

A repercussão das graças alcançadas em Ibiacá por intercessão de Nossa Senhora Consoladora. foi tão retumbante, que imediatamente foram eretas numerosas igrejas e capelas dedicadas a Nossa Senhora sob este título. As festas e romarias nestas igrejas são as mais concorridas da paróquia. Veja-se, por exemplo, em Ibiraiaras, RS, onde a festa mais concorrida, depois ao padroeiro São José, é a festa e romaria de Nossa Senhora Consoladora, na capela do mesmo nome.

Não apenas Nossa Senhora Consoladora de Ibiacá tornou-

se famosa no sul do Brasil, mas também o seu idealizador o Pe. Narciso Zanatta, o qual, por imprescritáveis desígnios do Senhor, por ásperos caminhos, acoitado de tempestades, passou a trabalhar longe do Rio Grande do Sul, no grande Estado do Paraná, e, atualmente, no Estado de Santa Catarina, de onde sua presença continua sendo reclamada em muitíssimas paróquias, em muitíssimos municípios, não excluindo a longínqua Amazônia.

Depois de trabalhar afanosamente, apostolicamente, durante 30 anos no pastoreio das almas em várias paróquias, onde ergueu monumentos de fé, encontra-se hoje liberado para atendimento dos fiéis não só de algumas paróquias, mas de milhares de paróquias, dos mais distantes rincões do Brasil.

Curioso! Como são misteriosos e admiráveis os caminhos do Senhor! Pois ele, e Pe. Zanatta, que fora proibido de visitar outras paróquias. Ele que fora proibido de dar a benção a doentes fora da paróquia de Ibiacá, hoje ele visita centenas de paróquias, em numerosas dioceses do Brasil e do Paraguai.

Agora, fora dos estreitos limites de uma paróquia, quando não se encontra viajando a serviço de sua missão, sempre fazendo o bem, sempre socorrendo os enfermos. Sempre soerguendo os sofredores. Quando não se encontra em viagem, ele. Recolhido em sua casa "Ângelo-Augusta", no alto do monte Sião, recebe doentes a toda hora, doentes de muitas dioceses, doentes da alma ou do corpo, doentes que ele soergue com sua palavra orientadora, com sua benção sacerdotal. Quando não abençoa pessoas presentes, fá-lo á distância, por telefone. Por telefone. Ele aconselha e abençoa pessoas dos mais distantes pontos do Brasil.

Pois o idealizador, o organizador da devoção a Nossa Senhora Consoladora de Ibiacá merece a nossa atenção. Merecem a nossa atenção os arcanos caminhos do Senhor por ele trilhados, em dias esplêndidos de sol, de brisas amenas, ou sob o chicoteço de raios e ribombo dos trovões, hoje em linha reta e plana, amanhã em curvas e rampas. Beirando abismos.

Vamos contemplar suas batalhas, em que se bateu sempre com galhardia, vencendo. Sempre vencendo. Vamos presenciar as tempestades que sacudiram violentamente o barquinho de sua existência. Vamos admirar o construtor de igrejas, de hospitais, de escolas. O abridor de estradas, o construtor de pontes, o benfeitor de Seminários, o apóstolo das vocações sacerdotais, o defensor dos sem-terra, dos humildes, dos oprimidos, dos enfermos, dos pobres e dos próprios indígenas...

No dia da ordenação em Tapejara. Um menino, de nome Joel Lorenzetti, ficou impressionado com a comovente cerimônia e resolveu também ser sacerdote. Atualmente, religioso franciscano, exerce o ministério sacerdotal da Diocese de Rio do Sul. SC.

15 - A FAMÍLIA ZANATTA

A família ZANATTA, originaria de Treviso, Itália. Emigrou para o Brasil na década de 1800.

Família numerosa, hoje encontra-se espalhada por vários Estados do Brasil. Zanatta era o avô paterno e também o avô materno do Pe. Narciso, embora não fossem parentes. José Zanatta, o avô paterno, teve 11 filhos. Eugênio Zanatta, o avô materno, teve 12 filhos.

Para mostrar como é numerosa a família Zanatta, vamos narrar um fato ocorrido com o próprio Pe. Narciso. em Itapejara d'Oeste, no dia 17.04.1968.

A Lourdes, sua irmã, é casada com Vitório Broch, um grande empresário, sogro do Dr. Oswaldo Guindani. residentes em Canoas, RS.

Naquele dia, a Cecilia, auxiliar e confidente da mãe Augusta, chega-se ao Padre e diz: A rádio de Pato Branco deu quatro vezes um recado, chamando o Pe. Narciso. Dizendo que

sua irmã Lourdes pede com urgência sua presença em Palmas, porque o Vitório está passando mal.

Imediatamente, o Pe. Narciso parte rumo de Pato Branco para tomar exato conhecimento do teor do recado radiofônico. Em viagem, por estrada poeirenta, vai refletindo: Será que o Vitório se acidentou? Ou ficou machucado por algum touro brabo na fazenda? Impossível. O aviso não vem de Cascavel, onde ele tem fazenda. Ou quem sabe, foi assaltado. pois ele viaja sempre com dinheiro. Talvez tenha ido a Palmas para negócios de pinheiros lá pela Ponte Serrada...

Chegando em Pato Branco, na Rádio, tudo se esclarece: o chamado vinha da cidade de Maravilha, Oeste catarinense. Dizia: "Anísio Zanatta, sua irmã Lourdes, pede urgente vinda a Palmas. Vitório passando mal".

Não eram parentes e nem conhecidos, apesar da coincidência dos nomes.

José Zanatta, o avô paterno, vindo da Itália, fixou residência na localidade de Santo Isidoro, a quatro km de Carlos Barbosa, então distrito de Barão, município de Montenegro e paróquia de Garibaldi. Casado com Maria Dalla Polla, teve os seguintes filhos: Maximiano, Ângelo, Joana, Jordão, Afonso, Alberto, Jorge, Alfredo, Teresinha, João e Plácido.

A Teresinha nascida na mesma localidade, fez-se religiosa de São José, com o nome de Ir. Placidina, professando na Casa Provincial de Garibaldi. Trabalhou algum tempo no Colégio Sevigné de Porto Alegre e, a seguir, durante 43 anos, em Moutiers, Savóia, França, exercendo atividades diversas com admirável dedicação em escolas e hospitais. Era de temperamento alegre e expansivo. Muito prestativa. vivia para os outros.

Por interferência do sobrinho Pe. Narciso, retornou ao Brasil, indo passar seus últimos anos de vida no Convento São José, de Garibaldi. Adoentada, sofreu com admirável resignação,

vindo a morrer em odor de santidade no dia 21 de abril de 1981. Numerosas pessoas têm obtido graças por sua intercessão.

O avô José, cristão convicto, era de temperamento enérgico e firme. A avó Maria, a bondade em pessoa, era, ainda viva considerada santa pelos filhos, parentes e amigos.

O avô materno, Eugênio Zanatta, residia na localidade de São Silvestre, a seis km de Carlos Barbosa, perto da vila Barão, então município de Montenegro e paróquia de Garibaldi. Casando com Luísa Cauduro. Tiveram 12 filhos. E outro que morreu em criança. São eles: Augusta, Gildo, Itália, Albina, João, Catarina, Assunta. Antônio, Guerino. Graciosa, Eugênio e Benjamim.

O velho Eugênio. Cristão fervoroso, era de temperamento pacato e tímido; ao passo que a avó Luísa Cauduro era de temperamento enérgico, seguro. Criados na paz, no temor de Deus, os filhos espalharam-se por vários recantos do Brasil, principalmente em Tapejara, RS.

Augusta, a primogênita de Eugênio e Luísa, foi dada em matrimônio com Ângelo, o segundo filho de José e Maria, em cerimônia presidida pelo Pe. João Fronchetti, na Igreja Matriz de Garibaldi, no dia 02.05.1908.

Após o casamento, moraram algum tempo na casa dos avós paternos, onde nasceu o primeiro filho, o Armando. Em 1909 transferiram residência para Ana Rech e, logo após, para a localidade próxima de São Ciro, hoje bairro de Caxias do Sul.

Casinha paupérrima, cheia de buracos, onde a família no invento sofria muito frio. Ângelo havia herdado uma carroça. Com ela freteava para a então vila de Caxias, ganhando muito pouco. Um dia, o patrão recusou-se a pagar-lhe o frete. E ainda atirou-lhe um grosso peso de balança. Se o carreteiro não se desviasse em tempo, seria atingido na cabeça, quiçá mortalmente.

Em São Ciro nasceram dois filhos: Alberto, mais conhecido por Albertinho, e Leonora. Esta, logo nascida, encontrava-se tão

doentinha, que parecia morrer. Então, a mãe Augusta caiu aos pés da imagem de Nossa Senhora, suplicando que protegesse a filhinha. Prometeu que, se visse, entregaria a filha a servir a Deus na vida religiosa- Dito e feito, como veremos.

Mas a vida continuava dura, numa autêntica penúria. Até fome passou a pobre família. A mãe Augusta, num grito de desespero suplicou então a proteção do céu. Uns vizinhos, vendo a triste situação da família, esmolaram algumas moedas e mandaram celebrar uma missa a Santo Antônio.

Deu-se então como um milagre. Um aviso, vindo do céu, disse: Levantem, saiam deste lugar e vão para o Barão, lhes mostrarei onde habitar.

Sem mais delongas, partiram e foram morar na pequena localidade de Schaeferk perto de São Vendelino, então município de Montenegro e hoje de Salvador do Sul. Zona de colonização alemã. Bons vizinhos, sobretudo a família de João Trili, muita ajuda prestaram á família Zanatta, que aqui, entre os alemães, aprendeu a trabalhar e a viver.

Moravam numa ampla casa de alvenaria, estilo colonial alemão do Rio Grande do Sul. Lindo pátio, sombreado por dois pés de videira. cujas uvas tanto alegravam as crianças. Paiol, estrebaria, forno... A água era trazida de longe. Mas um dia Ângelo, com seu espírito de criatividade, desejando mais conforto para a família, abriu um valo e trouxe a água para perto do forno, naquele tempo quando ainda não existia meio de encanamento.

O trabalho na lavoura ia rendendo. Enquanto a mãe Augusta e os filhos trabalhavam na roça, Ângelo freteava com a carroça. Depois, instalou uma fábrica de queijo. Queijo muito apreciado, era vendido em Porto Alegre, na banca número 2, do Mercado Público, por intermédio do parente Albérico Cauduro.

Os negócios corriam bem, de sorte que foi possível comprar a terra e a casa onde moravam por arrendamento. Um

dia, a vizinha cedeu-lhes sete quilos de lentilhas e ensinou a semear. Foi uma colheita enorme: 80 sacos. Coisa nunca vista! A mãe Augusta, vendo aquela benção do Senhor, caiu de joelhos e beijou a terra, dizendo: Obrigada. Senhor!

Desde aquele dia, a família sentia visivelmente a proteção do céu. Daí a pouco, para completar a felicidade, nasceu outro filho - Narciso. A mãe Augusta, que tanto sonhava e tanto rezava por ter um filho a serviço do altar, pensou: Este um dia será padre.

Diz a Leonora, a Ir. Julieta. "Lembro-me que desde pequeno a mãe ensinava a rezar. E quando a mãe falava da Paixão de Jesus, o pequeno Narciso chorava. Foi a mãe que nos preparou à primeira Comunhão. Não sabia ler nem escrever, mas sabia o catecismo de cor. Vivia a vida de uma mulher forte. Ouvi do pai dizer: Ela trabalha por quatro mulheres!"

Conta a Ir. Julieta que um dia havendo trepado numa cadeira para apanhar uvas, olhando para o chão viu uma cobra enorme saindo do muro e entrando pela porta da cozinha. Correu, entrou na casa pela porta do porão, onde estava o depósito de queijo. Agarrou o pequeno Narciso, que estava no berço, e saiu gritando por socorro.

Outra vez, encontrando-se Ângelo em viagem, transportando queijo, de noite, veio um senhor de Barão, embriagado, pedindo pelo pai. Em seguida, tentou avançar na mãe. Ela gritou para o Armando que trouxesse a espingarda, enquanto ela agarrava o facão. Com os gritos e o latir dos cães, o homem fugiu.

Em 1925, a família, atraída pela fertilidade das novas terras do interior de Passo Fundo, zona da mata, onde já morava o primo Augusto Zanatta, emigrou para Sede Teixeira, embrenhando-se na mata e desbravando o sertão, numa audaciosa aventura.

A nova propriedade distava sete km da sede da colônia. Enquanto Ângelo construía a casa, a família ficou morando com o

primo Augusto. A casa foi construída com capricho por Ângelo, que era um artista. "Como era bonita esta casa, onde nasci!" costuma dizer a Lourdes, a filha mais nova, nascida a 13.03.1930. A família já havia adotado outro filho. Olímpio Sandini, que foi sempre considerado como filho legítimo, com todos os direitos, embora fosse apenas filho de criação.

Ângelo, em sociedade, instalou uma serraria para aproveitamento da grande quantidade de enormes pinheiros de toda a região. A madeira era transportada por meio de carretas de terno até a Estação de Coxilha. Tinha pouco valor. Uma dúzia de tábuas era vendida por mil cruzeiros.

D. Augusta fez promessa de mandar erigir uma capela dedicada a Santa Ana, cuja imagem foi doada pela mesma. Depois da inauguração da capela, passado pouco tempo, a família transferiu-se para o povoado de Sede Teixeira, que tinha então apenas umas 15 casas. Mas o povoado foi crescendo, tornou-se paróquia e sede do novo município de Tapejara, fato acontecido em 09.08.1955.

Depois de residir alguns anos numa casa, a família adquiriu uma chácara, onde passou a morar. Ângelo foi um dos fundadores da paróquia, tendo sido fabricante cerca de 20 anos.

Por esse tempo, fundou-se aqui a Loja Ughini, da qual Ângelo entrou de sócio, sendo, pois, um dos fundadores da poderosa empresa Ughini S.A., atualmente com a matriz em Porto Alegre.

Mais tarde, a família transferiu-se para Ibiacá, onde já se encontrava o filho Armando trabalhando na indústria da madeira. Aqui, no dia 02.05.1958, um grande acontecimento para o casal Ângelo e Augusta: a solene celebração das Bodas de Ouro, com missa rezada pelo próprio filho, assistida pela Ir. Julieta e todos os outros filhos. Dois anos depois, falecia Ângelo Zanatta, como veremos a seguir.



Figura 14: 1949- A Família de Ângelo e Augusta Zanatta da esquerda para a direita: Olímpio Armando, Ir. (Julieta) Leonora, Maria de Lourdes e Alberto; o Pe. Narcíso recém-nascido.



Figura 15: Ir. Placidina Zanatta que trabalhou 43 anos na França.



Figura 16: 1908: Família de José Zanatta com duas noras e um neto. Da esquerda para a direita: Maximiniano (com esposa e filho), José, João, D. Maria Dalla Polla, Angelo e esposa Augusta; Alfredo, Plácido e Teresinha (Ir. Placidina).



Figura 17: 1907: Família de Eugênio Zanatta e Luísa Cauduro.
(Por idade) Augusta, Gildo, Itália, Albina, João, Catarina, Assunta,
Antônio Guerino, Graciosa, Eugênio e Benjamim.



Figura 18: 1957- Família de ângelo e Augusta Zanatta: Pe.
Narciso, Armando, Albertino, Maria de Lourdes. Olímpio e Ir. Julieta
(Leonora).



Figura 19: 17.12.1949. Em Tapejara, no dia da Ordenação Sacerdotal, vendo-se os pais, a cunhada Angelina, a irmã Maria de Lourdes, com o esposo, Vitóri Broch, e Olímpio Sandini (de branco).

16- ÂNGELO ZANATTA – O PAI

Ângelo Zanatta nasceu no atual município de Carlos Barbosa, naquele tempo de Montenegro, no dia 08.05.1887 e faleceu em Ibiaçá no dia 25.06.1960.

Acerca desse homem, esposo e pai admirável, escreveu sua filha Leonora, a Ir. Julieta: “Hoje, 08 de maio, recordo o aniversário do meu saudoso e querido pai”. Recebera, na pia batismal, o nome de Ângelo. Nome de significado merecido, pois era realmente um anjo de bondade, paz e serenidade.

Reconheci nele o homem forte, trabalhador, justo e zeloso em nos proporcionar sempre o amparo que necessitávamos. Contudo, o que mais me marcou nele foi a sua fé profunda em Deus e uma Singular devoção para com a Santíssima Virgem, Nossa Senhora do Carmo.

Sua presença era a do pai vigilante e protetor, junto dele a gente se sentia tranquila e feliz. Era muito estimado pelo povo do lugar onde morávamos e era chamado de 'artista', porque sabia fazer com arte um pouco de tudo, desde a construção de uma moradia até os móveis necessários. Muito criativo. Era lindo vê-lo com a plaina desbastando madeiras e idealizando seus trabalhos.

Ao chegar o momento de eu seguir a minha vocação, pedi-lhe permissão para sair de casa a fim de estudar e preparar-me para ser religiosa. Respondeu-me: ' Cada qual, filha, siga a sua vocação. Obrigada, Pai, por este gesto e por este conselho. Mais tarde, ao visitar o lar, acolhia-me feliz, dizendo: ' Tu escolheste o caminho certo, para estares sempre perto de Deus'.

Corria o ano de 1949, o mês de dezembro trazia-nos a grande alegria da Ordenação Sacerdotal do mano Narciso. Via-se estampada no rosto do pai uma alegria imensa. Ao lado da Mãe, ambos recebiam, das mãos do filho querido, a Sagrada Comunhão.

Sua última alegria, porém, foi a comemoração das Bodas de Ouro de casamento, com Missa de Ação de Graças, celebrada pelo filho, Pe. Narciso.

Lá estava reunida a família inteira, louvando e bendizendo a Deus e celebrando em uníssono 50 anos de união abençoada, vivida e partilhada a dois, tanto nas horas felizes, como nos momentos difíceis, sempre unidos no amor e na mesma confiança em Deus.

Em 1960, celebrava-se na Alemanha o Congresso Eucarístico, para onde viajou o Pe. Narciso a fim de participar do acontecimento religioso, tão digno do amor de Cristo Eucarístico, e ao mesmo tempo visitar a Europa e os Lugares Santos.

Mal desembarcara, eis que recebe um telegrama comunicando a infausta notícia do falecimento do pai querido, ocorrida no dia 25 de julho, às cinco horas da manhã. Fui para o

enterro... Quando cheguei em casa, o pai dormia o sono da morte, deixando transparecer em seu semblante a paz do servo justo e fiel.

Depositei em sua veneranda frente um ósculo, dizendo: ' Pai querido, adeus! Deixo-lhe um beijo de despedida do Pe. Narciso! Obrigada por tudo o que foi para nós, seus filhos. Perdoe se nem sempre correspondemos á sua ternura e ao seu amor. Adeus, pai, até o céu '.

Escrevendo ao Pe. Narciso, no dia 08.08.60, a Ir. Julieta narra a morte de Ângelo Zanatta: "Durante a noite ele passou mal, passou horrível, mas não chamou a mãe". Só de madrugada disse. Jamais passei tanta dor como esta noite. Dizia ter dor no estômago: Acho que arreventou uma veia no coração...

A mãe o repreendeu por que não a chamara durante a noite. Disse que não queria incomodar. A mãe levantou-se logo e fez um chá, com que aliviou a dor. Dai a pouco, quando ela voltou estava morto. Chamaram o Padre, que deu a Extrema-Unção. Veio o médico. Mas não havia mais vida.

Telefonaram aos parentes e aqui mais ou menos às 7 horas. Eu mesma atendi. Foi horrível receber tal notícia. Tomei um carro de praça. Junto foram duas Irmãs. A Madre Luísa Antonieta foi também. Chegamos às duas horas. Que dor, ao entrar e encontrar o pai no caixão! Mas o papai estava tão lindo, que não se acreditava que estivesse morto. Tinha um ar sereno, que a gente se sentia bem perto dele...

A mãe está bem conformada. Acha-se agora com a Lourdes. Ela disse que pode fazer toda a viagem em paz. Eu disse que ela não pode ficar doente e deve esperar o filho para ser assistida até o fim...

A mãe mandou dizer para a Lourdes que logo no dia 23, sábado, foi para Ibiacá e achou o pai um pouco indiferente, tudo continuava bem. Domingo não foi à missa por não se sentir bem. A

Lourdes disse que o pai devia estar bem mal para não ir á missa...

Durante o dia jogou as cartas e falou bem. Chegaram a falar que ele queria ser enterrado em Tapejara. A mãe disse que para ela qualquer lugar serve..."

Em outra carta a Ir. Julieta dizia que "o pai teve duas missas de corpo presente, uma em Ibiacá e outra em Tapejara". Houve muita gente. Foi enterrado ao lado da falecida Lina (a nora, casada com Armando). Fiquei até o fim. Os tios Plácido e Alberto com as tias estavam também.

Ontem estive aqui o tio João, irmão do pai. Veio dar-me os pêsames. Abraçou-me e não parava de me beijar..."

Em outro trecho dizia a carta da Ir. Julieta: "Durante o velório, falei com o pessoal. Dizia que sentíamos muito a morte do pai. pois ele foi sempre uma pessoa de bem. Falava pouco e rezava o seu terço. É um consolo para nós. Dia 26 de manha fui à missa e comunguei pela alma do pai. Ao voltar eu disse: Aqui te trago minha comunhão para ti, pai..."

Outra passagem da carta: "No momento da despedida agradei em nome dos filhos e pedi desculpas se algum de nós lhe causou desgosto".

A Lourdes lhe deu um ósculo por ti mano. Os outros irmãos estavam todos presentes. O Albertino também chegou na hora da despedida. Eu acho que chegou na hora da graça. Eu penso que era o pai que está alcançando... A Lourdes ficou em Ibiacá até segunda e a mãe ia junto em Caxias..."

Em 1983, depois de 23 anos sepultado no cemitério de Tapejara, seu corpo, conservado quase todo incorrupto, foi trasladado para Palmas, onde repousa ao lado dos restos mortais de sua inesquecível companheira, D. Augusta.

O Armando, residente em Lages. SC, também escreveu ao Pe. Narciso, dando notícias acerca do falecimento do pai. Diz que

o pai passou a noite anterior muito mal. Declarou ele que preferia a morte, a outra noite de tanto sofrimento.

Por iniciativa do próprio Armando, a casa dos pais Ângelo e D. Augusta, em Ibiacá, assim como o terreno e demais benfeitorias, ficaram para a mãe Augusta. A respeito desse belo gesto dos filhos a Ir. Julieta também escreveu ao Pe. Narciso em peregrinação na Europa: "A Lourdes vai bem, como o Vitório, este pai incansável na morte do pai. Ele se preocupou por tudo... Todos nós assinamos um papel, dando o terreno para a mãe. Decidimos deixar tudo para a mãe, que um dia pode precisar, numa doença longa, quem sabe. Achei bonito o pensar do Armando..."



Figura 20: Ângelo Zanatta (ao centro do altar) tocava na Banda de Tapejara.



Figura 21: 02.05.1958. Em Ibiacá, Bodas de Ouro dos pais Ângelo e Augusta.



Figura 22: O Pe. Narciso, pela primeira vez, dá comunhão ao pai.

17 - AUGUSTA ZANATTA - A MÃE

A mãe Augusta nasceu na então colônia de Conde d'Eu, hoje Garibaldi, no dia 11.06.1888. Pertencia à paróquia de Garibaldi, mas ao município de Montenegro, hoje Carlos Barbosa.

Filha de imigrantes italianos, passou toda a infância e adolescência praticamente no meio do mato, onde não havia escolas. Com o andar dos anos, por própria iniciativa, conseguiu alfabetizar-se rudimentarmente, o suficiente para exercer sua missão de mãe e esposa e a profissão de parteira prática. Sempre exerceu esta profissão como um sacerdócio, havendo, durante toda a existência, atendido a mais de três mil partos. Uma autêntica epopeia de sacrifício e abnegação, sua missão, percorrendo a colônia, a cavalo ou a pé, a chuva ou ao sol, de dia e de noite, enfrentando o frio e a ventania, por vezes sozinha, perdendo-se pelas picadas no meio da floresta.

Quando a família se transferiu para Sede Teixeira, obteve alvará de licença para exercer a profissão, em 22.08.1939, alvará fornecido pelo Dr. Armando Vasconcellos, chefe do Posto de Higiene de Passo Fundo.

Sempre manteve uma extraordinária disposição à maternidade, às crianças, pobres e velhos desvalidos. Todos os anos dava valiosa contribuição ao Asilo de Velhos de Vacaria e, mais tarde, ao de Palmas.

Todos quantos a conheceram, todos quantos conheceram sua vida e piedade, sua pronta disponibilidade em favor dos doentes, dos pobres, da Igreja, dos hospitais, das escolas, vocações sacerdotais, das instituições de caridade, são unânimes em afirmar que mãe Augusta, por sua conduta irrepreensível, por seu profundo espírito religioso, e, principalmente, por sua caridade, era uma santa ainda em vida.

Além dos afazeres domésticos, sempre teve tino administrativo, colocando toda a família em boa situação, graças à sua visão e coragem dinâmica. Ajudava os Seminários diocesanos e religiosos, a ponto de o Bispo-Prelado de Vacaria, D. Cândido Bampi, deixar escrito no livro Tombo da paróquia de Ibiacá, no dia 30.04.1954, estas palavras: "Agradecemos de coração a D. Augusta Zanatta, o desvelo maternal que mostra para o Seminário Diocesano".

Apesar de nunca haver sentado em bancos escolares, mas apenas aprendido as lições da experiência, com sua convivência entre tantas famílias, a mãe Augusta lia nos corações das pessoas. Uma vez, devendo o filho Pe. Narciso tratar com certa pessoa, recomendou que tivesse cuidado com aquele homem. Efetivamente, pouco depois, o Pe. Zanatta enfrentou sério problema com essa pessoa.

Nos primeiros anos de vida matrimonial, especialmente quando residiu em Ana Rech e São Ciro, lutou heroicamente para sustentar a família, ao lado do seu abnegado esposo. Sempre foi econômica, poupando até os fósforos.

Em Sede Teixeira, já dispondo de recursos, ela socorria a quantos necessitassem, especialmente os doentes, pelos quais orava muito, conseguindo, não raro, obter curas extraordinárias.

Nesta missão de cuidar os enfermos acompanhou sempre o filho sacerdote, como anjo da guarda. A princípio, em Ibiacá. A seguir, em Itapejara d'Oeste e, finalmente, desde abril de 1970, em Palmas, onde morava numa casinha que o filho padre lhe deu, bem defronte da Casa Paroquial. Aqui, em companhia da neta Vera Lúcia Zanatta, hoje casada com Nelson Lazzaretti e residente em Curitiba, passou os últimos anos de vida, vindo morrer no dia 06.11.1971.

"Esta bondosa senhora, a mãe Augusta, não descansava enquanto houvesse alguém precisando de ajuda.". Enfrentava o

frio, a chuva e grandes distâncias para atender os seus semelhantes. Viveu apenas a serviço do Criador, sofrendo em sua alma pura, as dores do seu próximo...

Já velhinha, curvada pelos anos, chegou em companhia do seu filho, Pe. Narciso Zanatta, nesta velha cidade de Palmas. Aqui continuou sua peregrinação árdua em favor dos pobres e menos favorecidos da sorte. Embora já doente, mas acima de suas dores físicas estava o sofrimento alheio. "Não cessava de trabalhar" (Levy W. Marins, na imprensa de Palmas).

Em 14.05.68,0 Pe. Narciso escrevia: "Os dias da mãe estão contados. Uma hérnia mal operada estrangula-lhe os intestinos. Não poderá ir ao RS despedir-se dos parentes. Só caminha apoiada num bastão. Coração sempre falhando. O que tem de bom é o juízo, a memória. Lembra-se de tudo e de todos. Sente isolamento".

O Pe. Narciso descreve como foram as últimas horas e as últimas palavras da mãe, do meio-dia até às duas horas de sábado, dia 11.11.1971.

"Desejaria nesta hora - disse ela - ter a graça de ver pela última vez os filhos, todos cm redor do meu leito de sofrimento". E continuou: "Será que sou merecedora de tanto sofrimento? Sinto que o coração está me falhando e por vezes me deu ataque. No próximo eu vou. E melhor morrer de uma vez. Que Deus me atenda e me alivie o meu padecer. Já sofri tanto cm toda a minha vida".

E começou a chorar. Chorou como nunca. E depois continuou, em italiano: "Peço desculpas a todos os filhos e a quem tiver magoado c ofendido". E, dirigindo-se especialmente aos filhos, disse: "Se fui severa demais, foi como meus pais me ensinaram naquele tempo, sempre com vistas ao bem. As forças estão desaparecendo. Receio que os filhos não cheguem a ver-me antes de morrer. Assim sendo, peço ao filho padre que me dê um beijo, o

último desta vida, em nome dos outros filhos que estão longe e em viagem".

Então o Pe. Narciso beijou-a consternadamente. Deitada em seu leito, mãe Augusta percebia a chegada da morte. Cobriu o rosto do filho de beijos e lágrimas, como nunca havia feito.

Em seguida, tomou a mão do filho, apertou-a contra o coração e, num gesto de reverência e respeito, beijou-a, dizendo: "Esta mão que tantas vezes abençoou os doentes e tua própria mãe, continue a abençoar os doentes e necessitados". E acrescentou, duas vezes, em italiano: "Cuide de ser bom com todos".

E prosseguiu, olhando para ele: "Sinto muito deixar-te, filho. Sempre pedi a Deus que me concedesse a graça de ver meu filho e uma filha a serviço Dele. E ele concedeu-me este privilégio. Havia pedido uma graça, que até agora era segredo: de ver-te sacerdote completar 40 anos de idade, para ter certeza de tua vocação; e Ele me atendeu. Você está com 51 anos e continua sacerdote, graças a Deus. Assim sendo, lembre-se sempre de tua mãe".

Continuou: "peço que não chorem a minha morte. Estou preparada para entrar no céu e descansar com o Senhor". Aqui sua voz tornou-se mais forte e repetiu tudo quanto sua velha mãe Luísa Cauduro lhe havia ensinado. Rezou, em italiano, a narrativa do nascimento, vida, morte e ressurreição de Cristo, e terminou com o ato de contrição, comovendo a todos, que choravam.

Com pouca força e clareza, pediu que mandassem rezar as Santas Missas por ela. Que avisassem os Padres da Sagrada Família de Passo Fundo que rezassem as missas gregorianas já encomendadas. Pediu que fosse enterrada ali mesmo, em Palmas, e não em Lages, como se havia determinado, para evitar incômodos desnecessários. Recomendou que se completasse o enxoval que estava preparando para o Asilo dos Velhos, para o que faltava 145 cruzeiros.

No último minuto de vida, volta seus pensamentos outra vez para os filhos e diz: "Tratem de viver unidos, como bons cristãos. Façam com que vossos filhos conservem o espírito de irmãos". E expirou, placidamente, como um justo.

Acerca dos últimos momentos de vida de D. Augusta, escreveu a Ir. Celma Helena Weschenfelder, irmã do Pe. Natalício: "Aqueles momentos em que a mãe Augusta agonizava foram para mim uma escola e tirei muito proveito daquela morte".

Depois de sua morte, numerosas pessoas começaram a invocar a mãe Augusta e obter graças. Apenas um caso. Albina Busato Perez, de Guaraniaçu, PR, escrevia no dia 10.03.1973, ao Pe. Narciso: "Recebi duas graças de vossa santa mãe Augusta". Eu tinha uma dor na coxa direita, acima do joelho. Sofri mais de 15 anos. Não sabia o que fazer. Nenhum medicamento resolvia. Comecei a rezar o terço na intenção da mãe Augusta e a dor foi desaparecendo, de sorte que hoje não sinto mais nada.

Outra: Minha filha Salete estava esperando o segundo filho. Vendo que passava bem, consultamos o médico, o qual declarou: o caso é difícil; só com cesariana. É um dos casos mais difíceis. Assustada, recorri à sua mãe Augusta. Pois no dia 27 próximo passado, minha filha Salete deu à luz uma linda menina, que pesou quatro quilos e 800 gramas. Tudo correu normalmente, sem cesariana, sem hemorragia. "Ambas estão passando bem".

O nome de mãe Augusta está imortalizado em numerosas instituições de caridade. Podemos citar, por exemplo, o caso de Canoas. RS. onde reside sua filha Maria de Lourdes e sua neta Rose, está casada com o Dr. Osvaldo Guindani, que foi um dos melhores Prefeitos Municipais que a cidade teve. Pois só na cidade de Canoas há mais de 30 creches com o nome de mãe Augusta.

Por ocasião da morte de D. Augusta, a família Zanatta externou publicamente seu profundo agradecimento a quantos acompanharam, auxiliando, durante a enfermidade e últimos dias

de vida da mãe Augusta, em sua casa na cidade de Palmas. Agradeceu, de modo especial, a Ir. Celma Helena Weschenfelder, às Irmãs do Puríssimo Coração de Maria, aos senhores: Augusto Brunetto, Francisco Grassi, Dr. Pedro Mendes, Prefeito Municipal Oscar Rocker, ao Secretário das Obras Públicas Waldemar Blendin, aos demais médicos, aos Irmãos Comarella, aos Padres Leopoldo Melz e Teodoro Rusch, Frei Tiago Luchese, de Bituruna, aos irmãos Maristas de Itapejara d'Oeste.



Figura 23: Em Itapejara do oeste, a mãe Augusta festeja seu aniversário.

18-OS IRMÃOS

ARMANDO, nascido em Carlos Barbosa em 1909, estudou no internato Santo Antônio dos Irmãos Maristas em Garibaldi. Rapaz inteligente, de excelente tino administrativo e larga visão de mundo.

Principiou trabalhando numa casa de comércio em Passo Fundo, colhendo oportuna experiência. Em Ibiacá, estabeleceu-se com forte indústria madeireira, tornando-se uma das pessoas de maior destaque da sociedade local.

Em 12.09.1948, o pároco de Ibiacá. Pe. Luiz Lovatel, escrevendo ao Pe. Narciso, ainda seminarista, dizia que tinha ido ao Congresso Eucarístico de Vacaria com o irmão Armando. "Ele vai muito bem - dizia a cana. - Contribuiu para a nossa festa, contribuiu com tábuas para o Congresso Eucarístico, e foi nomeado vice-festeiro da festa de Santa Filomena, padroeira, a realizar-se em agosto. Estou preparando a paróquia da melhor forma possível. Caso um dia você venha a ser nomeado pároco desta vila, tudo estará pronto".

Ia muito bem com seus negócios. Infelizmente, depositou demasiada confiança no seu guarda-livro, a quem entregou a administração da empresa. Foi um desastre. Transferiu-se, então, para Lages, onde procurou começar tudo de novo, instalando outra serraria. Foi bem, podendo assim adquirir uma grande fazenda, povoada de gado e de reservas de pinheiros.

Casou primeiramente com Angelina Carlotto, com quem viveu apenas seis meses e 17 dias, havendo ela falecido em Passo Fundo, vítima de meningite. Escrevendo á Ir. Julieta, diria o Armando: "Querida irmã Leonora, tenho o coração transpassado de dor; domingo, dia 10, às cinco horas da manhã, perdi minha querida e amada esposa. Meu anjo me deixou e os sofrimentos são muitos, que não sei falar neste acontecimento. Era uma santa. Todos os domingos ia a missa e depois permanecia no lar. servindo a todos com amor e carinho próprio de sua pessoa. Eu não fui digno de ter uma esposa tão boa".

Passado longo tempo, Armando contraiu novas núpcias com Margarida de Quadros, com quem teve seis filhos: Ivanir, Ilse, Cármen, Ildes, Irani e Idalgir Luís. Os quatro primeiros concluíram o curso primário no Colégio das Irmãs de Notre Dame em Tapejara;

entretanto, apesar da vontade do pai de que todos os filhos se formassem em cursos superiores, apenas o Idalgir concluiu o segundo grau. Em compensação, quase todos os netos encontram-se cursando Faculdade, sendo que dois serão diplomados no corrente ano de 1985.

O Ivanir esteve interno com os Irmãos Maristas em Veranópolis, mas deixou os estudos ao cursar a primeira série ginásial. No ano seguinte, estando em casa, saiu para caçar e acidentou-se, ficando semi-morto no mato, abandonado, sem socorro, durante várias horas. Ficou muitos dias em estado de coma. Vindo a melhorar, ficou com defeito na fala e no caminhar. Viveu alguns anos paralisado, vindo a morrer de ataque.

A Ilse, muito bem casada, tem quatro filhos e vários netos. Reside em Lages. A Cármen, menina inteligente, fez exame de admissão ao ginásio, mas, devendo ficar interna, desistiu dos estudos, do que muito se arrependeu. Casada com Epaminondas Espindola, homem inteligente, bondoso e muito zeloso; tem as filhas Suzana e Jussara, ambas cursando a Faculdade em Lages, onde residem.

A Ildes também reside em Lages; casada, tem três filhas, todas formadas ou formando-se em curso superior. O Irani, casado com Odete, mora igualmente em Lages e tem cinco filhos; mora com esta família D. Margarida, a mãe, viúva de Armando, ela é que dirige a família, uma vez que o Irani não foi bem de negócios; os filhos estão todos estudando. Idalgir Luís, casado com Marisa, teve um casal de filhos; faleceu com 30 anos; era esposo e pai muito dedicado.

O soleníssimo funeral de Armando, em Lages, 12.06.63, contou com a presença de numerosos madeireiros e todos os seus abnegados funcionários, que choravam dizendo: Perdemos nosso pai e amigo... Ele fora um patrão dedicado. Quando um adoecia, ele mesmo levava-o ao médico ou hospital. Ele queria ver os outros felizes...

ALBERTINO, nome familiar de ALBERTO, estudou em Passo Fundo; a princípio trabalhou com a família na roça e transportando madeira e outros produtos para Coxilha e Passo Fundo. Casou com Judite Tessaro Cherubin e teve 11 filhos: Nilvo, Inês, Calógero, Hélio, Jandir, Cármen, Ari, Ivan Carlos, Vera Lúcia, Luís Alberto e Sonira.

Albertino começou a vida muito bem, chegando a ser dono de três serrarias e grande extensão de terras; aos poucos, entretanto, os amigos foram abusando de sua bondade e acabou perdendo todo o imenso capital, ficando na miséria, com isso, causando muito sofrimento a toda a família dos pais. Residiu em Tapejara, Lagoa Vermelha e Canoas.

O filho Nilvo reside em Canoas, casado com Pierina, tem duas filhas e um filho: Elis Regina cursa Administração de Empresa, como a Cláudia, que é também professora; o André está na 8ª série.

Inês, casada com Assis Ferreira, mora em Lagoa Vermelha, tem sete filhos e netos. Calógero, um tanto afastado da família, é casado e tem filhos. Hélio, casado com Alberta, reside em Canoas e tem um filho. Jandir, casado com Teresinha, não tem filhos e mora no Estado do Amazonas. O Dr. Ari, formado em Administração de Empresas, é casado com Carmen, tem três filhos e mora em Canoas. Ivan Carlos, casado, tem três filhos e mora em Francisco Beltrão, PR. Luís Alberto, casado, tem três filhas e reside em Palmas, PR. Vera Lúcia, casada com Nilson Lazzaretti, tem filhos e reside em Curitiba. Sonira, casada com Sebastião Cruz, tem um filho e mora em Palmas.

MARIA DE LOURDES, caçula da família, nasceu em Tapejara a 13.03. 1930. A mãe Augusta desejava ter mais uma filha. Na Gruta de Água Santa, pediu esta graça a Nossa Senhora, prometendo dar à filha o nome de Maria de Lourdes. Nasceu uma linda menina que dará grandes alegrias aos pais, irmãos e demais parentes. Foi quem mais estudou na família, tendo frequentado o

Colégio de Notre Dame de Passo Fundo, o São José e o São Carlos de Caxias do Sul.

Casou com Vitorio Broch, exímio comerciante, inteligente e de extraordinário tino administrativo. Comerciante, pecuarista no Paraná e madeireiro em Santa Catarina, chegou a candidatar-se a deputado estadual, obtendo boa votação. A família morou em São João da Urtiga, São José do Ouro, Canoas e Porto Alegre, encontrando-se atualmente, (1985), outra vez em Canoas. O casal tem três filhos; Rose, Jorge e Alexandre.

A Rose Mary casou com o Dr. Oswaldo Cipriano Guindani, figura notável da política da Grande Porto Alegre, considerado um dos Prefeitos Municipais de Canoas de maior desempenho administrativo. Faz parte da diretoria de várias cooperativas, sendo ainda membro destacado de numerosas entidades públicas, as quais empresta sua inteligência, sua experiência e o grande poder criativo de sua incansável operosidade Foi candidato a deputado estadual. Viajou por vários países. Nasceu em Sarandi a 08. 07.1930. Principiou trabalhando como professor em Passo Fundo, onde se impôs como líder desde o tempo de estudante.

O casal tem um filho, Dr. Alexandre Guindam, formado em Direito.

Jorge Zanatta Broch cursa a Faculdade de Administração de Empresas; e seu irmão, o Dr. Alexandre, formado em Engenharia, frequenta o curso de piloto aviador.

OLÍMPIO SANDINI: estando sem mãe, foi adotado pela família de Ângelo e Augusta Zanatta desde os 42 dias de vida. Considerado como filho legítimo, com todos os direitos, foi sempre de grande valia para a família Zanatta. Casado com Angelina Bárbaro, tem um filho, Ivan Luiz, formado em Administração de Empresas. Ivan é casado com Sílvia e tem uma filhinha. Olímpio é proprietário de uma poderosa casa comercial em Canoas, a maior

loja de ferragem e de material de construção da cidade.

IRMÃ JULIETA: na vida religiosa, chama-se LEONORA. Nasceu em São Ciro, Caxias do Sul, a 15.03.1914; batizada no dia 26 de abril, sendo padrinhos Angelina Rech e José Trevisan. Em São Vendelino, junto com o irmão Armando, começou a frequentar a escola, mas em língua alemã. Aprendeu as orações nesta língua. Ela lembra com saudade a cerimônia solene da Primeira Comunhão, com todas as crianças em procissão e a banda de música tocando. Na Primeira Comunhão dos irmãos, ela, vestida de anjo, com uma cestinha de flores, ia na frente, jogando pétalas. Sentia-se muito feliz e sonhava com a sua Primeira Comunhão Solene, o que, entretanto, só aconteceu em Sede Teixeira, sem aquela imponência da colônia alemã. Em 1923, no Barão, foi crismada por D. João Becker, sendo madrinha a tia Graciosa.

Sede Teixeira era apenas Capela de Nossa Senhora da Saúde. Criada a paróquia, teve como 1º vigário o Pe. Júlio Marín. grande amigo da família, assim como o serão depois, o Monsenhor Farinon, o Pe. Calógero Tortorici e o Pe. Paulo Chiamonte. Numa festa de Santa Teresinha, na Capela do Paiol Novo, a Leonora ajudou, com grande emoção, a carregar o andor.

Em 1929, com 15 anos, foi internada no Colégio São José das Irmãs do mesmo nome em Sananduva. Teve como primeira professora a Ir. Paula, cuja personalidade e saber a marcaram. Impressionava-se com a vida de oração e alegria das religiosas. Desejava tornar-se Irmã também. Seu sonho concretizou-se, mais tarde, ao encontrar-se com a Superiora Provincial, a Madre Justina Inês, de santa memória.

Nas férias, voltou para casa onde a mãe aguardava o nascimento de Maria de Lourdes (13.03.30). Retornou ao colégio, acompanhado do pai e do Olímpio, que tinha então três anos. Dia 14 de agosto a mãe foi visitar a filha em Sananduva. Foi a cavalo,

levando o Narciso e a Lourdes. Soluçando, a mãe Augusta entregou a filha à Madre Justina Inês.

Com esta superiora, no mês de agosto, Leonora seguiu para Garibaldi, demorando-se uns dias, em viagem, em Lagoa Vermelha e Alfredo Chaves. Chovia muito e as estradas estavam horríveis.

Em 02.07.1932, estando presentes a mãe, o irmão Narciso e a mana Lourdes, Leonora recebeu o hábito religioso na Congregação de São José. No dia 03.07.1933, proferiu os primeiros votos, com o nome de Irmã Julieta. Em 25.02.39 fez os votos solene.

Concluído o curso ginasial, passou a trabalhar na creche São Francisco em Porto Alegre. Daí transferiu-se para lecionar no Colégio São José de Caxias do Sul. A seguir, no Colégio Santa Joana d'Arc, na cidade de Rio Grande, onde lecionou no curso primário e concluiu o normal. Na mesma cidade, lecionou ainda na escola Jesus, Maria e José, tendo 120 crianças de famílias humildes, que lhe davam alegria.

Lecionou ainda no colégio São José de Pelotas; no São José de Vacaria; no São José de Garibaldi e, desde 1961, no São José de Montenegro. Lecionava Religião, Trabalhos Manuais, Geografia, Francês, Didática do Desenho e Artes Culinárias. Foi operada três vezes numa perna. Caminha agora apoiada numa bengala.

No dia 03.07.1955, festejou solenemente seu jubileu de Ouro de vida religiosa, em cerimônia presidida pelo seu irmão, o Pe. Narciso, estando presentes os demais irmãos, numerosos parentes e amigos.

No dia 09.05.85, durante um curso sobre personalidade, a Ir. Julieta, ou Ir. Leonora Maria, como habitualmente se assina agora, compôs um salmo, um poema, ela que é uma artista, exímia pintora e poetisa. Tem o título de Minha vida revela a canção que

faço para meu Deus.

"LOUVO-TE, Senhor, pela infinita sabedoria em me criar à tua imagem e semelhança. Louvo-te, senhor, pela Santíssima Trindade que habita em mim. Louvo-te, Senhor, pelo meu Batismo, pelo qual sou tua filha. Louvo-te, Senhor, pela criação do universo e pelos seres que nele existem. Louvo-te, Senhor, pela Divina Providência que me protege e ama. Louvo-te, senhor, pelo pão que me alimenta e fortalece meu caminhar diário. Louvo-te, Senhor, pela tua presença entre nós na Eucaristia. Louvo-te, Senhor, pela minha família, parentes, amigos. Louvo-te, Senhor pelas pessoas que me ajudaram a ser o que hoje sou. Louvo-te, Senhor, pela tua Palavra Divina, que ilumina meu caminho. Louvo-te, Senhor, pelo meu ser; assim como me criaste capaz de te amar sempre. Amém".

À Ir. Julieta, que muito auxiliou o autor na composição do presente livro, narrando a vida e a obra de seu carismático irmão, o Pe. Narciso Zanatta, o nosso sincero agradecimento.



Figura 24: Dr. Oswaldo Guindani, esposa Rose Mary e o filho André.



Figura 25: Ir. Julieta e irmão Olímpio e Angelina (cunhada).



Figura 26: Família de Vitório e Lourdes. Sentados: Vitório Broch, Dr. André Guindani e D. M. de Lourdes. Em pé: Dr. Oswaldo Guindani, D. Rose, Regina (noivado) Alexandre e Jorge.



Figura 27: Irmã Leonora.

19 - INFÂNCIA E SEMINÁRIO

O quarto filho de Ângelo e Augusta Zanatta, NARCISO, nasceu no dia 11.12.20, na pequena localidade de Schaeferrek, hoje Rodrigues da Rosa, então município de Montenegro, RS.

O fato trouxe enorme alegria, sobretudo para a mãe Augusta, que aguardava um filho homem a fim de encaminhá-lo ao sacerdócio, conforme promessa, caso essa fosse a sua vocação.

Como sabemos, Augusta ensinava o catecismo aos filhos menores. A respeito da infância de Narciso, existe um fato curioso que parece ligado a uma predestinação para a sua existência consagrada ao sofrimento humano. Conforme testemunha da sua irmã Leonora quando a mãe, em suas preleções religiosas, falava dos sofrimentos de Nosso Senhor, da Paixão de Cristo, o pequeno Narciso, ainda incapaz de avaliar o sofrimento, pois tinha apenas três anos, começava a chorar. Sempre que a mãe falasse da Paixão de Cristo, o menino chorava copiosamente.

Ao longo de sua vida, a vocação de Narciso parece apoiar-se em vários fatos significativos de sua missão em prol dos doentes e da recuperação de sua saúde. Só alguns exemplos: A padroeira de sua paróquia em Tapejara é Nossa Senhora da Saúde. Muitas vezes é ele convidado a presidir festas em honra de Nossa Senhora da Saúde e de Nossa Senhora da Salete, a Virgem que chora. Sempre dedicou-se à promoção da devoção de Nossa Senhora da Salete e da romaria de Marcelino Ramos, onde se encontra o célebre Santuário sob esta invocação.

O pai, diligente na educação e formação intelectual dos filhos, que todos encaminhou ao internato, como sabemos, ministrou-lhe as primeiras lições, alfabetizando-o. Ensinou-lhe, também, a ajudar a missa em latim, de acordo com a antiga liturgia.

A seguir, viajando a cavalo sempre em pelo, passou a frequentar a escola de Sede Teixeira, recebendo ótimas lições do professor Orosimbo Tondello, que junto com a esposa D. Graciosa, foi o primeiro professor de Tapejara, que muito deve a este velho mestre, atualmente aposentado em Santa Luzia, Lagoa Vermelha, onde também foi o primeiro professor, o primeiro catequista, tendo doado o terreno para a capela e o cemitério, como líder da comunidade que sempre foi.

O professor Orosimbo Tondello é um grande benemérito de Tapejara e de Santa Luzia. Em sede Teixeira dava aula na escola pública e na escola paroquial. Era catequista, dirigia as orações e o coral. Este professor e o Pe. Júlio Marin inauguraram em Tapejara o desenvolvimento cultural e religioso.

Preparado por este professor, Narciso fez sua Primeira Comunhão no dia 19.09. 1926, ministrada pelo Pe. João Farinon, pároco de Getúlio Vargas, paróquia a qual naquele tempo pertencia a Capela de Nossa Senhora da Saúde de Sede Teixeira, mais tarde transformada em igreja paroquial.

Em princípio do ano letivo de 1934, juntamente com o palco Pe. Felisberto de Azevedo, Narciso dirigiu-se ao Seminário São José de Santa Maria, diocese a que então pertencia Passo Fundo. Os sacerdotes promotores do seu encaminhamento ao Seminário foram: o Pe. Júlio Mann, Mons. João Farinon, Pe. Humberto Busatto e o Pe. Paulo Chiaramonte, aos quais o Pe. Narciso foi sempre agradecido.

No seminário, Narciso lutou energicamente para se acostumar àquela vida tão diferente. Sentia muita saudade de casa, dos pais e dos irmãos. Queria desistir. Para viajar devia pedir dinheiro ao ecônomo. que não lhe dava. Então, ajoelhava-se aos pés da imagem de Nossa Senhora Medianeira, e rezava: Nossa Senhora, fazei que o Pe. Wolter (o ecônomo) me de o dinheiro para a viagem.

Quando, no fim do ano letivo, viajava de trem de Santa Maria a Passo Fundo, deu-se um caso impressionante. O colega Gentil Isoton lhe diz: Zanatta, você não quer ficar no Seminário, mas você voltará e será padre, enquanto eu vou morrer durante as férias. Dito e feito. O colega morreu durante as férias, e o Narciso retornou ao Seminário.

O Gen. Domingos Fragomeni foi seu colega no Seminário. Eram bons amigos. Por isso, quando a mãe de Domingos trazia uma gostosa marmelada para o filho, Narciso tomava parte, aliviando um pouco a fome, que nos Seminários também aparece. Dos mestres jesuítas que mais o ajudaram no caminho de sua vocação no Seminário de Santa Maria, o Pe. Narciso não esquece o Pe. Felisberto de Azevedo, o Pe. Cláudio Mascarello e o Pe. Humberto Busatto.

Narciso adoeceu no Seminário, sendo obrigado a vir para casa dos pais, onde permaneceu durante um ano. Em seguida, o pai, indo a Caxias do Sul, falou com o Frei Exupério. Capuchinho, que era o Diretor do Seminário Nossa Senhora Aparecida.

Aqui concluiu o curso ginasial e o científico, junto com Marcelino Rizzon, mais tarde sacerdote, sempre grande amigo do Pe. Narciso, que um dia chegou a convidá-lo a ser cura da catedral de Palmas. Entretanto, o Pe. Marcelino Rizzon, que é exímio poeta, autor de vários livros de poemas, trabalhou na Diocese de Palmas, como pároco de Nova Prata do Iguaçu. Hoje é pároco de Paraí, no Rio Grande do Sul.

No Seminário Diocesano de Caxias, foram seus mestres, além do grande músico Frei Exupério, os Capuchinhos: Frei Evaristo, Frei Romualdo, Frei Antoninho, Frei Cipriano e Frei Albino Aresi, hoje parapsicólogo de fama internacional.

Aqui também estive doente, com paratifo, sendo internado no Hospital Nossa Senhora de Pompéia; passou mal e quase morreu. No mesmo hospital foi depois operado de apendicite.

Em 1942 ingressou no seminário Central de São Leopoldo, onde sempre se distinguiu por sua vida de piedade, de devoção à Santíssima Virgem. Desta maneira mereceu o privilégio, reservado aos melhores seminaristas, de ser Congregado Mariano. No dia 29.05.1943 foi também admitido na Pia União do Trânsito de São José.

Já no tempo do Seminário preocupava-se, mediante correspondência, em difundir a devoção de Nossa Senhora. Em 1946, escreveu ao Mons. Vicente Scherer, mais tarde cardeal do Rio Grande do Sul, solicitando que anunciasse na Hora Católica da Rádio Farroupilha o programa das festas do centenário de Nossa Senhora da Salette em Marcelino Ramos. No mesmo sentido, dirigiu-se ao clero das Dioceses de Santa Marta, Caxias do Sul e Uruguaiana.

Continuando sempre adoentado e receando que a falta de saúde pudesse impedir seu ingresso no sacerdócio, fez promessa a Nossa Senhora de, no caso se ordenasse sacerdote, dedicar toda a vida a difundir a devoção à Santíssima Virgem, dando especial atenção aos doentes e sofredores.

Várias vezes, durante os estudos de Filosofia e Teologia, visto como, naquele tempo, repercutiam no Brasil inteiro as graças e curas extraordinárias que o Pe. Antônio Ribeiro Pinto, da Uracânia, alcançava por intercessão de Nossa Senhora das Graças, escreveu a este sacerdote, que nunca deixara de responder às cartas, dando os necessários esclarecimentos.

No Seminário, contou sempre com a colaboração de todos os seus mestres, os Padres da Companhia de Jesus. Aquele que mais o auxiliou na formação foi o sábio Pe. Cândido Santini. Teve como mestre também o santo Padre Réus.

Em 13.05.1945, escreveu a D. Antônio Reis, declarando que os pais estavam para se transferir de Tapejara, Diocese de Santa Maria, para o interior de Lagoa Vermelha (Ibiaçá),

pertencente à Prelazia de Nossa Senhora da Oliveira de Vacaria. Por isso, solicitava autorização para deixar a Diocese de Santa Maria e passar a pertencer à Prelazia de Vacaria.

D. Frei Cândido Bampi, Bispo-Prelado de Vacaria, vibrou com a resolução do seminarista Narciso, na esperança de ter um dia mais um sacerdote diocesano, que seria o segundo, uma vez que toda a Prelazia vinha sendo atendida pelos Padres Capuchinhos.

Em 11.04.1947, D. Cândido, como se estivesse prevendo as tribulações do jovem seminarista e como prevendo que ele seria um apóstolo de Nossa Senhora Consoladora, escrevia-lhe;

“Se às vezes as amarguras da vida e o peso da cruz espremerem o sangue do coração, achará ao seu lado uma Mãe carinhosa e poderosa, a Divina CONSOLADORA”. a quem ninguém nunca recorre em vão. Caríssimo Narciso, mereça esses carinhos da Virgem Santíssima pelo seu amor á essa querida Mãe...

Continue, pois, corajosamente, os seus estudos; cuide de sua saúde. Cultive acima de tudo a vida espiritual, que é o requisito soberano para um seminarista, futuro ministro de Deus. “O fruto do seu ministério sacerdotal dependerá mais da sua santidade do que da sua ciência, embora a ciência seja indispensável ao sacerdote”.

No dia 25.12.1945, na Catedral de Vacaria, D. Cândido conferiu a Narciso as últimas Ordens Menores, estando presente a mãe Augusta, que chorou de emoção, pois sentia que seu filho se encaminhava realmente para o sacerdócio. Bem mais tarde, na mesma Catedral, o referido Prelado conferiu, em 1949, as Ordens do Subdiaconato e Diaconato.

No último ano de Teologia, continuando adoentado, obteve autorização para concluir os estudos no Seminário dos Padres Josefinos em Ana Rech, onde os ares da serra são mais saudáveis que os de São Leopoldo.



Figura 28: Vacaria 23.12.1945- O Seminarista Narciso Zanatta recebe as últimas Ordens Menores. À sua esquerda, Frei Daniel Vian, cura da Catedral.



Figura 29: Pe. Calógeno Tortorici e Pe. Raimundo Damin-promotores da vocação do Pe. Zanatta; e, ainda criança, o Pe. José Spuldaro, atual cura da Catedral de Passo Fundo.



Figura 29: seminaristas Narciso Zanatta e Marcelino Rizzon.

20 - ORDENAÇÃO SACERDOTAL

A ordenação sacerdotal do diácono Narciso Zanatta teve lugar no dia 17.12.1949, na então Via Tapejara, sendo conferida por D. Cândido Bampi, Bispo-Prelado de Vacaria. Foi um acontecimento inédito que mereceu os aplausos de toda a paróquia, celebrado com invulgar brilhantismo, graças ao esforço do jovem pároco Pe. Raimundo Damin. Para paraninfo da cerimônia, foi convidado o Mons. João Farinon, pároco de Getúlio Vargas.

Já no dia 16, às 18 horas, o Sr. Bispo, o jovem ordenado e comitiva foram recepcionados junto à barca do rio Ligeiro, por uma comissão da vila, formando uma caravana de automóveis e caminhões. Na passagem pela Vila Campo, a comitiva recebeu homenagem da população, com discurso da professora Ricene

Damin Toson e dos alunos do Grupo Escolar Teresinha Cauduro e Teresa Muxfeld.

À chegada em Tapejara, a comitiva foi recebida com cânticos e discursos. Discursaram Junir Riva e Severo Dalzotto. À noite, os alunos do Colégio Nossa Senhora Medianeira realizaram uma passeata, estacionando em frente da Casa Paroquial, onde fez uso da palavra Genésio Marin.

Em seguida teve início a tocante cerimônia da ordenação sacerdotal, que ocupou o resto da manhã. Ao meio-dia, durante o banquete, no salão paroquial, falaram vários oradores. O jovem radialista Maurício Sirotski fez uma de suas primeiras gravações, que logo a seguir foi transmitida pela Radio Passo Fundo, com admiração geral, em virtude de seu ineditismo. Desde esse dia, o grande comunicador social Maurício Sirotski tornou-se amigo do Pe. Zanatta, procurando sempre colaborar nas transmissões das Romarias de Nossa Senhora Consoladora de Ibiacá, por rádio e TV. Em nome da família Zanatta, falou a estudante Inês Zanatta.

No dia 18, domingo, o neo-sacerdote celebrava solenemente sua Primeira Missa. Após a procissão, da Casa Paroquial à Matriz, saudou o novo sacerdote o aluno Flávio Sandini. Durante a missa, ocupou o púlpito o notável orador sacro Pe. Argemiro Pedro Dallamea. Os cânticos estiveram a cargo do coral e orquestra São Luis Gonzaga. À tarde, às três horas, foi entoado solene Te Deum.

Entre os vários discursos proferidos nesta solenidade, merecem transcrição parte da belíssima saudação da Ir. Julieta, ó jovem, valente guerreiro, que te lanças, impávido, ao campo de batalha, o coração a transbordar de fé e a alma confiante na vitória, a ti meus calorosos parabéns e o testemunho sincero de minha fraternal admiração...

E quando, na singela capelinha de São João Batista, recebias a água que regenera, deram-te o nome tão simbólico de NARCISO, flor branca e perfumada...

Tão feliz coincidência não seria presságio da doce realidade que hoje se nos depara?... Coincidência, não seria presságio da doce realidade que hoje se nos depara?...

O germe da vocação sacerdotal, que a Providência houve por bem infundir em tua alma, encontrou terreno propício ao seu desenvolvimento num lar genuinamente cristão, sob os carinhos auspícios de pais verdadeiramente exemplares...

Sede, agora, um novo Cirineu, no caminho do Calvário das almas, aliviando com uma palavra de perdão, de consolo e de paz, o peso da cruz dos corações amargurados...

Querido irmão, encontrarás na jornada sublime e não menos heroica da vida sacerdotal dias invernosos... Encontraras na amarga trajetória, que hoje iniciais, os espinhos das incompreensões, dos ódios, das perseguições...

A exemplo do Divino Mestre, a caminho do Calvário, te reanime, na doce e consoladora esperança de Eterno Tabor..."

E agora, a comovente oração do Pe. Narciso, na qual, pela primeira vez, expõe em público o seu lema em favor dos que sofrem.

"Se ha na vida horas de alegria, e sem divida o dia mais feliz em que a alma se vê e se sente na posse do objeto amado; do objeto que desde os tenros anos fascinava e fascina a minha mente, o meu coração — ‘ Sacerdócio’". Sacerdócio, palavra magica que tem arrastado milhares e milhares de briosos jovens a abandonar tudo: sua terra, sua herança e sua família, para seguir mais de perto, numa vida de renúncias e sacrifícios, as pegadas, os passos do Divino Mestre.

Hoje parece a alma desprender-se, dilatar-se, do meu

corpo e varar ate os umbrais celestes, na contemplação a Trindade Santa e retribuir de alguma maneira os inúmeros benefícios recebidos. Sim, gloria a Deus Pai, porque me criou e me deu tão insigne vocação. *Te Deum laudamos* . Gloria ao Filho Divino por ter me chamado a cooperar na grandiosa obra da redenção da humanidade: *Te Dominum confitemur*. Glória ao Espírito Santo, por ter me ligado tão intimamente pela unção sacerdotal a Trindade Santa.

Santo! Santo! Santo! Honra e louvor para todo o sempre ao Senhor, Nosso Deus.

Aproveito estes instantes para agradecer a todos quantos cooperaram na plena consecução de meu ideal, ao monte do Senhor.

Agradecimentos especiais aos sempre lembrados Superiores: Pe. Calogero Tortorici, Pe. Raimundo Damin, Pe. Júlio Sachet. Um agradecimento especial ao Rvmo. Pe. Algemiro Dallamea, pela bela saudação, pelas belas e comoventes palavras. Agradecimentos aos queridos pais, irmãos e irmãs, por tudo o que fizeram por mim.

Agradecimentos aos amigos e conhecidos e a grande e abençoada família Zanatta e a paróquia de Tapejara. Sinceros agradecimentos aos diretores da Radio Passo Fundo: Sr. Maurício Sirotski e Sr. Lamaison Porto, pela pronta e espontânea cooperação e cavalheirismo para a nossa festa. A todos, a minha benção sacerdotal e um Deus lhes pague.

Caríssimos irmãos: Apos 14 longos anos de duros estudos e meditações, apos tantas provações e dificuldades e pouca saúde, mas sempre conformado em tudo nos sábios desígnios da Divina Providencia, pois a quem Deus mais prova, as vezes amargamente, não abandona...

Foi nestas renhidas lutas que surgiu o meu lema: "Darei o meu coração e minha vida aos que sofrem"... Para os que sofrem

no corpo e no espírito, será toda a minha vida, meus sacrifícios e meu coração de sacerdote.

Agora, caríssimos irmãos, cantarei com todas as veras da minha alma este cântico e esta prece missionária:

Senhor! Que todos te encontrem no meu sacerdócio!

Que neles eu te encontre a ti para amar-te e neles servir-te ate morrer. “Amém”.

O dia 17 de dezembro será festejado todos os anos, pois o apreço que o Pe. Zanatta têm ao sacerdócio faz com que ele recorde e celebre com solenidade todos os aniversários de sua ordenação sacerdotal, dedicando especial brilhantismo ao 5º aniversário, ao 10º, ao 20º, ao 25º e ao 30º conforme teremos a ocasião de ver, longo destas paginas.

Dias apos, o neo-sacerdote celebrou missa na vila de Barão e, a seguir, na pequena localidade onde nasceu, em Rodrigues Rosa, naquele tempo Schaeferrek.

Nessa oportunidade foi alvo de expressiva homenagem de seus conterrâneos, havendo a professora local, D. Olinda Bondan, proferido uma bela saudação, declarando que o jovem sacerdote seria um apóstolo de Nossa Senhora e que se dedicaria a socorrer os doentes e sofredores. Era uma profecia que haveria de se realizar ao pé da letra, durante toda a sua vida.



Figura 30: 18.12.1949- primeira Missa do Pe. Zanatta em Tapejara.



Figura 31: 17.12.49, o diácono Narciso Zanatta, junto com D. Cândido, chega a Tapejara para a sua ordenação.



Figura 32: 12.12.49- Ordenação Sacerdotal em Tapejara.

21 - ÁGUA SANTA - IBIACÁ E SÃO MANUEL

Nossa Senhora, que trouxera a imagem desde Caxias do Sul, em seu caminhão; na presença de sua esposa, D. Pierina; da mãe Augusta Zanatta e de D. Maria Pansera, o Pe. Zanatta desencaixotou a imagem, entronizando-a no altar lateral direito.

Naquele instante, D. Maria Pansera não conteve a emoção e alegria e pediu que fosse rezado o 1º terço aos pés da linda imagem. Finda a reza, a mãe Augusta disse: "Essa imagem cera___2 do agrado de Deus". E D. Maria Pansera completou: "Nossa Senhora Consoladora ha de trazer saúde e vida para toda a nossa gente".

Era um momento histórico para Ibiacá, para a região e para a Diocese de Vacaria.

Aquela imagem e seu idealizador acabavam de iniciar uma heroica epopeia de esplendor mariano e de benção divinas para

milhares de devotos de Nossa Senhora Consoladora de Ibiacá\ A humilde Matriz de Santa Filomena com o passar dos anos, transformar-se-á no grandioso Santuário Diocesano, para onde afluirão multidões de romeiros, vindos dos mais variados pontos do Brasil.

Além de promover a devoção a Nossa Senhora Consoladora, transformando a paróquia num concorrido ponto de romeiros, o Pe. Zanatta iniciou uma serie de obras, visando o afervoramento da fé e o desenvolvimento da modesta localidade, hoje conhecida ate no estrangeiro, mercê do impulso dado por este apóstolo da Santíssima Virgem.

Como fara em outras paróquias mais tarde, aqui o Pe. Zanatta principiou por escriturar o terreno de todas as capelas, além de construir varias novas. Dedicou especial atenção a educação, a saúde, a abertura de estradas, construção de pontes.

Ao tomar posse da paróquia, o Colégio estava inacabado, com seu interior incompleto. Tudo foi providenciado; construída mais uma parte. Foi mobiliado. Calçamento. Sanitários. Obteve da Prefeitura Municipal uma professora cedida e outra conseguiu da Delegacia de Ensino de Erechim.

A seguir bateu a porta da Casa Provincial de mais de 30 Congregações religiosas, a fim de conseguir Irmãs para a direção do estabelecimento. Apelou ao superior dos Irmãos Lassalistas e depois aos Irmãos Maristas, para direção de um "Ginásio Agrícola", para o qual conseguiu terreno e uma gleba de terra.

A professora Jeni Avila Reis, inspetora do ensino municipal, visitando as escolas de Ibiacá e vendo o trabalho eficiente do Pe. Zanatta no setor do ensino municipal, escreveu um dia: "Estou muito grata a Nosso Senhor por ter trazido V. Rvma. para o nosso município".

A fim de obter auxílios para o Hospital, a escola paroquial, a escola agrícola, apelou para numerosos deputados federais e

estaduais, entre os quais destacamos: Ademar de Barros, Américo Godoy Ilha, Fernando Ferrari, Daniel Faraco, Henrique Pagnoncelli, Daniel Dipp, Raul Pilla, Aquiles e Paulo Mincarone, Darci Giacomazzi, J. D. Mariano da Rocha.

Consegui que Ibiacá fosse ligada a rodovia Lagoa Vermelha-Sananduva, hoje pavimentada. Apelando para o Governador do Estado, por intermédio do Dr. Leonel Brizola, Secretario das Obras Públicas, conseguiu que fosse construída a ponte sobre o rio Ligeiro na estrada Ibiacá-Tapejara, ponte que veio solucionar graves problemas, sobretudo em tempo de enchente, quando a barca não funcionava.

Com a apresentação de um relatório, por intermédio do deputado Aquiles Mincarone, trouxe em junho de 1954 a Agenda Postal para Ibiacá. Através de correspondência com o Pe. Roberto Roncato em 1955, sabemos que o Pe. Zanatta andou pleiteando a concessão de uma transmissora de radio. Com filmes encomendados da Mesbla S.A., fazia apresentações cinematográficas no salão paroquial.

Além de atender a 15 capelas, a paróquia e os romeiros, na media de mil por mês, permanecia até altas horas da noite para solucionar graves problemas do Hospital, do qual era diretor. Efetuou o registro deste estabelecimento. Colocou Irmãs tanto no Hospital como na Farmácia. Construiu novas instalações. Enfrentou problemas com médicos. Enfim, deixou a casa de saúde em excelentes condições de funcionamento.

Para as romarias, costumava trazer numerosos sacerdotes para atendimento das confissões. Os doentes, sobretudo os doentes problemáticos, reclamavam sua constante presença. Dava muitas bênçãos todos os dias. Por vezes, via-se obrigado a langor mão do exorcismo.

Juntamente com a mãe Augusta, auxiliava o Seminário

Diocesano e os Seminários religiosos, como o de Nossa Senhora da Salete de Marcelino Ramos, o da Sagrada Família de Passo Fundo, o dos Padres Carlistas de Guaporé, o dos Capuchinhos de Veranópolis. Auxiliava seminaristas em seus estudos. "Se todas as paróquias de Vacaria tivessem contribuído como tem feito a de Ibiacá e seu Vigário, hoje teríamos um dos melhores Seminários do Estado" (Carta a D. Claudio Colling, em 28.02.58).

A fim de obter auxílio para as obras paroquiais, visitava ou escrevia cartas a benfeitores, assim como fez em 29.09.57, dirigindo-se a D. Maria Dores Velho, viva do grande benfeitor Joao Batista Velho, de Bom Jesus.

Visto como recebia grande encomenda de missas, de missas gregorianas, remetia a esportula a Bispos, Seminários, a fim de que se providenciasse na celebração, naquele tempo quando ainda não existia a missa comunitária.

Na década de 1950, famílias de Ibiacá, em grande numero, deram de emigrar para o Oeste do Paraná e Mato Grosso. As empresas colonizadoras solicitavam então a colaboração do Pe. Zanatta. Ele não media esforços. Era dia e noite tratando com os colonizadores e emigrantes.

Atendendo solicitação de párocos , comparecia em varias paróquias do RS e SC, como Nova Bassano, Guaporé, Barracão, São Jose do Ouro, Ciríaco, Davi Canabarro, Campos Novos, Capinzal, Iomere, Concordia, a fim de presidir e abrilhantar as festas. Recebia cartas de párocos que encaminhavam doentes para que ele os abençoasse. O próprio D. Candido encaminhava doentes e sacerdotes, solicitando sua atenção e sua benção...

"Apesar de muitos trabalhos e preocupações paroquiais — escrevia ele a D. Henrique Gelain, Bispo de Vacaria, em 21.06.77, — não esqueci a Diocese. Basta lembrar a construção da 2ª parte do Bispado, compra do terreno e construção do Seminário, que estimei sempre como o "coração da Diocese", mantimentos e

provisões para o sustento dos seminaristas, sementes, farinha, rações para os animais, etc. Não foram, apenas, ofertas e doações dos paroquianos, mas eu pessoalmente e minha saudosa mãe D. Augusta ajudamos com nossas economias, como poderá atestar o então Vigário Cooperador, Pe. Olímpio Pagnoncelli".

No dia 17.12.1954 festejou o aniversário de sua ordenação sacerdotal com Missa solene e pregação do Frei Humberto Mattana, Vigário de Lagoa Vermelha. Banquete no Salão Paroquial.

O Pe. Benjamim Busatto, que durante algum tempo trabalhou na Diocese de Vacaria, desempenhou temporariamente o munus de Vigário Paroquial de Ibiacá, auxiliando o Pe. Zanatta, na Matriz, nas capelas, no atendimento aos doentes, sempre com grande dedicação e amor. Um dia, enviado pelo então Bispo de Passo Fundo, D. Claudio Colling, chegou um conselheiro Diocesano para saber o que o Pe. Busatto estava fazendo em Ibiacá\.

Um dia o Pe. Zanatta promoveu, com todo o povo, no salão paroquial, uma reunião a fim de tratar da instalação em Ibiacá de uma filial do Frigorífico Bondagnese de Nova Bassano. A ideia foi recebida com aplausos. Mas numa segunda reunião, liderada por comerciantes que se recusavam a iniciativa, os colonos e o povo desistiram, perdendo-se assim uma bela oportunidade para o desenvolvimento e segurança de Ibiacá\.

O Pe. Paulo Stacowitz, Superior Provincial da Sagrada Família, em 26.05.56, escrevia a D. Candido: "Acabo de passar nesta paróquia (de Ibiacá) mais de dez dias. Sempre tinha o Rvmo. Pe. Zanatta em conta de amigo, mas vou sair daqui gostando mais ainda dele. Ele é, de fato, uma alma abnegada, incansável, dinâmica, que ainda não perdeu o senso pela vida interior, que é a chave de todo o sucesso na vida sacerdotal. O trabalho aqui é realmente exaustivo. O apostolado que o Rvmo. Pe. Zanatta exerce é grandioso, formando uma grande barreira contra o espiritismo. Mas é demais para ele. Queira Deus que V. Excia. Ihe possa mandar

em breve um cooperador".

O Pe. Alcides Cericato, da Sagrada Família, tendo sido coadjutor de Ibiacá, escreveu acerca da atuação do Pe. Zanatta: "Espírito de organização e piedade, sacerdote zeloso que procura o bem espiritual do próximo, despertando nos doentes a conformidade e confiança na Mãe de Deus, também diante dos seus males físicos; abençoa a todos com as bênçãos do Ritual, aprovadas e recomendadas pela Igreja... Deus conserve para sempre o Pe. Narciso Zanatta no seu fervor apostólico para com seus paroquianos como para com os doentes do espírito e saúde" (Livro do Tombo, 19.02.57).

A Câmara Municipal de Nova Prata, sendo presidente o Vereador Alcides Tarasconi, prestou por meio do Vereador Fernando Luzato Filho, uma homenagem e uma menção honrosa ao Pe. Zanatta, pelo bem que vinha realizando no município em favor de numerosos doentes.

Da mesma forma, em Ibiacá, quando o Pe. Zanatta já se encontrava trabalhando no Oeste do Paraná, a Câmara Municipal, através do Vereador Arlindo Dalla Costa, prestou um voto de louvor ao Pe. Zanatta, pelo seu trabalho social e benemérito ao povo e região de Ibiacá.

Arlindo Dalla Costa, que foi um grande colaborador da Igreja, especialmente quando o Pe. Zanatta era pároco de Ibiacá, fez uma longa exposição das numerosas e importantes realizações deste sacerdote, não apenas para incremento da prática religiosa, mas pela promoção que sua obra vem exercendo em favor do município e da região.

Recordou o apoio e colaboração que obteve do Prefeito de Sananduva, sr. Antonio Navarini, bem como do Subprefeito e Subdelegado Celestino de Oliveira, pessoa generosa que chegava a tirar do seu pequeno ordenado para pagamentos na construção de pontes, conserto de estradas, escolas. Recordou a luta para

conseguir a vinda dos Irmãos Maristas para trabalhar em Ibiaçá. A ponte sobre o rio Ligeiro. A estrada ligando Ibiaçá as Porteiras. A preocupação de trazer para Ibiaçá uma filial do Frigorífico Bodagnese de Nova Bassano. Lembrou, ainda, a luta do sacerdote em favor do Hospital e da Farmácia...

Em julho de 1955, chegava a Ibiaçá, com carta de recomendação de D. Candido, o Pe. Albino Dalzotto, o 1º sacerdote da paróquia, que permaneceu alguns dias auxiliando no serviço pastoral.

A convite do Frei Lauro Reginato, cura da Catedral de Vacaria, o Pe. Zanatta pregou nesta igreja por ocasião do 20º aniversário da sagração episcopal de D. Candido, no dia 03.10.1956.

O popular cantor Teixeira, a convite do Pe. Zanatta, esteve em Ibiaçá no princípio de sua carreira artística, para maior brilhantismo das festas religiosas. Depois disso, Teixeira compôs e gravou músicas em honra de Nossa Senhora Consoladora.

No dia 05.05.1957, o Pe. Zanatta esteve no Barracão, RS, para inaugurar com a bênção a Capela de Nossa Senhora Consoladora, mandada construir pela firma Bridi, Gradin & Cia Ltda.

Vários seminaristas receberam auxílio do Pe. Zanatta, durante os estudos. Esta generosa prática acompanha sempre o apóstolo de Nossa Senhora Consoladora. Nunca deixa um seminarista sem ajuda, assim como tem auxiliado sacerdotes necessitados ou viajando pela Europa. Se na hora não dispõe de dinheiro, apela para o cunhado Vitório Broch, para os Irmãos ou mesmo obtém por empréstimo de outros sacerdotes, a fim de socorrer o necessitado. Muito resta a dizer acerca do apostolado do Pe. Zanatta a testa da paróquia de Ibiaçá. Mas este capítulo esta ficando por demais extenso.

Entretanto, não se pode calar a perseguição de que foi alvo o então pároco de Ibiacá. Perseguição que culminou com a sua transferência da paróquia e, logo depois, da própria Diocese de Vacaria.

Para julgamento deste epílogo da brilhante trajetória do Pe. Zanatta em Ibiacá, nada existe de mais esclarecedor do que a palavra dele mesmo ao seu superior eclesiástico. Ai vai, pois, quase toda a carta que o Pe. Zanatta escreveu de Ibiacá, no dia 28.02.1958, ao Exmo. e Rvmo. Sr. D. Claudio Colling, DD. Bispo de Passo Fundo e Administrador Apostólico de Vacaria.

“Religiosas saudações”. Permita-me V. Excia. que use, nesta carta, a máxima franqueza. Não se trata de apologia, mas exposição serena da verdade.

Meu primeiro campo de ação pastoral foi a freguesia de São Manuel, onde estive dois anos e tive grandes consolações. Em longas viagens a cavalo e mesmo a pé, desafiando as intempéries do tempo, penso que sempre cumpri o meu dever. Tinha ocasiões de abusar da vida e do poder, mas a continua lembrança da presença de Deus e de sua justiça sempre me livraram de todos os imbustes e ilusões.

A 10.02.1952, a obediência me chamava para a paróquia de Santa Filomena de Ibiacá. Aqui encontrei quase tudo por fazer. Território assaz extenso, abrangendo dois distritos, capelas a construir e a Matriz com dívida superior a 250.000 cruzeiros. Quase seis anos de lutas, sacrifícios e imolação para o bem das almas e conservação da Religião, onde gastei as melhores energias de minha vida.

Eis que surge, espontaneamente, um movimento mariano, que foi o pomo de contradição... Com a vinda da imagem de Na. Sra. “da Consolação”, a 20.05.1952, e a propaganda popular duma insigne graça alcançada por pessoa devota, foi a origem do piedoso e abençoado movimento. O pároco se restringiu as bênçãos de

saúde segundo o Ritual Romano. Os romeiros afluíam de toda parte. Novas graças e até curas milagrosas. O Bispo-Prelado nos presenteou com belíssima oração a Nossa Senhora da Consolação. A Novena, composta por outro colega, mereceu inteira aprovação do Exmo. Prelado. O povo, cheio de confiança, invocava Nossa Senhora Consoladora de Ibiacá, e até Nossa Senhora de Ibiacá, título aprovado pelo nosso Prelado, D. Candido, para a Prelazia. Marcou S. Excia. o último domingo de fevereiro para a romaria geral. Ele vinha pessoalmente prestigiar a devoção sã de seus diocesanos. Nunca sofreu humilhações. Pelo contrário, ele mesmo celebrava a Missa principal e pregava a multidão de romeiros.

Os frutos não se fizeram esperar. Nossa Senhora abençoou boamente toda a devoção espontânea, quase ingênua, de seus devotos. Começaram, então, também os falatórios... Invejas, ciúmes, talvez... *Inimici domestici ejus* já prevenira Nosso Senhor. Os comentários mais desencontrados se fizeram ouvir: "estudou com os outros e quer ser mais que os outros... Com tais bençãos põe em perigo a fé" e a religião, pois os que não se curam, vão se rebelar... Esta favorecendo o espiritismo etc, etc". Houve até difamações públicas contra minha inútil pessoa. Houve, porém, também frutos positivos. Onde nunca se costumava apreciar a riqueza do Ritual da Igreja, agora todos procuram usá-lo, impedindo a ida de seus fregueses para Ibiacá...

Surge a questão 'Santuário'. Em Ibiacá nunca se falou nisso. Os padres que vi-nhá a Romaria, impressionados ante a fé do povo e as graças alcançadas, pediram espontaneamente ao Prelado que declarasse a Igreja Matriz de Ibiacá 'Santuário de Nossa Senhora da Consolação'. Estava na alcançada do Exmo. Dom Candido aprovar ou reprovar tal devoção, tais títulos e tudo quanto se fez em favor da devoção mariana nesta paróquia. Alias, se foi chamado 'Santuário' tem sua razão de ser, consoante 'Carta aos Padres', 1957, pag. 441 ou 'Sal Terrae', 44, 1956, pag. 356.

Falou-se do 'grande negócio de Ibiacá'. A pouca freguesia

do Hospital local foi atribuída por maliciosos as bênçãos dos doentes que o Vigário costumava dar. Vem a luta... O medico fugiu a meia-noite. Os médicos solidários queriam expulsar o Vigário... Ai esta o Hospital da Igreja, respeitável patrimônio, fruto de inúmeros dissabores e lutas honrosas de um Vigário da roca. Quando o sacerdote leva o Evangelho apenas na cabeça e não no coração, e evidente o contraste.

A difamação com que fui contemplado autorizadamente foi verdadeiro escanda-lo para os fieis e desonra para o sacerdócio. Padres da Diocese de V. Excia. levaram ao publico assuntos concernentes a esta paróquia e se julgaram autorizados a difamar o vigário. Sei que V. Excia., zeloso pela integridade da Igreja, enviou uma 'carta-circular' aos párocos vizinhos, prevenindo-os contra o padre de Ibiacá. Monsenhor Magrin. Em frente da Matriz do Barão de Cotegipe, esbravejava contra mim. Um padre escreveu ao nosso Prelado com diversas 'apreciações' só pelo fato de eu ter entrado em certa casa de família para comprar batatas para o Hospital, e dai, ocasionalmente, uma benção de saúde. Sei também que V. Excia. Disse diante de leigos que 'o Padre Zanatta ira a Vacaria, onde pode benzer as bicheiras de la... '

Será isso apenas desprezo a minha pessoa - e sou sacerdote - ou também ao Ritual da Santa Mae Igreja? Mais graves foram as arbitrariedades cometidas pelo Mons. Magrin, autorizado, alias, por V. Excia. Com velas, missal e crucifixo arranjou alguns cretinos para deporem contra as 'imoralidades' do Pe. Zanatta. Francamente, Excia., tal modo de agir toca as raias do incrível. Tal difamação bem mereceria reprovação de qualquer pessoa sadia e que tenha alguma noção de prudência sacerdotal. Quem foi ouvido? Foi procurado, talvez, o homem honesto, o fabricante consciente, o colega conhecido? Absolutamente. Alguns cretinos, alguns iludidos e algum ignorante. *JJbinam gentium sumus? O temporal O mores!* — devemos exclamar com o orador latino. Um dos depoentes, obrigado a depor contra mim, asseverou que o Mons. Magrin lhe dissera: 'Certos defeitos do Padre o sr. Bispo já

conhece. Você assim jura para constar os dizeres do depoimento '. Graças a Deus, Excia. Rvma., minha consciência esta limpa dessas faltas que me atribuíram. E o meu melhor atestado. O único que vale perante o Juízo de Deus.

Com tais modos de agir, com a intempestiva interferência de autoridades, com a retirada brusca e inesperada do nosso amado Prelado Dom Candido, com a inoportuna nomeação do Mons. Magrin para a Vigararia Geral, com a tríplice intervenção do Exmo. Sr. Arcebispo, de V. Excia e do Mons. Magrin, esta nossa pobre Diocese ficou num estado de agitação geral, numa crise nunca antes vista nem imaginada. E se fora para maior bem das almas, ainda se poderia compreender. Mas, infelizmente, gerou tamanho escândalo entre clero e leigos, que tornou desdouro para a nossa Santa Religião e um retrocesso imperdoável para as diretivas de um mundo melhor. Se a caridade esfria nas fontes, que devemos esperar dos outros? Se o clero não observar o mínimo de caridade sacerdotal, que cera___2 dos leigos? Não seria infrutuoso que o Exmo. sr. Nuncio Apostólico soubesse exatamente do que se passou e se passa em nossa Diocese de Vacaria. Quem sabe que sua prudente intervenção viesse sanar os estragos causados por intempestiva atuação de nossos atuais administradores, os quais, certamente, agiram de boa vontade, mas de modo imprudente e inoportuno. Que Deus nos mande um Pastor e Pai que apascente as ovelhas e não que se apascente das ovelhas, conforme dito de São Gregório Magno. Com isso não pretendo negar todas as boas qualidades administrativas de V. Excia. Rvma, nem me mostrar pessimista e revoltado, somente não posso deixar de protestar contra o modo brusco com que foram feitas as investigações contra minha humilde pessoa e a maneira com que foi tratado o clero secular da Diocese, exceção feita do Vigário Maximiliano de Almeida...Falando do Seminário, que V. Excia. chamou de "galinheiro", devo dizer que dei as melhores atenções e que fiz grandes sacrifícios pessoais para que se concretizasse e se mantivesse. O mérito da construção do Seminário perante Deus e

medido não pela sua grandiosidade e tamanho, mas pela soma de sacrifícios dispendidos na piedosa obra. E posso afiançar que se todas as paróquias de Vacaria tivessem contribuído como tem feito a paróquia de Ibiaçá e seu vigário, hoje teríamos um dos melhores Seminários do Estado.

Tudo quanto tenho referido e' apenas um justo desabafo e uma reivindicação da difamação a que fui indebitamente submetido. Estou conformado com minha transferência, pois servir a Deus podemos em qualquer canto do mundo. Mas o que não posso tolerar com serenidade foi o afastamento do nosso sempre querido Prelado e a difamação contra minha honra sacerdotal.

Com sentimento de apreço, osculo o anel de V. Excia. Rvma. e peço humildemente a benção. Servo inútil em Cristo (ass.) Pe. Narciso Zanatta".

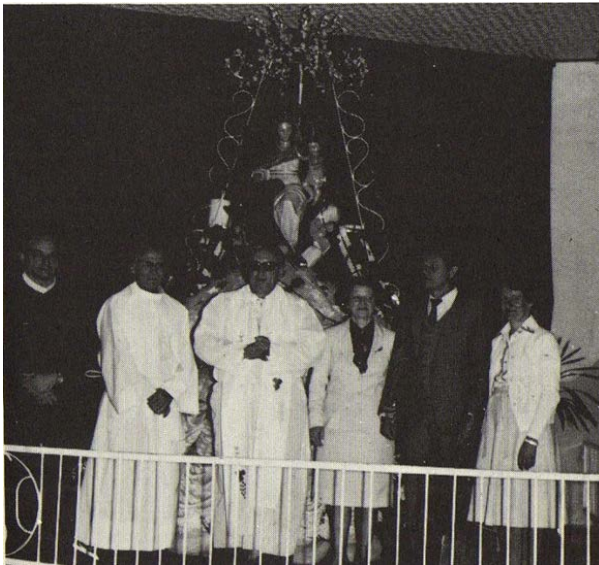


Figura 33: Ibiaçá- 1984: O Pe. Zanatta preside a festa das Bodas de Prata do Vereador Arlindo Dalla Costa.



Figura 34: Ibiaçá, 1953: 1ª Missa do Pe. Albino Dalzotto, cercado dos pais, do Bispo D. Cândido, Pe. Benjamim Busatto e Pe. Zanatta.

23 – EXPULSÃO DA DIOCESE DE VACARIA

O Pe. Narciso Zanatta foi sempre muito agradecido a D. Cândido, a quem chamava de pai. Mesmo residindo no Paraná, manteve com ele constante correspondência, solicitando conselhos, bênçãos. Pediu que D. Cândido fizesse uma oração do trabalhador, oração que vem sendo difundida por milhares de folhetos, justamente com a oração de Nossa Senhora Consoladora, também de autoria do sr. Bispo-Prelado.

Por sua vez, D. Cândido nunca deixava as cartas sem resposta, pois reconhecia os bons serviços do Pe. Zanatta e o tinha em alta estima, procurando sempre defendê-lo das acusações e ataques. O historiados Pe. Arlindo Rubert e o Pe.

Júlio Marin admiravam D. Cândido pela sua coragem em defender os sacerdotes.

Em carta de 11.03.1972 escrevia-lhe D. Cândido: “Eu ando aqui em muitas angústias e por muitos motivos. Parece-me ter sempre feito tudo o que estava em mim para o triunfo de Cristo e de sua Santa Igreja. Ainda hoje estou fazendo tudo quanto está em mim. Mas como que num estado de verdadeiro abandono... Meses para cá comecei a me sentir velho e queria retirar-me em algum asilo de paz, de oração, de fraternidade e trabalho. Não vejo onde encontrá-lo. O Senhor nos ajude. Estou também quase CEGO”.

Depois desta vez, D. Cândido escreveu ainda muitas vezes ao Pe. Zanatta, até quase no ano de sua morte, ocorrida em Caxias do Sul, no Convento da Imaculada, dos Padres Capuchinhos, a 07.07.1978, com quase 90 anos.

D. Cândido deu integral autorização e todo o apoio ao movimento mariano da devoção a Nossa Senhora Consoladora de Ibiacá, não só para presidir às Romarias anuais, mas para frequentes visitas pastorais, ou para tratar de assuntos relacionados com a paróquia, o hospital, o colégio.

Durante 21 anos, até 1957, D. Cândido dirigiu a prelazia com zelo e dedicação extraordinários. Chegava a passar longas horas no confessionário. Visitava o imenso território muitas vezes a cavalo, chegando, por vezes, a fazê-lo a pé.

Pois logo que foi anunciada a elevação da Prelazia à categoria de Diocese, a notícia da transferência de D. Cândido abalou profundamente todo o clero diocesano e religioso, assim como todos os fiéis.

Surgiu, então, um movimento, chefiado pelo deputado federal Dr. João de Paula e Silva, visando impedir a transferência de S. Excia. Rvma. Permanecendo agora como primeiro Bispo da Diocese. As autoridades municipais de todas as comunas que

integravam o território da Diocese, no dia 24.12.1957, enviaram a D. Armando Lombardi, DD. Núncio Apostólico, o seguinte ofício:

“Exmo.” e Rvmo. Sr. D. Armando Lambordi, DD. Núncio Apostólico de Santa Fé no Brasil: Os firmatários, Prefeitos em exercício dos municípios de Vacaria, Lagoa Vermelha, Bom Jesus e Sananduva, integrantes territorial e demograficamente da Diocese de Na. Sra. da Oliveira de Vacaria, que compreende a maior parte do Nordeste do Estado do RS, vêm, mui respeitosamente, à presença de V. Excia. Rvma. dizer, e, afinar, pedir o seguinte, a bem da Religião e Salvação das Almas:

Que nesta florescente Diocese, lavram profundo descontentamento e sincero pesar, pelo afastamento inesperado do virtuoso, digno, ilustre e piedoso Antístite D. Frei Cândido da direção desta Diocese, a que serviu, com inexcedível zelo apostólico, por bem longos 21 anos, a contento de todos os fiéis, que viam em S. Excia. Rvma. um verdadeiro pai espiritual, dedicado como um pelicano a prol de seus fiéis e, por isso, capaz de todos os sacrifícios e renúncias, pelo bem e prestígio da Santa Madre Igreja e Salvação das Almas em Cristo Nosso Senhor.

Que é desejo ardente dos diocesanos, sem distinção de cores políticas, que S. Excia. Rvma. seja o primeiro Bispo desta Diocese, erigida sob a invocação da Imaculada Na. Sra. da Oliveira, Rainha da Paz.

Que, interpretando o anseio geral dos diocesanos, vêm os firmatários obsecrar de V. Excia. Rvma. a indicação do Santo Prelado D. Cândido para ocupar o curul episcopal da Diocese de Na. Sra. da Oliveira, neste legendário Estado do RS, com o que terá V. Excia. Rvma. acolhido o uníssonos sentir dos fiéis desta Diocese e feito justiça a este Santo verão de Deus Nosso Senhor e defensor de na Glória e da Santa Religião Católica, Apostólica, Romana.

Apresentando a V. Exa. Rvma. os votos de um feliz Natal, Boas Festas e de um Feliz e Próspero Ano Novo, colhemos o ensejo para reafirmar, ao preclaro embaixador da Santa Sé em nossa querida pátria, os protestos da nossa indefectível fé católica.

Assinados: Dr. Nicanor Kramer da Luz – Prefeito de Vacaria.

Adolfo Stella – Prefeito de Lagoa Vermelha.

Áureo Ribeiro Velho – Prefeito de Bom Jesus.

Graciano Camozzato – Prefeito de Sananduva.”

No dia 23.12.57, cinco sacerdotes diocesanos de Vacaria, tendo à frente o Pe. Narciso Zanatta, enviaram um manifesto ao Sr. Núncio Apostólico, queixando-se amargamente do tratamento recebido do sr. Administrados Apostólico.

“Fomos tachados de revoltosos – dizia o manifesto – acostumados a dançar nas barbas do Prelado, de insubmissos, incultos, incapazes e ineficientes”. “Vimos suplicar V. Excia. Rvma., Sr. Núncio Apostólico, que nos conceda socorro, devolvendo à Diocese de Na. Sra. da Oliveira de Vacaria, o nosso amado Bispo D. Cândido, cuja paternal bondade e zelo apostólico trazia unida a Igreja e a gloriosa religião, e cuja ausência é profundamente sentida por todos os fiéis, que desejam ardentemente a sua volta a este Bispado. Só assim poderíamos continuar servindo humildemente a Deus e a SS. Virgem nesta Diocese; pois, do contrário, nosso desejo será fugir para bem longe, cansados que estamos de ouvir tantas injustiças e de ser trados com tamanho desprezo.”

A reação a este manifesto ao Sr. Núncio Apostólico, podemos conhecer através de uma carta do Pe. Zanatta a D. Daniel Hostin, Bispo de Lages, uma das sete dioceses que se prontificaram a receber os padres signatários.

“Passando por Caxias (11.03.58) – diz a carta – rumo ao exílio, falei demoradamente com o meu antigo Superior, D. Cândido, grande e paternal amigo e colega”. Expus os motivos de minha precipitada saída ou fuga: a) porque atendo demasiadamente os que sofrem; b) o manifesto que enviamos ao Sr. Núncio (e que já mostrei a V. Excia), em defesa do clero diocesano e do Bispo.

Sabemos que o Sr. Núncio o mandou chamar e ele voltou furioso. Ao voltar, sem explicação (porque assinei por primeiro na lista e ser mais velho e devia ter mais juízo) me tirou todos os poderes que D. Cândido me tinha dado. Deu-me o trabalho de cuidar do Asilo de Velhos em Vacaria e trabalhar no arquivo da Cúria, incomunicável e sem poder atender pessoa alguma, sob pena de suspensão, dada a qualquer hora, pelo Secretário Geral, se falasse com alguém. Depois, continuou o Sr. Administrador: Você fez o manifesto contra a minha administração...

Então respondi: Excia, nosso objetivo era de solidariedade, era mostrar que amávamos e queríamos bem a D. Cândido; as demais Dioceses dizem e falam que o claro diocesano não reconhecer os tantos benefícios feitos pelo Sr. Bispo D. Cândido, diocesano não reconheceu os tantos benefícios feitos pelo Sr. Bispo D. Cândido.

Fez uma pausa e falou: ‘Pe. Zanatta, você quer me fazer um favor?’ Fiz uma pequena pausa e respondi: ‘O favor que V. Excia. quer pedir é há tempo que deseja pedir’.

Levantou-se e deu um tremendo murro sobre a mesa: “Você está suspenso – pelo desacato e desrespeito à autoridade”... Agora mesmo, vou enviar uma circular a todo clero, comunicando a sua suspensão...

E começou a escrever... Enquanto escrevia, confuso por tamanha injustiça e imposição, talvez iria causar perda à religião e às almas, pedi uma aparte.

– É possível outra proposta, Excia.?

Parou de escrever e, com os olhos esbugalhados, atendeu o ‘meu forçado pedido’. – Vossa Excia. – falei – me concede a licença que o Diretor Canônico dá para a saída da Diocese?

Então respondeu: Podemos dar, mas não para as dioceses aqui de perto e manos para Lages, de onde há pouco apareceu uma comissão, convidando-o a trabalhar em Lages.

– Disto não sei – responde – Para mim, qualquer canto me serve.

Tomou duma folha de papel, escreveu e, quando foi dar o visto, com o carimbo, rasgou em parte o papel. Então eu disse: Serve este mesmo papel.

– Não – diz. – Farei outro...

Ao meio-dia comemos juntos: Havia padres, senhoras, religiosos. Para tranquilidade, pedi ao Secretário: Pergunte ao Sr. Bispo se a minha suspensão continua.

Ao sair do Bispado, perto da porta, ele me chama de lado: Pe. Zanatta, a sua suspensão fica sem efeito... Já que não combinamos, procure outro Bispo e não fale com nenhum padre e com nenhum autoridade.

– Está bem. – Ele foi.

Eis a justiça dos homens. Por dizer a verdade, então, sou enxotado, expulso, sabendo o que fiz pelo Bispado durante quase dez anos; o Seminário e, agora, um nada. Ele vai contando aos quatro ventos: ‘Eu acabei com o Pe. Zanatta’.

D. Daniel, nunca teria sonhado que na Igreja houvesse tamanha falsidade. Agora me encontro nesta Diocese. O clima é muito diferente, o povo tem muita mistura. Caso não me habituas neste lugar, serei obrigado a procurar um outro meio, onde poderia

me acomodar e com mais tranquilidade poder fazer o bem às almas.

E, ao finalizar esta missiva, espero que V. Excia., como um bom pai, já adivinhou o resto que não exprimi nestas linhas. (Ass.) Pe. Narciso Zanatta.”

Dos cinco membros do Clero Diocesano de Vacaria que haviam enviado manifestos ao Sr. Núncio Apostólico, solicitando a permanência de D. Cândido à frente da Diocese, três saíram efetivamente, enquanto dois permaneceram em Vacaria. Junto com o Pe. Zanatta deixaram a Diocese o Pe. Benjamim Miotto e o Pe. Santo Pelizzer, este último é hoje Vigário Geral em Cascavel.

O fato obteve a mais larga repercussão. O jornal “O Município”, de Lagoa Vermelha, edição de 25.05.1958, publicou extenso artigo de cinco colunas de página inteira, lamentando o triste episódio.

“A esta hora – dizia o jornal – em que sacudis o pó das sandálias para ingressardes na nova seara do Senhor, é preciso lembrar que a Providência Divina não falha e nos oferece degraus de disposição de subir a sim de encontrá-los...”

Referindo-se ao Sr. Bispo D. Cândido, diz o artigo: “Para todos os corações que aqui ficaram, encarcerados na grande dor da inesperada, repentina retirada de nosso Pai e Pastor Espiritual, D. Cândido, pedimos, suplicamos, imploramos e, por que não dizer, exigimos que façais algo e que peçais ao Pai Eterno em nome de Cristo, que derrame sobre a indescritível e inenarrável situação de nossa Diocese a chama do sacrossanto amor, que ilumina e salva, esclarece e aprimora”.

E depois de candentes considerações acerca do fato lamentável, pergunta o jornal: “Por que, Senhor, nos roubaram o nosso pastor e por que nos abandonam os sacerdotes?... Essas perguntas, desafiando o tempo e o espaço, continuam sem resposta... Onde buscá-la? Na fé imorredoura que nos legou o

Pastor, aos vinte longos anos de estafante trabalho, esforços e inenarráveis sacrifícios espirituais, corporais e materiais, sempre regados com carinho, dedicação e amor, que nos deixou o santo e abnegado Bispo, a germinar em nossos corações”.

Para o Pe. Narciso deixar a Diocese que ele elegeu, pois não nasceu aqui, foi tremendamente duro, profundamente lamentável. Deixar a seara do Senhor, a seara das primícias do seu ardoroso sacerdócio, onde levantou monumentos de fé e um Santuário Mariano, visitado por milhares de romeiros dos mais recuados rincões, numa epopeia de fé impressionante.

Mas ele, o apóstolo de Cristo, que no dia de sua ordenação sacerdotal, ofereceu o coração e a vida para os que sofrem, ele, vendo-se na desgraça de cair no abismo da suspensão a *divinis*, privado de celebrar a santa missa, de pregar aos fiéis, de abençoar os seus doentes, de soerguer as almas com sua bênção, ele, diante da impossibilidade de trabalhar pela Igreja, vendo-se relegado como um simples leigo, não podia hesitar.

Seu ardor apostólico não vacilou. Pediu, então, que em troca da suspensão lhe concedessem o que o Direito Canônico mesmo determina: a incardinação em outra Diocese, onde ainda pudesse servir a Santa Igreja, celebrando o santo sacrifício para outras almas distantes, bem distantes, onde pudesse abençoar os enfermos e sofredores.

A permuta foi-lhe, então, concedida. Mas que ele se retirasse para bem longe da sua querida Diocese de Vacaria, sobretudo bem longe de Ibiacá.

Foi uma punhalada para o coração do apóstolo, inflamado de amor às almas. O que sofreu o Pe. Zanatta! Quase enlouqueceu, conforme declarou ao autor deste livro.

Partiu desorientado. Correu para junto do seu velho Pai, D. Cândido, diante do qual expandiu sua alma num oceano de lágrimas. Visitou seus queridos pais em Ibiacá, para anunciar-lhes

a sua próxima saída da Diocese de Vacaria, portanto longe do Pai Ângelo e da Mãe Augusta. Lá em Ibiacá, diante de imagem de Nossa Senhora Consoladora, chorou, pediu a sua proteção e prometeu erguer outro Santuário, outras Igrejas dedicadas à Santíssima Virgem Consoladora.

Refugiou-se no Guaxo, na fazenda de seus amigos Zulmiro e Lourdes Paim Stella. Foi ter com o seu companheiro de Seminário, o Pe. Marcelino Rizzon. Bateu à porta do seu advogado, o Dr. Aqueles Mincarone, em Bento Gonçalves, que lhe disse que nada devia temer. Bateu ainda à porta do amigo Guilherme Casanova dos Zanotto, em Antônio Prado. Um dia, vendo-se perseguido, solicitou ao Frei Humberto Mattana que o escondesse em sua Casa Paroquial, em Lagoa Vermelha...

Por fim, esgotadas as forças e o pranto, caiu no hospital em Bento Gonçalves. Não podia mais. Estava exausto. Estava arrasado. Então, lá no hospital, rodeando pelo carinho das Irmãs de São José, companheiras de sua Irmã Leonora, ali junto de Jesus Eucarístico e aos pés da imagem de Nossa Senhora, recuperou alento, para prosseguir a jornada, a longa caminhada rumo de outras paragens, junto de outro rebanho, de outros doentes, de outras almas sofredoras...

24 – PÁROCO DE IVAIPORÃ

Afastado da paróquia de Ibiacá, o Pe. Zanatta assumiu, dia 05.03.58, a Secretaria do Arquivo do Bispado e Capelania do “Lar e Asilo Nossa Senhora Consoladora”, na cidade de Vacaria.

Entretanto, no dia seguinte, às três horas da tarde, como sabemos, aconteceu o dramático encontro com D. Cláudio Colling, Administrador Apostólico da Diocese, que o suspendeu a *divinis*. A suspensão, afinal, acabou sendo suspensa, diante do pedido de sair da Diocese para incartinar-se em outra.

No dia 09 de março, domingo, depois de refugiar-se no Guaxo, na fazenda do amigo Zulmiro Stella, esteve em Antônio Prado, para despedir-se dos amigos Facioli e Zanotto. No dia seguinte, em Caxias do Sul, desabafou com o Pe. João Meneguzzo, visitou o Seminário Nossa Senhora Aparecida. No dia 11, encontro com D. Cândido. Dia 13, aniversário de sua irmã Maria de Lourdes, esteve em Ibiaçá, permanecendo aqui até dia 16, quando pernitoou na fazenda do amigo Domingos Donida, nos Três Pinheiros.

Dia 17, em Lagoa Vermelha, em casa do amigo André da Cunha Hoffmann, e, à noite, na cripta da Matriz, participou da cerimônia das Bodas de Lídio Allegretti. Esteve ainda em Vista Alegre, Canoas, Porto Alegre e, outra vez, em Caxias do Sul.

Dia 31.03.1958, em companhia do Pe. Benjamim Miotto e do Pe. Santo Pelizzar, seguida, por via aérea, para Cascavel e Laranjeiras do Sul, no Estado do Paraná.

Em Laranjeiras do Sul, sede da Prelazia da Foz do Iguaçu, apresentou-se ao Bispo-Prelado, D. Manoel Koenner, o qual, no dia 2 de abril, o nomeava pároco de Ivaiporã.

Era um sacerdote diocesano, com vocação missionária, que deixava uma Prelazia para exercer seu múnus pastoral em outra.

Ivaiporã era então distrito de Manoel Ribas, Paraná, bem no centro geográfico do estado. Uma paróquia imensa, com mais de 100 mil quilômetros de extensão.

Terras novas e excelentes, começavam a ser colonizadas por imigrantes de muitos pontos do país, apresentando todos os problemas das regiões de pioneiros, problemas de terras, problemas de posseiros, de jagunços.

Banhada pelo manso e pitoresco Ivaí, encontrava-se em vésperas de emancipação, para a qual batalhou o Pe. Zanatta. Em

poucos anos, em seu território, surgiram vários municípios e sete paróquias.

Às margens férteis do Ivaí, os primeiros missionários jesuítas fundaram a Redução de Vila Velha e outras, de onde foram expulsos. Agora, o missionário Pe. Zanatta iniciava seu trabalho pastoral na imensa paróquia, fundada em 20.10.1956, tendo como padroeiro Bom Jesus.

Encontrava-se, havia algum tempo, sem pároco. Portas da Matriz trancadas. Sacrário vazio. Quase tudo por fazer. Mas Pe. Zanatta, primeiro pároco feito, encontrou almas generosas e dispostas a ajudá-lo. A comissão da paróquia estava assim constituída: Guilherme Kurten, João Lino Lessa, Ciríaco Michelis e Aparício Bittencourt.

Três apostólicas senhoras tomaram-se grandes auxiliares do novo pároco: D. Maria Diva Ribeiro Proença, D. Eloina Zanardini Leal e D. Catarina Kurten.

A Congregação Mariana, extremamente abnegada, era dirigida por José Wil, Antônio Britto, Pedro Sultoski e Celso Alvez.

A população católica aproximava-se de 50 mil almas, havendo, ainda, cerca de quatro mil protestantes e algumas famílias de crentes. Na sede, além da Igreja Matriz, com terreno medindo 6.303 m², há a Casa Paroquial e a Sede Social da Ação Católica Mariana.

Durante cinco anos de intenso trabalho, o Pe. Zanatta, além de atender a uma dezena de capelas já existentes, fundou mais doze, sendo que, atualmente, em 1985, várias delas são sedes paroquiais. Só em Jardim Alegre, hoje municípios, há três paróquias.

Em 1959, foram pregadas Missões pelos Padres Passionistas, que percorreram toda a paróquia, especialmente na sede e nas Capelas de Jardim Alegre, Luar, Guaretá, São João do Ivaí, Bentevi, Jacutinga e Lindianópolis.

Os últimos dias da Missão, pregada pelos Padres Ildefonso, Tomás e Guilherme, tiveram lugar no amplo prédio do Cinema, cedido pela Companhia Colonizadora UBA.

No encerramento, foi erguido um enorme cruzeiro de 17 x 10 metros, de um só tronco de peroba, “o maior cruzeiro de todas: as Missões dos Padres Passionistas”. O levantamento, com possantes tratores, demorou o dia inteiro.

Falando do que Pe. Zanatta realizou em favor da Missão, escreveu a revista “Calvário” de julho de 1959. “Dizer algo do que realizou e está realizando o bondoso Pe.”. Zanatta na paróquia, basta apelar para a sua fama popular, sua heroica virtude e sua peregrina bondade. Estimadíssimo de todos, está à frente do seu rebanho como verdadeiro Pastor. Escusado é dizer que a realização, orientação e a vida da Missão devem se ao seu zelo apostólico.

Admiração, gratidão e estima imperecível dos Missionários, com votos de dias sempre melhores ao incansável Pe. Zanatta. Que Nossa Senhora Consoladora de Ibiacá, para cuja glória tanto trabalha, o acompanhe sempre.

Aqui fica também uma nora de louvor aos dirigentes da Companhia Colonizadora UBA, ao Dr. João Nelson Sobieray, aos Congregados Marianos, Família Merico e a todos os que de longe ou de perto deram seu valioso apoio às Santas Missões”.

Desejando obter o certificado de “Prático em Farmácia”, fez aqui um curso sob a orientação do Dr. João Nelson Sobieray, prestando exames em Curitiba, na Secretaria da Saúde, sendo diplomado no dia 27 de abril de 1959. De muita utilidade lhe será este diploma, sobretudo, mais tarde, quando pároco de Itapejara d'Oeste, onde fundará e dirigirá uma Farmácia.

Anos depois, em 1968, sendo este médico candidato a deputado estadual, como agradecimento, o Pe. Zanatta colaborou

eficiente em sua campanha eleitoral. Durante esta campanha, escreveu-lhe em 13.09.1968:

“Caro amigo, na campanha eleitoral, não atacar governos, ter paciência na pregação pública. Não assinar compromissos que depois não terá meios para cumprir, e nem peça nada emprestado... Assim desarmaremos os adversários. O Sudoeste Paranaense ou Estado do Iguaçu tem falta de líderes, de homens corajosos. Quando bem poderiam fazer!...”

Em 09.04.59 escrevia ao Dr. Plínio F. Ferreira da Costa, secretário da Fazenda do PR, sugerindo a imediata remoção do coletor estadual, Joanino Bevilaqua, perseguidor do Vigário, da Igreja, dos católicos, comerciantes...

Escriturou o terreno de quase as capelas. Construiu várias escolas em colaboração com os líderes da comunidade local. Assim, por exemplo, no dia 22.01.1961 juntamente com Francisco Costa, Archio Jory e João Lopes Pereira, fundou a Escola “Stella Maris”, de Jardim Alegre.

Em 17.12.59, festejou solenemente o 10º aniversário de sua ordenação sacerdotal. Mandou imprimir um lindo convite com estas palavras: “Senhor, que todos te encontrem no meu sacerdócio. Que neles eu encontre a ti para amar-te e neles servir-te. Até morrer”. Debaxo da foto. “Darei o meu coração e a minha vida aos que sofrem”.

Entre várias homenagens que então lhe foram prestadas, vale a pena transcrever o lindo poema de Ivan Luiz Sandini, declamado naquele dia:

Reverendo Padre Narciso,
Aqui estou para vos saudar!
Mas para fazê-lo preciso
Da ciência profunda, sem par.
Onde está minha sabedoria

Que não vem me ajudar?
Já sei! É a lado de Maria
Que inspiração irei buscar.
Mãe querida! Virgem intacta!
Uma prece vou fazer.
Que o bom Pe. Zanatta
Sempre feliz há de ser.
Virgem Mãe Consoladora,
Guiai o padre que amais,
Vós que fostes a realizadora
Dos seus sublimes ideais!
Pe. Narciso, nestes dez anos
Quantos bens às almas destes
Não olhando desenganos
Com Maria sempre vencestes.
Salve do aflito, amigo bondoso,
Salve das almas, meigo pastor
Do pobre sois pai caridoso,
In aeternum, sois Ministro do Senhor!

Como pároco de Ivaiporã, no dia 19.07.1960, o Pe. Zanatta tomou parte no Congresso Eucarístico Internacional, realizado em Munique, na Alemanha. Juntamente com outros sacerdotes e leigos, embarcou no navio “Cabo de São Vicente”, no Rio de Janeiro, no dia 05 de julho havendo chegado em Roma no dia 3 de outubro.

No dia 26 de julho visitou o Santuário de Nossa Senhora de Fátima, em Portugal. No dia 24 de outubro, estava na Espanha. Na França, visitou o Santuário de Nossa Senhora de Lourdes, celebrando missa na Gruta das Aparições. Esteve ainda na Áustria, Dinamarca, Holanda, Bélgica, Egito, Israel. No dia 15 de outubro, estava de retorno do Rio de Janeiro.

Ficou extremamente comovido ao visitar os Lugares Santos e celebrar missa na Capela do Santo Sepulcro. Vendo o sofrimento do povo palestino, sentiu vontade de dirigir-se ao Presidente da República, fazendo audacioso e quase temerário

pedido. No dia 12.11.1975, escrevendo ao Presidente Geisel, pedia que se desse ao povo palestino uma gleba de nossa Pátria.

Era um apelo praticamente utópico, mas que demonstra a grande bondade do coração do Pe. Zanatta. Se ele fosse Presidente do Brasil, cederia um pedaço da Pátria para um povo estrangeiro e sofredor. Vamos ler uns tópicos desta carta:

“Exmo. Sr.

Gen. Ernesto Geisel

DD. Presidente da Republica.

Há alguns anos, vi *in loco* o que se passa no conturbado Oriente Médio. Estive lá exatamente no palco onde se desenrola esse verdadeiro drama da humanidade, onde, direta ou indiretamente, todos nos protagonizamos... Escolha-se, Sr. Presidente, uma diminuta gleba do nosso território e demo-la aos palestinos: que algo encontrem aqui, neste abençoado solo, que se chama Brasil, a segunda terra mãe. Que aqui vivem, se governem, se auto determinarem e finalmente encontrem a paz, combustível necessário ao desenvolvimento de todas as nações. De quantos quilômetros quadrados se forma a Líbia? E o Líbano? E Israel? Pequenos estados independentes, mas grandes em sua forma como Pátria como nação como povo. A Amazônia aí está, Presidente, com uma minúscula fração dela, ofereçamos pátria aos palestinos, tranquilidade para os povos e paz em todo o mundo. Sem minúcias maiores, eis minha humilde sugestão neste, Ano Santo, onde nosso pensamento deve ser ‘repartir o pão’.”

Além de escriturar o terreno da Matriz, de todas as capelas e escolas, juntamente com a Colonizadora UBA o Pe. Zanatta dava assistência ao colégio das Irmãs das Escolas Cristãs, religiosas

abnegadas e heroicas, que tudo fizeram pelo distrito de Vaca-Gorda e muito cooperaram com o Pe. Guilherme Lissisipen.

Mas o Pe. Zanatta estava presente em todas as iniciativas da comunidade, de sorte que tinha o apoio das pastores de outras religiões. Quando se tratou da despedida da paróquia, os pastores protestavam, dizendo que o Pe. Zanatta não podia deixar aquele povo, não podia sair de Ivaiporã.

Para das apenas um exemplo de colaboração do nosso biografado, basta citar o sangrento episódio ocorrido durante uma concorrida carreira, no divisor de Ivaiporã e Manoel Ribas. Muita gente, muita bebida, muita alegria. De repente, um tumulto. Violento tiroteio em que participaram os dois delegados de Polícia de ambos os municípios.

O Delegado de Ivaiporã, Sr. João Huída, cai por terra baleado. Mortalmente ferido é transportado para o Hospital da Colonizadora UBA, na sede de Ivaiporã. O medico local não se decide a operar o delegado, declarando que não o fazia por ser seu amigo, o Pe. Zanatta pergunta: Doutor, o Sr. não vai operar, não vai estancar sangue, extrair as balas?

Era preciso tomar alternativa salvadora, urgente. O padre não hesita. Fala com a família do Delegado ferido e solicita que por rádio-amador se comunique com Londrina, a fim de mandar vir um avião.

Enquanto se providenciava a vinda do avião, o padre vai até à Igreja Matriz e começa a tocar o sino alarmando a população. Alguns perguntam onde é o incêndio. O pároco coloca todo mundo ao par do que passa. E pede que todos quantos têm como carro venham iluminar a pista, pois o avião chegaria de noite. Daí a pouco, chega um avião bimotor sem dificuldades.

Transportado numa maca, o ferido ia sendo embarcado no avião, quando chega o Pe. Zanatta e pergunta: Sr. Huída, o Sr. perdoa a quem te atirou? Silêncio. Sr. João Huída, perdoa a quem

te atirou? Neste instante, o ferido com aceno de cabeça e a voz se apagando, responde. Sim...

Em seguida, o avião decolou. Passados uns dias, o Delegado voltava sem vida para Ivaiporã. Apesar de ter sido inútil toda essa providência para salvar o infeliz Delegado, o povo mostrou-se muito agradecido ao Pe. Zanatta, por seu gesto humano e sacerdotal, sem o qual ficar-se-ia lamentando longamente não haver uma pessoa em Ivaiporã que se preocupasse em obter todos os recursos necessários para salvar uma vida. Ele morreu, mas não foi por falta de recursos.

Logo após o regresso da sua peregrinação pelo velho mundo, estando em processo de formação a nova Diocese de Campo Mourão, à qual Ivaiporã passaria a pertencer, o Pe. Zanatta foi convidado a trabalhar na formação da nova Diocese. Então, ele, sempre disposto para tais trabalhos, como fará mais tarde para Palmas, não mediu esforços, numa campanha ingente, no sentido de angariar donativos pra Catedral de Campo Mourão, Bispado, Seminário e carro do Sr. Bispo, D. Eliseu Mendes, empossado em 1961.

Neste ano de 1961, o Pe. Zanatta, por falta de saúde, sentia que não podia continuar atendendo satisfatoriamente a imensa paróquia de Ivaiporã, procurando, então, outro campo de atividade mais concernente com sua fraca saúde.

Já em 30.09.59, de Lages, escrevia-lhe o Pe. Abílio Nardelli: “Os Exmos. Bispos estão unânimes em recebê-lo, e colocam à sua disposição ótimas paróquias, inclusive a sede de Lages. Eles já conseguiram todas as licenças (embora a custo) do Bispo de Vacaria, que também está desejando ansiosamente a volta de V. Rvma. Creia NE minha sinceridade. O clima daqui é o melhor possível favorável”.

Mais tarde, em 22.07.62 o próprio Bispo de Lages, D. Daniel Hostin, escrevia-lhe dizendo que o Pe. Zanatta, querendo incardinar-se na Diocese, seria nomeado pároco de Lebon-Regis.

Entretanto, havendo recebido convite para dirigir a Rádio Colméia de Cascavel, considerou mais viável aceitar este encargo, no qual poderia recuperar a saúde, estando livre de percorrer paróquias.

Em 22.01.1962, D. Eliseu Mendes, Bispo de Campo Mourão, escrevia a D. Armando Círio, Bispo de Toledo e depois de Cascavel, comunicado que o Pe. Zanatta pede para deixar a Diocese, devendo ir para a de Toledo, a trabalhar em Cascavel como sócio da Rádio. “Desejo – escrevia D. Eliseu – e faço votos seja o mesmo sacerdote bem feliz na Diocese de V. Excia. Em Ivaiporã prestou bons serviços à causa da Santa Igreja.”

A despedida do Pe. Zanatta da paróquia de Ivaiporã, em fins de 1961, foi imensamente lamentada. Todos, até os pastores protestantes e os próprios jagunços que o chamavam de “gaúcho valente”, havendo ele enfrentado a morte por várias vezes, todos pediam que ele não deixasse Ivaiporã. Realmente, ele realizou aqui obra gigantesca, como 1º pároco efetivo.

Em seu lugar, no entanto, veio outro sacerdote apostólico e dedicado, o Pe. Arno Echert, que já havia trabalhado aqui durante a peregrinação do Pe. Zanatta.



Figura 35: 27.04.69: Formatura de "Prático em Farmácia".



Figura 36: Ivaiporã: O Pe. Zanatta dá a bênção de saúde.



Pe. Zanatta em Jerusalém



Celebrando na Gruta de Belém

Figura 37: Pe. Zanatta.

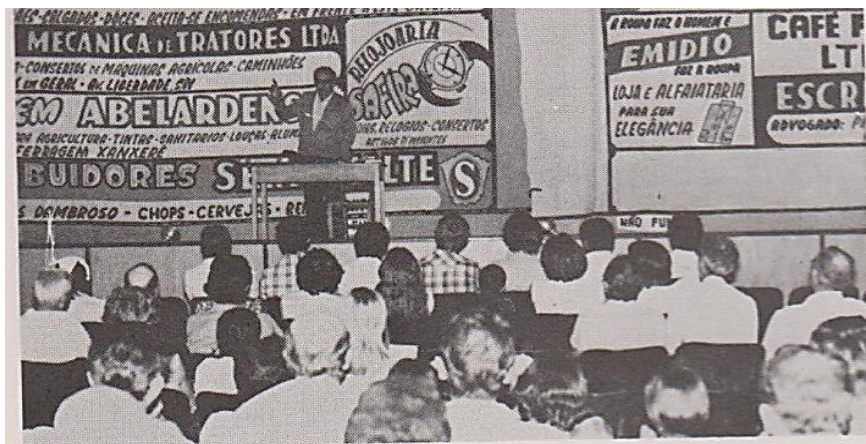


Figura 39: O professor Pe. Zanatta dando aula



Figura 38: D. Manoel Konner, Bispo- Prelado de Foz do Iguacu que em 1958 recebeu o Pe. Zanatta.



Figura 39: Ivaiporã: Capela S. Judas Tadeu.



Figura 40: Igreja Matriz de Ivaiporã- PR.



Figura 41: O Pe. Zanatta em Assis, Itália.



Figura 42: Capela S. João do Ivaí, hoje sede paroquial.



Figura 45: 1960- Na Gruta das Aparições- Lourdes, junto com o amigo Ortiz, da Bolívia.



Figura 43: Nossa Senhora Consoladora do Santuário de Ibiacá.



Figura 44: 16.9.1960: a bordo do "Cabo de São Vicente", o Pe. Zanatta, junto com numerosa comitiva, dirige-se a Munique, na Alemanha, a fim de tomar parte do Congresso Eucarístico Internacional.

25- CASCAVEL E SÃO JOSÉ DO OURO

Detentor de registro de jornalista profissional (processo 3425/60), o Pe. Narciso Zanatta adquiriu, em princípio de 1962, a propriedade e assumiu a direção da Rádio Colméia de Cascavel, onde, durante um ano, desenvolveu brilhante atuação, sempre batalhando pela Igreja e pela Pátria.

Encontrando-se livre das atividades absorventes da paróquia, pôde agora atender alguns dos muitos pedidos para visita de paróquias. Já em fevereiro de 1962, comparecia em Passo Fundo, para uma pregação, bênção de saúde e entrevista e jornais e rádios.

Por insistência de D. Augusto Petró, Bispo de Vacaria, o Pe. Zanatta aceitou retornar a sua Diocese de origem, como pároco de São José de Ouro, assumindo no dia 17.03.63.

Logo ao chegar, for alvo de expressiva homenagem, com discursos, poesias e jogral. “Há muito tempo – dizia a diretora de uma escola – esperávamos o pastor que Deus nos manda para salvar as almas, dar cura aos doentes, cansados e aflitos. Acolher os demasiados... De toda a parte, ouvia-se dizer: o Pe. Zanatta está em tal lugar; mas eis que Deus o mandou entre nós...”

Uma das primeiras preocupações nesta paróquia, foi resolver o problema surgido com os posseiros da Reserva do Espigão Alto, que foram transferidos para as terras do Cel. Libório Pimentel.

Tratou logo de fundas uma Banda Musical, de promover a prática da visita domiciliar da Capelinha de Nossa Senhora de Fátima. Entretanto, o seu mais brilhante trabalho foi a realização da Semana Ruralista, na primeira quinzena de outubro, em colaboração com a Secretaria da Agricultura, da Prefeitura municipal e da Associação Rural, havendo o Prefeito Danilo Findo auxiliado intensamente.

Foi um dos maiores acontecimentos da história de S. José do Ouro, prestigiada que foi pelo Diretor do Instituto Rural Diocesano de Jacarezinho, o abnegado Pe. Arno Echert, de piedosa e santa memória. O Sr. Bispo Diocesano, D. Augusto Petró, foi representado pelo Frei Juvenal Dalmagro, Diretos do Ginásio “José Gelain”, que proferiu brilhante oração. Estava presente, no dia do encerramento, também o Frei Alexandre Petska, Vigário de Barracão, RS, como também o Dr. Danilo Vedana, assessor regional da Secretaria da Agricultura do Governo do Estado. Representaram a Indústria e o Comércio o Srs. Alcides e Rosalino Rebeschini.

O Pe. Zanatta, depois de agradecer publicamente a grandiosa homenagem recebida por ocasião de sua tomada de posse como pároco, proferiu o seguinte discurso:

“Quis a Divina Providência viesse passar mais uns dias de minha existência no meio desta pacata, ordeira, florescente e religiosa população de S. José de Ouro”. Rogo a Deus que possa ainda ser útil em fazer algo para o bem desta comunidade, tendo diante dos olhos: ‘O grande dever da vida, não fazer sofrer nosso semelhante’. Por isso, nossa bandeira, vitoriosa há mais de 12 anos, tinta de sangue de sacrifícios no seu slogan ‘Dar a vida e o coração aos que sofrem’, tem levado vida e consolo a tantos lares, a tantos filhos de Deus.

Se servirmos a Deus por amor, veneração, nos tornaremos cidadãos livres; se servirmos a Deus e aos seus representantes por temor e falsidade, nos tornaremos escravos e inimigos. Cada paroquiano ocupa o lugar de destaque em nossa sociedade, não pode ser substituído. Cada um deve cooperar da melhor maneira para o desenvolvimento e atualização da Igreja e bem-estar social de todos dentro de município. Se formos unidos, seremos um povo forte. Se formos desunidos, um povo fraco. Lembremos bem: Todo poder vem de Deus, toda autoridade vem de Deus, e em nosso meio não há lugar para os derrotistas e pessimistas, e o servo bom e fiel cantará na exultação e na alegria’.

Nossa preocupação, além de uma especial atenção aos desvalidos, indigentes, velhos, numa obra de assistência beneficente social, será também para as crianças e a juventude, o porvir da Pátria.

Que os pais ajudem, mandem os filhos à escola e à instrução. Povo sem cultura não evolui. A Igreja sempre acompanhou o desenvolvimento do lugar, a vida e autonomia.

Todos temos direitos à liberdade de escolha da profissão. Qualquer indústria aqui estabelecida deve ser recebida com alegria pela população e autoridades. Sempre, sempre. O sol nasce para todos.

Aqui também poderemos em pouco tempo levantar uma boa cidade, se os homens de bem, se os políticos, se os homens públicos, colocarem acima de tudo o bem-estar e o interesse absoluto da comunidade.

“Confio em Deus e no auxílio de São José, o grande operário, torne sem demora esta cidade, cidade de concórdia e progresso, união e bem-estar, para a glória de Deus, grandeza e prosperidade do município, do Estado e da União.”

Em 15.01.64, sentindo saudade do Oeste do Paraná e desgostoso por problema políticos, surgidos após as eleições de outubro, pediu ao Sr. Bispo e obteve autorização de retirar-se da paróquia e da Diocese.

Outro campo missionário, que há tempo reclamava a presença de um sacerdote idealizador, apostólico e abnegado, estava à sua espera no interior do município de Pato Branco, outro lugar que vinha sendo colonizado como Ivaiporã.



Figura 45: Outubro de 1963- São José do Ouro, Semana Ruralista.

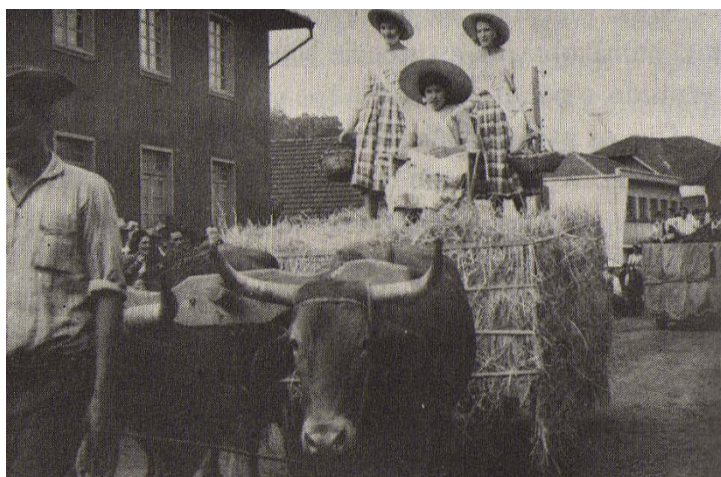


Figura 49: 1963- São José do Ouro, Semana Ruralista, vendo-se a Rainha da Festa.



Figura 46: 01.06.1963- Campo Belo, Portões, SC. Festa presidida pelo Pe. Zanatta e organizada por Germino Chinelatto.



Figura 47: D. Filizard, Bispo de Jacarezinho, ao lado do prefeito de Catiguá, onde o Pe. Zanatta, esteve ajudando na paróquia.



Figura 48: são José do Ouro, 1963- Semana Ruralista vendo-se a imagem de Santo Isidoro e do grande pregador Pe. Arno Echert.



Figura 49: 1953- São José do Ouro- semana Ruralista.



Figura 50: São José do Ouro, outubro de 1963; Semana Ruralista, quando discursava Frei Juvenal, representante do Sr. Bispo.

26 – PÁROCO DE ITAPEJARA D'OESTE

Distrito de Pato Branco em 30.12.61 e município desde 28.04.60, Itapejara d'Oeste, dista 517 Km de Curitiba e 39 de Pato Brando. Principiou a ser povoado em 1937 com a chegada do gaúcho Simplício de Paula Guedes, acompanhado de outros. Em 1947, intensificava-se a colonização, com migrantes de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.

Em 1949 fundou-se a primeira escola, regida pelo professor Lorival Felisberto do Nascimento, seguido, em 1950, de Lodovício Pereira Lima. José Moreira Soares contribuiu para o desenvolvimento vendendo lotes a preços razoáveis, além de algumas doações.

A 1ª casa comercial foi de Nicanor e Dalmo Bacin. Em 1950 chegava Antônio Ribeiro Cordeiro (Antônio Mateus) que se dedicou ao progresso do lugar. Em 1951 a família Franciosi abria a

segunda casa comercial. Em 1950 chegava ao 1º caminhão de Marcelino Parzianello, de Pato Branco.

Em 1952 foi construída uma pela em terreno doado por José Lemos, sob a coordenação de José Zenete, tendo Juvenal Loureiro Cardoso, de Pato Branco, doado a estátua de Nosso Senhor do Bom Fim, que passou a ser padroeiro da futura paróquia.

O 1º Prefeito, nomeado em 1964, foi Vitor Getúlio Piassa, estando a Câmara Municipal assim constituída: Antônio Ribeiro Cordeiro (pres.), Evaristo Nichele, Zelindo Batistuzzi, Antônio Lucini, Romualdo Chiapetti, Olímpio Gonzatto, Arlindo Pegoraro, Alcides Antunes Correia e Felisberto Oldoni.

O acontecimento religioso, a princípio, era feito pelo Pe. Aurélio Canci, de São Miguel d'Oeste. A 1ª missa na sede foi celebrada em 1952 pelo Frei Honorato, de Pato Branco, que era auxiliado por Frei Gonzalo.

Em 24.01.1964, chegava o Pe. Narciso Zanatta, que vindo da Diocese de Vacaria, RS, acabava de incardinar-se na de Palmas, a convite do Bispo D. Carlos de Sabóia Bandeira de Melo. Foi logo empossado como Vigário Econômico por Mons. Eduardo Rodrigues Machado, Delegado do Sr. Bispo, que elevava a capela de Bom Jesus à categoria de Curato.

A 31.01.1965 era criada a paróquia, sendo, então, empossado como 1º vigário o Pe. Zanatta pelo Mons. Engilberto Bruggenthnis, Delegado.

Assim descreve o Pe. Zanatta, em carta ao Bispo de Lages, D. Agostinho Sartori, a situação da nova paróquia e as atividades do 1º pároco:

“Por insistência do saudoso bispo D. Carlos, aceitei a paróquia de Itapejara d'Oeste. Cidade nova, sem estradas, sem

escolas, sem comércio, tudo por fazer... Era o ano da Revolução (1964). Essa paróquia fora oferecida aos franciscanos, aos palotinos, aos saletinos, aos belgas e outros. Todos a recusaram por não oferecer condições... Com a graça de Deus e a boa vontade do Conselho Paroquial e com a generosa colaboração dos paroquianos, em pouco tempo, foram realizadas obras de cunho religioso, assistencial e social. Basta lembrar a Assistência Samaritana, para atendimento dos humildes e indigentes: O Ginásio Agrícola, o Grupo Escolar e outras escolas, postos-chaves para a estabilidade e desenvolvimento da cidade e paróquia. Depois, a Igreja matriz, capelas, a inspetoria. Realização de Semanas Ruralistas, missões e encontros. Luz elétrica para a cidade. Foram ainda pagos milhões à paróquia de Pato Branco para “emancipar” a nova paróquia de Itapejara; não obstante, foi roubado um pedaço de terra com a capela do Gavião...”

A jornalista Levy Wahl Marins assim fala do desenvolvimento de Itapejara d’Oeste por seu “benfeitor gratuito”, o Pe. Zanatta:

“Há 15 anos, conheci pela primeira vez Itapejara d’Oeste”. Naqueles tempos ela era apenas um distrito de Pato Branco. Mas notei naquela ocasião que aquela pequena população lutava ainda para conseguir a criação do município. Essa luta sei que foi tirânica, mas Itapejara venceu.

Hoje, visitando novamente, notei que aquele pequeno distrito, de 15 anos atrás, transformou-se em uma cidade. Essa transformação, repentina, deve-se muito a um homem que justamente foi o baluarte. Esse homem lutou junto com toda a população, para que Itapejara d’Oeste hoje e no amanhã seja respeitada como uma cidade de recursos escolares à altura das demais cidades brasileiras.

Ele foi o 1º Vigário, primeiro diretor do ginásio. Ele construiu com a ajuda do povo a belíssima igreja, prédio do ginásio, prédio da Assistência Samaritana, assim como também

organizou uma farmácia e assistência dentária para os menos favorecidos pela sorte.

Além destes reforços de ordem espiritual, trouxe para Itapejara os Irmãos Maristas, que tomaram conta da mocidade estudantil. “Este homem, que deixou uma saudade imorredoura em todos os corações da população de Itapejara d’Oeste, este homem chama-se: Padre Narciso Zanatta, o benfeitor gratuito de Itapejara d’Oeste.”

A batalha em favor da educação em Itapejara d’Oeste, batalha gloriosa, custou, entretanto, muitos sacrifícios e dissabores ao nosso Pe. Zanatta. Logo quando tratou de trazer congregações religiosas para as escolas da cidade, dirigia-se a Montevidéu para convidar os Irmãos da Sagrada Família. Foi embargado nesta iniciativa por um Bispo do RS, que nada tinha a ver com o Paraná. Em carta a este Prelado dizia o Pe. Zanatta: “V. Excia. envolvendo-se comigo até quando me achava longe em Itapejara d’Oeste, Paraná, usando a máxima gentileza de ir até Montevidéu para embargar a vinda dos Irmãos da Sagrada Família, que deveriam assumir o Maior Colégio do Oeste do Paraná...”

Benemérito do ensino, o Pe. Zanatta, que em Ivaiporã por falta de escolas chegava a dar aulas ao ar livre, agora, aqui em Itapejara, tornará a ser professor, diretor e inspetor, como podemos observar pelo seguinte atestado da Inspeção Regional de Ensino, fornecido pela prof. Suely Regina Biasuz: “Atestamos, para os devidos fins, que o professor Narciso Zanatta exerceu o cargo de professor do Ensino Primário, no município de Itapejara d’Oeste, no período de 21.08.64 a julho de 1965, sendo nomeado para responder pela direção do Grupo Escolar Nereu Ramos em 28.02.66 a abril de 1969 e como inspetor Auxiliar do município de Itapejara d’Oeste de 1965 a 1969, Pato Branco, 18.01.77”.

Agora a declaração de Bernardino Pedrotti, Diretor do Ginásio Estadual Itapejara d'Oeste: "Declaro para os devidos fins, que revendo os assentamentos do Ginásio Agrícola de Itapejara d'Oeste, Estado do PR, foi achado constar que o Pe. Narciso Zanatta exerceu o cargo de Diretos do estabelecimento no decorrer do ano de 1967, desde a fundação até 05.01.1968; contra também ter sido professor de Francês no mesmo Educandário e lecionou igualmente Educação Religiosa, no mesmo período. Itapejara d'Oeste, 03.03.1970". A fim de poder lecionar no Ensino Médio, o Pe. Zanatta, em 1967, submeteu-se a exames de Suficiência em Curitiba.

Construído o prédio, tratou logo de trazer os Irmãos Maristas para o Ginásio Agrícola, Ginásio Estadual Irmão Isidoro Dumont. Em 1968 chegava os Irmãos Maristas fundadores: Ir. Josafat Kmita e Ir. Miguel Toukacz. O criados da Comunidade foi o Ir. Egídio Luiz Setti. O Ir. Beno Tomasoni, diretos em 1985, foi também o 1º diretor, seguido do Ir. Bernardino Pedrotti e Ir. Carlos Leone. Outros Irmãos: Ir. Antônio Marchiori, Ir. José Armando Bonatto e Ir. Zenon.

Os Irmãos Maristas na pessoa do Ir. Beno Tomasoni, enviaram uma mensagem para este livro: "Os Irmãos Marista fundaram sua Missão em Itapejara d'Oeste e ali vivem por 17 anos num trabalho Educativo, Social e Apostólico, devido à devoção do Pe. Narciso Zanatta a Nossa Senhora Consoladora e à Intimidade com Marcelino Champagnat, outro devoto de Maria e Fundador dos Irmãos Maristas.

"O Recurso Habitual" de Champagnat e dos Maristas e "A Consoladora" do Pe. Narciso Zanatta e de seu povo simples de Itapejara e Ibiacá se personalizam na mesma Maria – nossa Mãe da Igreja.

Recentes e viços o são ainda os testemunhos do povo de Ibiacá e Itapejara e diariamente nós ouvimos repetidos papo dos bons efeitos da Devoção a Nossa Senhora Consoladora e do

Trabalho Missionário e Social do Pe. Narciso Zanatta junto ao povo simples e devoto.

Por experiência de meus anos de ação paralela e semelhante à do Pe. Narciso, posso afirmar que é felizardo e bem sucedido todo aquele que confia em Maria e lhe dedica sua vida e seu Apostolado. Ir. Beno Tomasoni FMS”.

Tudo por fazer na nova paróquia. Uma das primeiras preocupações do Vigário, conseguir terrenos e escriturá-los. Então, em 21.09.64 consegue de Demétrio Broetto um terreno de 55 x 24 m² junto dos terrenos da Matriz. Em 14.08.65 Albino Franciosi, Fernando Zuchi, Dalmo Baccin e Domingos Dal Molin, da diretoria do Clube Água Verde, doam um terreno de 24.200 m² em Coxilha Rica. Natal Fantinel doa em 10.11.64 um terreno de 7.320 m². Em 13.11.64 Miguel Adria e família doa ao Pe. Zanatta um terreno de 2.200 m² na zona urbana. Em 10.09.64 Alexandre Moreno e esposa doam às Obras Sociais do Pe. Zanatta meia quarta de terreno. Darci M. Fantin doa a D. Augusta Zanatta um terreno de 38.800 m². Como sabemos, D. Augusta veio morar aqui em Itapejara, onde permaneceu até 1970, transferindo-se depois para a cidade de Palmas.

A construção do prédio da Assistência Samaritana, da Farmácia e depois da Igreja Matriz, do novo Santuário de Nossa Senhora Consoladora, muito exigiu do esforço e dinamismo do nosso pároco. Em 08.11.69 já podia escrever: “Itapejara está progredindo dia a dia. A Igreja Matriz está terminada. Ficou muito bonita. Vem gente de toda parte pra ver, filma, fotografar. Só falta a imagem da Nossa Senhora”.

No dia 06.02.1925 uma trágica notícia: no palácio episcopal de Palmas proferindo as palavras “Meu Jesus, misericórdia”, falecia D. Carlos Eduardo de Sabóia Bandeira de Melo, franciscano, nascido em Petrópolis, RJ, em 01.07.1902,

ordenado sacerdote a 04.01.1925, Bispo de Palmas desde 14.01.1958. Foi sepultado no Santuário de Nossa Senhora de Fátima, e, mais tarde, transladado para a Catedral. O Pe. Zanatta, que tinha em D. Carlos um grande amigo e pai, auxiliou nos funerais.

Muito resta ainda a dizer sobre as grandes e numerosas realizações e sobre os sacrifícios e sofrimentos em Itapejata, como podemos verificar pela carta que em 26.06.1971 escreveu ao deputado Ivo Tomazoni:

“Trabalhei cinco anos pelo município de Itapejara d’Oeste, dei melhor de minha vida: ajudei a crescer a cidade, construí inúmeras escolas, auxiliiei ao magistério, e, no entanto, sofri as maiores perseguições que a maldade humana pode fabricar. Só procurei o bem, o progresso e a liberdade para aquela gente simples e escravizada, que ainda hoje espera os benefícios da Revolução de 1964. Ajudei a influenciar na mente do povo de Enéas Marques, Salto de Lontra e Pato Branco, na melhor escolha de seus chefes; e assim aconteceu”.

Entretanto, o Poder Executivo e o Poder Legislativo do município reconheceram a obra gigantesca do Pe. Zanatta. Por isso, no dia 16 de janeiro de 1972, quando ele já não se encontrava aqui, foi conferido o título de “Cidadão Benemérito” ao primeiro Vigário de Itapejara d’Oeste, PR. Conforme Lei Municipal nº 136 de 10.12.71, aprovada pela Câmara Municipal de Itapejara d’Oeste, confere o “Título de Cidadão Benemérito” ao Pe. Narciso Zanatta pelos relevantes serviços prestados ao Município de Itapejara d’Oeste, 27.12.71. João Oldoni, Prefeito Municipal e Ver. Gilberto João Batistus, Presidente da Câmara Municipal”.

O jornal “Tribuna do Sudoeste”, de Francisco Beltrão, em sua edição de 22.01.1972, dando a notícia publicou o seguinte.

“Dia 16 de janeiro, próximo passado, tendo como local o Salão Nobre do Colégio Estadual de Itapejara d’Oeste, reuniu-se a

Edilidade local, para prestar uma justa homenagem ao Rvmo. Pe. Narciso Zanatta. Diversos oradores fizeram-se ouvir na ocasião. Na abertura da sessão solene, usou da palavra o Sr. Prefeito Municipal, que, como de praxe, relatou a razão da reunião, passando a palavra ao vereador Gilberto João Batistus, autor do projeto, que em rápidas palavras expôs aos presentes um resumo das obras realizadas pelo Padre Zanatta em favor do município de Itapejara d'Oeste, exaltando, com muita justiça, a construção da Igreja Matriz da cidade, obra que transformou-se no cartão de visita da comuna, chamando a atenção dos viajantes por sua beleza e imponência. Valorizou suas palavras, comentando os sacrifícios a que esteve exposto o Pe. Zanatta, lutando com falta de recursos para a continuação das obras. Ao encerrar sua oração, o vereador Batistus agradeceu seus pares, pela acolhida do projeto que ganhava foros de realidade naquele momento, quando com toda a justiça aquele que demonstrou ser amigo incondicional da cidade, receberia o título de Cidadão Benemérito de Itapejara d'Oeste.

Outros oradores fizeram uso da palavra, todos procurando exaltar as qualidades do homenageado e seu trabalho incansável pelo município. Ao final, usou da palavra o homenageado, agradeceu ao Sr. Gilberto João Batistus, autor do projeto, aos demais vereadores, ao prefeito municipal, dizendo-se profundamente sensibilizado com a homenagem que recebia, apesar de ainda estar traumatizado com a perda da sua genitora. Solicitou escusas aos representantes do povo pelos possíveis erros cometidos os quais foram involuntários, pois sua vontade de servir ao povo de sua cidade, foi sempre maior que seus desejos de exaltações pessoais. O povo ajudou em todos os momentos a construir suas obras e agora outorgava-lhe o honroso título. Depois das palavras do Rvmo. Pe. Zanatta com os estilos de praxe, o título foi-lhe entregue e o Sr. Presidente de Câmara deu por encerrada a sessão”.

Como fazia em São Manuel e em Ibiacá, também em Itapejara o Pe. Zanatta dedicava um dia da semana, quinta-feira,

para a “Cura Divina”. Um dia todo dedicado aos doentes e sofredores. O Padre celebrava a missa. Lia o Evangelho sobre o sofrimento e curas de Nosso Senhor na Palestina. O povo da paróquia, sobretudo do interior, vinha com muita humildade e fé.

Então aconteciam casos de reconciliação de pai e filha, curas, crescimento da fé, da prática da religião. Apenas um caso, acontecido entre Verê e Dois Vizinhos. Uma família de colonos tinha uma menina de 16 anos sempre doente. Médicos, Hospitais, tudo era em vão. O dinheiro se acabando. A lavoura dando pouco, pois a doença roubava tempo de trabalho. A menina, já com idade de trabalhar, de cama...

Uma noite, durante o jantar, a mãe sugeriu ao marido que se levasse a menina a receber a bênção de Nossa Senhora Consoladora em Itapejara, que era muito milagrosa. O pai, meio descrente, afinal, consentiu. No dia seguinte, lá vão as duas, levando três cruzeiros para a passagem do ônibus. Quando já se encontravam na estrada, a mãe pensou que podia chover, que podiam demorar. Então volta para casa e agarra mais cinco cruzeiros, uma note de cinco daquele tempo.

Na igreja assistem devotamente a santa missa, a pregação do Evangelho, cânticos e preces pelos doentes e problemáticos. A menina parecia outra, parecia estar melhor, curada. Depois, o povo desfilou cantando e orando diante do altar de Nossa Senhora Consolador. Uns beijavam o pé da Santa, outros a fita, outros davam pequena oferta espontânea para as obras da igreja.

A mãe acompanhando a filha com a mão, também beijou a fita e disse: Eu vou dar o dinheiro que paguei na hora de sai. Voltou para casa mais animada. Mas, alegria de pobre dura pouco. Acontece que o marido, o pai da menina doente, notou que havia desaparecido a nota de cinco cruzeiros. Enfureceu-se. Gritava que em casa existia uma ladra. Parecia louco. Então o filho esclareceu que a mãe tinha levado o dinheiro...

Ainda mais enfurecido, vai ao porão da casa, onde tomou cachaça, tomou, tomou, até ficar embriagado. Começou a quebrar mesas, cadeiras, tudo. E repetia: Aqui ladrão ou ladra não tem vez. Eu mato, eu mato. Basta encontrá-los, eu mato.

Às quatro horas chegavam de volta a mãe e a filha. Um filho diz então para a mãe: O pai não quer mais a senhora em casa. A senhora é uma ladra, diz ele. Roubou cinco cruzeiros que estavam no quarto, e agora parece louco, bêbado, endemoniado e quer o dinheiro. Quer saber onde a senhora gastou o dinheiro.

A mãe, em desespero, começa a chorar e a pedir a Deus que faça justiça. Que o marido me perdoe. Ele chegou e aos empurrões e tapas, não deixou que ela falasse e dissesse o que aconteceu. Onde estava o dinheiro. Em seguida, retirou-se pêra o paiol, onde passaria a noite.

A noite veio longa e cruel para a pobre mulher. Não dormiu um instante. O sono não vem e ela reza: Senhor, sua força e sua luz. Se não curar nossa filha, cure, liberte ao menos o meu marido para o bom e sossego do nosso lar. Amém.

A manhã surge com alguma esperança. Uns vão ao trabalho, outros à escola. A menina doente foi a única a ficar na cama. A mãe deixou que ficasse, pois a viagem a havia enfraquecido. Oito horas. Nove horas. Nove e meia e nada da menina levantar.

A mãe estranha tanto sono. Vai, bate à porta do quarto e chama: Abre, abre depressa filha. Vem tomar o teu café. Nada. Nenhum sinal de vida. Com forte empurrão, abre a porta do quarto. Entra. O que vê? A filha morta. Que tristeza! Minha filha morta, minha filha morta! Deus a levou para o céu.

Por coincidência, estava lá uma senhora vizinha com algumas crianças. Aos gritos, acorreram outras vizinhas.. A mãe desaba. Manda chamar o marido que trabalhava no fundo da lavoura. Ele veio correndo, correndo, para ver a filha morta.

Antes que ele entrasse em casa, as vizinhas arrumaram o pequeno cadáver, vestindo-o com o vestido mais lindo que ela tinha e lhe puseram uma coroa na cabeça. Ao agarrar a mão direita, todos viram: estava fechada, segurando alguma coisa. Ela deve ter pegado uma medalha na hora que estava morrendo. Abram a mão. Abriu... Qual não foi o espanto da mãe, de todos. Na mão direita, estava a nota de cinco cruzeiros. Aquela mesma nota que a mãe tinha colocado aos pés da imagem de Nossa Senhora Consoladora, na Igreja de Itapejara d'Oeste. Nossa Senhora devolvia ao pai avarento e desumano...

O pai, ao ver a nota na mão da filha, caiu de joelhos, diante do corpo da filha. Pediu perdão e cobriu-a de beijos. Em seguida, abraçando sua esposa, pediu perdão dos desacatos e maus tratos. E prometeu mudar de vida.

Aproveitando a excelente experiência de São José do ouro, o Pe. Zanatta introduziu aqui a prática da celebração da Semana Ruralista, culminando com uma grande festa no domingo, quando compareceram peregrinos e colonos de pontos distantes.

Durante toda a semana, são proferidas palestras por engenheiros agrônomos e outras pessoas especializadas em assuntos de agricultura e pecuária. No encerramento, realizam-se desfiles de carros alegóricos, com participação de estudantes, reservistas, agricultores e o povo em geral. Promove-se, ainda, a eleição e coroação da Rainha da Semana Ruralista.

Foram realizadas cinco Semanas Ruralistas, isto é, uma por ano. Era uma novidade para o município e toda a região, que este apóstolo de Nossa Senhora e dos agricultores introduzia com pleno sucesso.

Na Semana Ruralista, tinha lugar a festa de Santo Isidoro, o padroeiro dos agricultores. Cantava-se o hino do colono e o hino dos Agricultores, este de autoria de Germano de Novaes. Para

estas solenidades, o Pe. Zanatta mandou imprimir a oração, de autoria de D. Cândido Bampi, que assim reza:

“Pai Santo, Deus eterno e todo poderoso, Criador do Céu e da terra, criando o homem o constituíste dono da terra para que a cultivasse e dela tirasse os frutos para o seu sustento, dignai-vos abençoar as nossas propriedades, tornai fecundos os nossos trabalhos e preservai-nos de todo flagelo, para a Glória de vosso nome e para a felicidade temporal: a fim de que, reconhecendo estes vossos benefícios, glorifiquemos com maior fervor a vossa Divina Majestade, e, fiéis ao vosso divino serviço, , consigamos com maior facilidade a felicidade eterna. Por Jesus Cristo, vosso filho e Nosso Senhor, que convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo Deus, por todos os séculos dos séculos. Assim seja”.



Figura 51: 1966, Itapejara d'Oeste, antiga Matriz e Colégio.



Figura 52: 16.01.72, em Itapejara d'Oeste, o Pe. Zanatta recebeu o título de cidadão do município.



Figura 53: Itapejara d'Oeste, chegada dos Irmãos Maristas, vendo-se o Pe. Zanatta e o Pe. Arno Echert.



Figura 54: Itapejara d'Oeste, no 25º aniversário da Ordenação, vendo-se (de óculos) o Ir. Miguel e um Padre italiano.



Figura 59: Itapejara d'Oeste, Colégio Estadual dirigido pelos Irmãos Maristas, ao lado do Ginásio de Esportes.



Figura 55: Itapejara d'Oeste, Semana Ruralista, vendo-se o Pe. Arno Echert e organizadores.



Figura 61: Itapejara d'Oeste- semana Ruralista.



Figura 56: Igreja Matriz de Itapejara d'Oeste.



Figura 57: Itapejara d'Oeste, Visita de D. Marcos, Bispo de Santo André, SP.



Figura 58: Itapejara, grupo de homens solidários com o Pe. Zanatta por ocasião de uma de suas costumeiras provações.



Figura 59: Mons. Eduardo Rodrigues- Vigário Geral. Atrás: Gilberto Batistus- Presidente da Câmara que deu o título de cidadão.

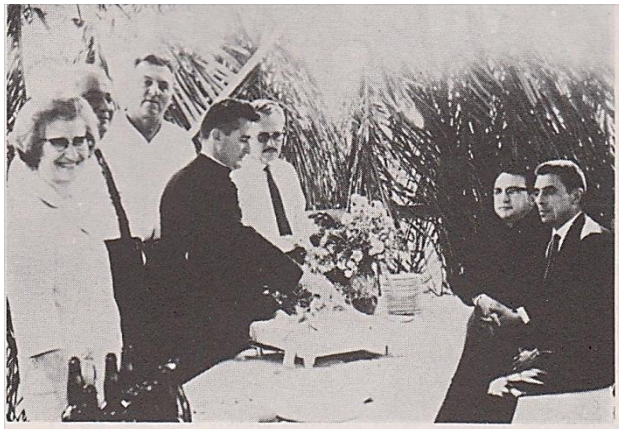


Figura 60: Itapejara d'Oeste- 1ª Missa do Pe. Pedro Correia Andrade, vendo-se Valfredo Franciosi, Guerino Carraro, Albino Franciosi, D. Etelvina Z. Franciosi e prof. Nelson da Faculdade.



Figura 61: 27.01.71, em Itapejara d'Oeste. O Pe. Zanatta recebe o título de Cidadão Benemérito das mãos do Vereador Gilberto Batistus.



Figura 62: Itapejara d'Oeste; Semana Ruralista.



Figura 69: O fotógrafo e artista João de Paula, da Foto Líder de Pato Branco, grande amigo e benfeitor do Pe. Zanatta, junto com a esposa, e tia Graciosa.



Figura 63: Itapejara. Assistência Social Samaritana.

27- CURA DA CATEDRAL DE PALMAS

A transferência do Pe. Zanatta de Itapejara d'Oeste para Palmas foi motivada por razões que o próprio Pe. Narciso expôs ao Bispo Administrador Apostólico da Diocese de Palmas, D. Geraldo Micheletto Pellanda, no dia 14.01.1970. Eis o texto da carta:

“Recebi, ontem de noite, a visita inesperada do Mons. Jorge, trazendo oficialmente a negativa do Pe. Marcelino Rizzon de aceitar a Paróquia de Palmas. Alegou o Pe. Rizzon que não pode aceitar por motivos de saúde (coração), e que, ao mesmo tempo, foi aconselhado por médicos para se afastar, temporariamente, dos serviços paroquiais.

Quanto à minha saúde, tive oportunidade de escrever várias cartas, que V. Excia. Rvma. poderá encontrar nos arquivos, ao falecido D. Carlos, ou seja: pernas que não me carregam e o coração que já deu ameaças de enfarte, pois a gordura é demais. Mas, mesmo assim, vendo a situação confusa e difícil da cidade de Palmas, onde nenhum padre quer aceitar o sacrifício, e todo

mundo procurando fugir à responsabilidade fazendo “jogo de empurrar” e olhando unicamente o bem das almas e de Deus, eu aceito o encargo de levar adiante aquela paróquia, até onde as minhas forças permitem.

O Pe. Pedro Correia poderia ficar comigo, ao menos alguns meses, para organizar e salvar o que se pode, assim teria ele aprendizagem mais fácil para ser pároco... Quanto à Paróquia-Catedral de Palmas, não fiz nenhuma exigência, e ficando em pé aquilo que disse na reunião do último Retiro Espiritual. A paróquia poderá dar uma festa, a maior e tradicional Bom Jesus, mas salvaguardará sempre o movimento geral da cidade e das capelas, para a Matriz-Catedral. Se assim não acontecer, o povo não ajuda mais, pois ele gosta de ver concretizado o seu auxílio, e o padre passa por ladrão e um sem número de outros títulos.

Entretanto, se o Bispado estudasse uma fórmula de aliviar a paróquia de Palmas, com a participação de todas as paróquias, a coisa ficaria bem mais simples. Não podemos esquecer que a Faculdade beneficia toda a comunidade. Injusto seria que só uma parcela dessa comunidade a sustentasse...”

Por carta a D. Frei Agostinho José Sartori, OFMCAP., segundo Bispo de Palmas, podemos saber o que se passou durante o período em que o Pe. Zanatta esteve à frente da paróquia de Palmas.

“A doença e morte de D. Carlos – escreve ele a D. Agostinho – mudou os rumos da paróquia e da diocese. Em Palmas, a “questão da Catedral”, com a sucessiva mudança de vigários. A difícil construção da Faculdade Diocesana. Ninguém aí se entendia, ninguém queria ajudar a continuação da obra do Centro de Pastoral. Ninguém mesmo! Nem a direção do Seminário, nem o clero da diocese, nem os leigos compreenderam o valor que representaria a Faculdade nas mãos da Igreja. Uns não concordavam por causa do dinheiro, outros alegavam que

beneficiária somente Palmas... Numa palavra, ninguém queria trabalhar em Palmas e por Palmas.

Em Itapejara d'Oeste, o abaixo assinado, assaz esgotado pelo trabalho da organização da paróquia, de construções com problemas de saúde, esperava ansiosamente a ajuda de um coadjutor, há tempos prometido por D. Carlos. Chegou, então, o pedido do Mons. Eduardo, Jorge e Natalício e do Administrador Apostólico, D. Geraldo Me. Pellanda. Aceitou provisoriamente, isto é, por seis meses, Palmas. Deixou com grande pesar e desapego a cidade que edificara, a bela Itapejara d'Oeste, para ir à tão falada Palmas, tão pobre em tudo. Encontrou a Casa Paroquial depenada, a Catedral paupérrima, miséria e mais miséria...

Ligados a tradição, muitos dos que passaram pela canônica-convento sempre levaram consigo "alguma coisa" como relíquia do passado, como 'recordação' ou 'lembrança'. Nos primeiros tempos, passou-se miséria, até fome... Nunca se deu esquecer o gesto generoso dai Irmãs da Divina Providência em mandar pão e viveres para a casa Paroquial, pois não havia centavo para comprar nem crédito nos armazéns e Postos de gasolina, por haver, em toda a parte, contas a pagar, deixadas pelos Padres!... Em seguida, escolheu-se o Conselho de Pastoral de Palmas (sob a orientação do amigo Guerino Carraro), que, além do atender a paróquia, cuidava bem do Centro de Pastoral.

Vem a reunião extraordinária do Sr. Bispo Administrador Apostólico, D. Geraldo. Assuntos: 1) arranjar dinheiro para a compra do um carro para o novo Bispo; 2) organizar a festa da posse. A reação? - Todos estavam ocupados. Todos com compromissos inadiáveis! Uns religiosos de Francisco Beltrão e Pato Branco alvitram que se deveriam dispensar tais coisas: "Cristo não recebia festejos em sua missão... ia a pé... Isso tudo já era' etc. E eles o estavam imitando?". Afinal, a sorte caiu sobre o abaixo assinado, que, infelizmente, não aprendeu a dizer "não", e com a ajuda do Prefeito Oscar Rocher, foi visitada toda a diocese,

paróquias e prefeituras. Ouviu-se o que nunca imaginara em toda a vida de padre. Em alguns lugares foram até enxotados pelos vigários, noutros ouviam-se murmurações, etc. Uns deram alguma coisa, outros, até hoje, nada deram. O mais interessante, ou o mais trágico, é que esses mesmos que não colaboram e só falaram são os “preferidos”.

Chegou o novo Bispo de Palmas, D. Frei Agostinho José Sartori. Palmas toma outro colorido em sua história. Vem a 1ª reunião do Clero. Todos estão presentes. Há grande expectativa entre os padres. Mudanças e transferências. São, então, indicados para Palmas padres de S. João, de S. Jorge, de Verê e outros. Todos, unânimes e humildes, se negaram publicamente de assumir a pastoral da cidade episcopal. Preferiam antes, sair da diocese e ir ao exílio, a aceitar Palmas. Tal era a fama da velha, tradicional e original cidade. E o abaixo assinado, pecando sempre por não saber dizer “não”, continuou sozinho o trabalho em Palmas, mas desta vez confortado pelo Bispo, que recebeu do Presídio Militar de Bagé um jovem padre, Ari Hoffmann, cheio de tantas ideias novas, grande observador e repleto de problemas, o qual só encontrou erros e defeitos em tudo e em todos, mas não apresentava solução alguma! O povo não quer mais ser ludibriado e tapeado. Quer ver as coisas claras. Entretanto, a cidade crescia, graças ao dinamismo do Prefeito, secundado pelo vigário e pelo povo, havendo abundância de luz e força.

Segunda reunião do Clero em Coronel Vivida. Todos os padres se achavam presentes. Como inexistisse “programa”, o tempo foi absorvido em falas alheias, em picadas contra os irmãos. Ouviam-se desabafos como estes: "O povo não acredita mais no Padre. Viva na superstição, no espiritismo. Não procura a Igreja, os Sacramentos, o Evangelho... Corre atrás do velho "Nella". São tantos que lá vão e disto o Pe. Zanatta sabe e pode falar..." E todos olhavam para ele, colocado diante do Bispo e dos maiores 'teólogos' da diocese. Foi rebaixado até o último pelos Padres de Francisco Beltrão, Verê, Vitorino e outros, que, em seguida,

levaram a “boa-nova” nas suas paróquias e o apregoaram, diante do povo, por “padre espírita”. Mas as diatribes dos profetas e carismáticos' de nossos tempos, veio aumentar o seu trabalho, pois de toda a parte acorria gente para ver e conhecer o “padre espírita”... Mas, como Deus é justo, e paga, muitas vezes, já aqui, pois o tempo cobre e descobre por sermos frutos de nossas próprias obras, aí estão os frutos de atitudes tão indignas e descaridas por parte dos colegas. Os padres que mais humilharam e desmoralizaram o abaixo assinado na opinião pública, hoje estão afastados do sacerdócio, casados ou amasiados, enquanto o colega de Vitorino já foi prestar depoimento na outra vida. Cumpriu-se a palavra de Deus: “Deus ouvirá a oração dos oprimidos e não desprezará sua súplica” (S.101) e faz recair sobre eles o mal que me fizeram’ (S .93).

Veio mais uma reunião. Desta vez não com o Clero, mas com a direção do Centro de Pastoral D. Carlos. Por determinação de D. Geraldo, o vigário era chefe e coordenador dos trabalhos. Deu-se o seguinte. O vigário houve por bem dar algumas orientações e fazer alguma observação: “Precisamos trabalhar com maior segurança e presteza. Embora o Sr. Bispo esteja ausente, pois ele deve atender toda a diocese, quando voltar seja certificado do que se fez, pessoalmente, ou melhor, por ata, e ficará ao seu critério a aprovação ou não... O importante é termos um bom e honesto caixa (tesoureiro) para evitar incômodos futuros”. Nisto levantou-se o Sr. Pedrollo e disse que só aceitaria orientação do Sr. Bispo e de mais ninguém... Ofendeu o vigário, humilhou-o e o rebaixou injustamente. Como ninguém dos presentes teve coragem de o ofender, houve por bem se retirar. Aqui se pode repetir: “o tempo cobre e descobre”. A verdade aparecerá, virá a tona. Talvez não demore muito...”

A construção continuava vagarosamente com sérios apertos financeiros. A canônica sempre do mesmo jeito: velha, bolorenta, sem o mínimo conforto, sempre com dívidas e sempre com visitas (hóspedes). Uns eram auxiliares dos construtores;

outros vinham para exames: outros, em visita ao Bispado, etc. Com grande dedicação, a doméstica Helena atendia a toda aquela gente, na comida e no dormitório. Só Deus sabe quanto custou... E o vigário, para ter alguma garantia, houve de se inscrever no INPS, servindo-se da lista de operários do construtor Malossi, tirando a mensalidade do seu ordenado de padre, apesar, caso não lhe falhe a memória, de o Sr. Bispo ter-lhe prometido ótima gratificação, a ser tirada das festas, e até menção honrosa...

A saúde piorando. A velha mãe enferma, com pouca ou nenhuma assistência, ela que além da vida, lhe dera todo o estudo para o sacerdócio, gastando acima das possibilidades, sofrendo e auxiliando sempre em tudo...

Acerca da situação que encontrou em Palmas, basta citar algo do que escreveu ao Pe. Marcelino Rizzon, em 09.04.70: "Encontro-me em Palmas, cidade bastante nova, com seus 132 anos. Tudo encontrei em estaca zero. Nenhuma organização: sem despensa, sem cozinha, sem panelas, pois tudo estava velho e furado. Só miséria e mais miséria. Ver para crer. Cheguei a pensar comigo mesmo: que pecado cometi, para merecer tamanho castigo... Nos primeiros quinze dias, tive vontade de largar tudo e fugir, sem renunciar, pois parecia que estava ficando louco. Entretanto, aos poucos, a crise foi passando. As Irmãs ficaram com pena, deram-me pratos, panelas e comida. Nunca teria imaginado em tamanha confusão e desorganização. No interior não há nada. Nenhuma capela com diretoria e alfaias. A cidade continua sem luz, sem água, sem esgoto... A população colegial da cidade é de 4000 alunos. Iniciei sozinho. Depois, o antigo vigário me ajudou. Agora recebi um Pe. Cooperador, o Pe. Luiz Pasa. Ele esteve em diversos lugares e todos estavam ocupados. Então o Bispo o enviou expressamente para Palmas..."

Logo ao chegar em Palmas, o Pe. Zanatta ficou extremamente inconformado pela falta de luz elétrica. Imediatamente acionou uma terrível campanha, contundente e

arrasadora, dirigindo-se as autoridades responsáveis. Não sossegou até que Palmas foi, finalmente, daí a alguns meses, ligada ao sistema estadual da rede de energia elétrica.

Principiou escrevendo ao Prefeito, Sr. Oscar Kocher, dizendo: “Não temos força e luz”. São famílias tem água e esgotos; são hospitais no escuro; igrejas, clubes, praças e ruas sem iluminação e sem segurança, e, o que é mais grave, como me parece, são as escolas noturnas com tantos alunos, funcionando a luz de velas, a indústria e o comércio, total ou parcialmente paralisados, e alguns debandando para outras praças, empobrecendo com isso a vida econômica e social de nossa gente.

Sr. “Prefeito, pedimos encarecidamente vossa interferência junto ao Poder competente do Governo para que apresse a solução definitiva deste desesperado estado de coisas”.

Escrevendo ao Cel. Geraldo de Freitas Resende. DD. Membro da 5ª Região Militar do Estado, em Curitiba, solicitava com veemência que interferisse junto do Gen. José de Campos Aragão. Comandante da 5ª Região Militar, declarando, entre muitas outras coisas: “Palmas está para desaparecer. Não tem força e luz...”

No mesmo sentido escreveu para o Deputado Haroldo Leon Peres, eleito Governador do Paraná. Carta ao deputado Ivo Tomazzoni. Longa e belíssima cana a D. Affonso Niehues, Arcebispo de Florianópolis, o qual respondeu em 24.04.70 declarando haver solicitado ao Governo do Estado a extensão da rede de energia elétrica da CELESC à cidade de Palmas, dizendo que reforçará o mesmo pedido oralmente.

Conseguida a ligação da rede de luz elétrica, acontecimento que foi solenemente festejado, o Pe. Zanatta iniciou outra campanha, a de conseguir o asfaltamento da Rodovia ligando Palmas a Pato Branco e ao resto do País. Neste sentido endereçou longa carta ao Ministro dos Transportes, Mário Andreazza, como também a outras personalidades.

No dia 14.06.1970, tomava posse o segundo Bispo de Palmas, D. Frei Agostinho Sartori, natural de Capinzal, sagrado Bispo na Igreja das Mercês dos Capuchinhos de Curitiba, religiosos que trabalhavam no Paraná há mais de 50 anos. De acordo com a solicitação de D. Geraldo e do Pe. Natalício José Weschenfelder, Secretário da Cúria Diocesana, o Pe. Zanatta junto com o Prefeito Oscar Rocher, ficou encarregado de arrecadar fundos para a aquisição de um veículo, Rural Willis, 1970, zero Km, para ser doado ao novo Bispo. Sabemos os trabalhos que esta comissão passou para conseguir adquirir a condução.

O enorme prédio, de cinco pisos, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, autorizada por Decreto nº 63583 de 11.11.68, criada em 11.09.67, instalada em 22.02.1969, tendo como diretor presidente o Sr. Bispo, pertencente ao Centro de Pastoral Educacional e Assistencial D. Carlos, tendo como diretor o Mons. Eduardo Rodrigues Machado, encontrava-se em construção. O Pe. Zanatta foi, então, nomeado diretor das obras, promovendo, rapidamente, a conclusão do belo e enorme edifício.

Em Janeiro de 1970, o Pe. Zanatta foi incumbido por D. Geraldo M. Pellanda, de solucionar o caso surgido em Realeza, PR, entre o Pe. Ludovico Reddin e o Vigário Pe. Fernando Zanchet. "Julgo - informou ele ao Sr. Administrador Apostólico - que é mais um caso a ser resolvido com calma e muita paciência... A meu modo de ver, não se pode imputar culpa nem a um e nem a outro: são casos criados pelas circunstâncias". Recomendava que fosse nomeado o Mons. Eduardo R. Machado ou o Frei Sérgio para a solução do caso. Sabemos que o Pe. Fernando Zanchet resolveu retirar-se da paróquia, mas foi infeliz. Indo para trabalhar no Mato Grosso, acidentou-se perto de Campo Mourão e veio a falecer em consequência dos ferimentos (15.01.72), tendo recebido no hospital a visita de D. Frei Agostinho Sartori.

Assim como acontecia em São Manuel, Ibiacá e Itapejara d'Oeste, em Palmas também o Pe. Zanatta dedicava um dia da semana para atendimento dos doentes, para a Cura Divina. Então, aqui também, acontecia obterem-se graças por intermédio de Nossa Senhora Consoladora. Vejamos um caso.

Oneide Carraro, filha de Guerino e Emília Carraro, de Palmas, casada com João Fabrício de Mello, morava em Curitiba. D. Oneide fora submetida a três operações cesarianas. Na última teve pouca sorte, pois o corte da cirurgia não cicatrizava, causando lhe fortes dores, que só acalmavam com sedativos e lágrimas.

Desesperada, D. Oneide pediu ao Pe. Zanatta que lhe valesse, dando-lhe uma benção. O padre deu-lhe a benção de saúde e mandou que fizessem uma novena a Nossa Senhora Consoladora de Ibiacá. A seguir, o padre viajou para o Rio Grande do Sul. Nesse tempo, D. Oneide sentiu-se muito mal. Pensou que iria morrer. Entretanto, sentiu vontade de ir ao banheiro para evacuar. Auxiliada pela mãe, conseguiu então extrair um pedaço de gaze de 60 centímetros, gaze que fora deixada no intestino por ocasião da última cirurgia, realizada em União da Vitória.

Com a expulsão da gaze, as dores aumentaram. O médico Dr. José Maria, chamado as pressas, declarou que D. Oneide estava com os intestinos perfurados. Ela gritava dizendo que ia morrer. O pai Guerino, indo, então a cidade em busca de recursos, encontrou-se com o Pe. Zanatta, que vinha chegando do RS, de Ibiacá. Imediatamente, o padre foi á casa da doente e perguntou onde estava a gaze que fora expelida. Estava na lata do lixo. Ele mandou que recolhessem, lavassem e guardassem como prova da graça alcançada por Nossa Senhora Consoladora.

Ao entrar no quarto da doente, disse o Pe. Zanatta: "Oneide. Oneide, levanta-te e anda. Você acaba de receber a graça da Cura Divina". Ela levantou-se e começou a andar. Estava curada. Nunca mais ficou doente.

Aqui em Palmas, como sabemos, o Pe. Zanatta perdeu sua mãe. D. Augusta. Foi um golpe duro para o seu coração de filho amado. Visto como se encontrava esgotado pelos trabalhos exaustivos frente à paróquia da Catedral, percorrendo todo o interior, em atendimento às capelas e mais de 80 serrarias, já com "sérios" problemas cardíacos e, por isso, sem ânimo e forças para o trabalho ministerial, pede ao Sr. Bispo. D. Agostinho, que o deixe em paz na sua Casa de Férias "Ângelo-Augusta". em Abelardo Luz.



Figura 64: Numa reunião dos Bispos do Paraná em Foz do Iguaçu, um Bispo disse a D. Carlos Eduardo: "V. Exa. tem em Itapejara do Oeste um padre milagroso". Milagroso não respondeu D. Carlos- mas um padre que trabalha muito e é um dos melhores da Diocese. Gostaria de ter mais dez destes Padres". D. Carlos Eduardo Bandeira de Mello, 1º Bispo de Palmas.



Figura 65: Prédio das Faculdades de Palmas, cujas obras contaram com a direção do Pe. Zanatta.



Figura 66: O Pe. Zanatta em Pato Branco, junto com os Cursilhistas de Palmas.



Figura 67: 1970- sessão solene para festejar um acontecimento que se deve, principalmente, aos esforços do Pe. Zanatta, a instalação da rede de energia elétrica na cidade de Palmas.



Figura 68: Mons. Eduardo Rodrigues Machado, a quem Palmas deve; fundador da Faculdade.



Figura 69: Palmas: Prefeito Oscar Röcher, Prefeito Linhares (de Alberto Luz), Alduíno Goldoni (líder da região), Gazzi, Zanchetta, De Rossi...



Figura 70: Palmas- O Governador do Estado, Dr. Parigot de Souza inaugura a luz elétrica.

28 - CASA DE FÉRIAS "ANGELO-AUGUSTA"

Em 1969, estando ainda em Itapejara d'Oeste, o Pe. Zanatta teve doação de uma gleba de terra, no alto morro que denominou Sião, em Criciúma-Araçá, a 15 Km da cidade catarinense de Abelardo Luz. A doação foi de sua mãe Augusta e dos empresários amigos Aldoino Coldoni e Rigoberto Zandoná, que, inclusive, passaram a administrar a obra.

Lá foi construída uma ampla casa de alvenaria, de dois pisos, uma casa de retiro, de oração, de descanso e de atendimento de doentes e peregrinos, procedentes dos mais variados pontos do Brasil.

A vida de pároco que o Pe. Zanatta levava por mais de 30 anos, era por demais absorvente e cansativa. Por outra, a saúde, abalada por tantos anos de trabalhos opressivos e contundentes, não lhe permitia continuar dirigindo paróquias, nas quais, pouco tempo sobrava para cumprir a sua missão de "dar a vida e o coração aos que sofrem".

O próprio Pe. Zanatta supervisionava a obra e providenciava o plantio de árvores de variadas espécies, o que tornou a chácara um recanto abençoado, onde existe um parque, com churrasqueira, para festas de aniversários, casamento, reunião de autoridades, de Padres Religiosos, havendo, então, a santa missa celebrada pelo próprio Pe. Zanatta e, por vezes, por vários sacerdotes.

Em 12.01.70, escrevia o Pe. Zanatta ao Pe. Emílio, Vigário de Abelardo Luz: "De certo, V. Rvma. já está ao par da construção da Casa-de-Férias dos Padres em Criciúma-Araçá, nos fundos do rio Chopinzinho. Graças a Deus, está quase concluída. Como já assumi compromissos para o início de fevereiro e março, achei compatível fazer a inauguração da Casa no dia 22.02.70. Os

padres estarão presentes, então, já estarão de volta de suas férias e do retiro espiritual. Lá no alto do morro, poderemos nos reunir e ficarmos bem à vontade, na presença de Deus. Convido-o para que V. Rvma. esteja presente, juntamente com outros sacerdotes e autoridades, civis, militares, amigos e conhecidos".

Amante apaixonado da Agricultura, havendo sempre festejado o Dia do Colono e realizado seis Semanas Ruralistas, ele transformou grande parte do terreno em lavoura. Mandou abrir um poço artesiano, que fornece água abundante e cristalina.

No interior da casa, encontra-se uma capela dedicada a Nossa Senhora Consoladora, onde o Pe. Zanatta, além de celebrar missa, dá a benção aos doentes e visitantes. Estes afluem numerosos todos os dias, procedentes dos mais variados recantos. Para os que não podem comparecer o Pe. Zanatta abençoa e aconselha pelo telefone, podendo atender pessoas de todo o Brasil e do mundo.

A princípio para cuidar da chácara, convidou o parente Honorino Favretto, casado com D. Graciosa Zanatta; aqui nasceu a filha Viviane. Em 1985, quem atende a casa é D. Maria Maia da Sirva, auxiliada pela jovem Elizabeth Alves Paz. Acompanha há longos anos o Pe. Zanatta, como secretário e auxiliar, o jovem Odísio Agostinho Chenet.

Daqui, em 10.06.74 requereu ao Mons. Eduardo Rodrigues Machado, DD, Inspetor Regional do Ensino, em Palmas: "Considerando o parecer medico que me ordena descanso absoluto, considerando o trabalho que fiz no Grupo Escolar e na Fundação do Colégio Normal de Ivaiporã, na organização e Direção do Grupo Escolar, na Inspetoria Auxiliar de Ensino, na Fundação e Direção do Magistério do Ginásio de Itapejara d'Oeste; e, finalmente. Na Coordenação e Direção do Centro de Pastoral da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Palmas, me abalaram a saúde, provocaram distúrbios cardíacos, impedindo-me de continuar no Magistério, rogo escusas e dispensa".

Desta Casa-de-Férias, no dia 29.06.76, escreveu o Pe. Zanatta uma longa carta ao Sr. Bispo de Chapecó, D. José Gomes, da qual vamos extrair alguns dados acerca de suas atividades pastorais, das quais pouco se falou até aqui.

"O Pe. Zanatta - escreve ele - vivia tranquilo, sozinho, na vastíssima paróquia de Palmas, atendendo também o Quartel, Cadeia, dois Hospitais. Colégios, Asilo, além de ser conselheiro diocesano, supervisor da construção da Faculdade, do Conselho Paroquial, FUNAI, atendimento de bairros, capelas e mais de 100 serrarias, etc. Sempre com hóspedes na casa canônica: trabalhadores na obra do Centro Paroquial, outros que iam á Faculdade, ao Bispado... O tempo estava literalmente tomado. Havia capelas a 120 Km de distância. Celebrava muitas missas, pregava, confessava, etc. Sem cobrar em muitas partes vintém, graças as reservas que a família Zanatta lhe deixou para viver em qualquer parte do Brasil. Às vezes, pagavam somente a gasolina; outras vezes, deixando o carro no topo da serra, descia despenhadeiros a cavalo ou a pé, para atender a um povo abandonado, que nunca tivera o conforto de ouvir a Palavra de Deus, apesar de habitarem numa paróquia centenária!"

E, mais adiante, prossegue em sua Carta a D. José Gomes: "Tenho para mim que tudo que não é de Deus é tempo perdido. Em todos os meus anos de padre sempre obedeci a Igreja, segui sua doutrina e sua moral. Li diversas vezes a Bíblia, aprendi especialmente da vida de Jesus a amar o sofrimento do próximo. Procuo ser útil a todos. Nunca neguei uma bênção de saúde por que a Igreja o autoriza".

Falando do caso de uma pessoa que vivia sério problema e que ele encaminhara ao Sr. Bispo de Chapecó, a fim de obter solução, escreve o Pe. Zanatta: "Peço desculpas pelo grande incômodo que lhe causei, pois tenho sempre em grande apreço a figura do Bispo, que, no dizer de Paulo VI, é 'servo para servir'". É São Pedro, na sua carta, que afirma termos nós todos recebido

dons de Deus e que devem ser em favor dos outros. É o que procurei fazer em toda a minha vida sacerdotal, seguindo a risca o lema que me propus: 'Dar coração e vida aos que sofrem'.

Sr. Bispo, poderia acrescentar, já que é provável não ser do seu conhecimento, como acudi e ajudei, com sacrifício e desprendimento, colegas e povo de sua diocese. Apenas algumas citações: Duas vezes em São Lourenço para solucionar questão do Colégio das Irmãs, pressionado pelo Secretário de Educação de Florianópolis; depois problema da praça da Matriz e festa; duas vezes em São Valentim a fim de festa para pagar as dividas da nova capela; festas em benefício do sitio e capelas de Santa Ana e Santa Lúcia; em Galvão, festa sob chuva para ajudar a pobre igreja; em S. Domingos, festa para a construção da Matriz, além de usarem o nome do Pe. Zanatta para outra festa e 1ª missa; em Ponte Serrada, festa para a construção da Matriz em Faxinal dos Guedes, idem; em Itá e Quilombo, idem; em Passo Meier, idem. Pouco recebi para viagens e serviços prestados. Recordo-me de ter dado dinheiro ao velho e santo padre, que vivia paupérrimo e doente, sem ter ninguém por ele, para comprar-lhe algumas roupas indispensáveis. Finalmente o fato de Xanxerê. O Pe. Francisco e a Comissão reclamavam a presença do Pe. Zanatta para acalmar os ânimos exaltados por questões sócio-religiosas, onde ainda hoje diversas famílias vivem afastadas da Igreja. A festa veio em boa hora. A benção da Igreja e o belíssimo sermão do Bispo deu por encerrado o triste e turbulento episódio, conhecido como “Guerra da cidade de Xanxerê”.

Agora algo da grande briga de Abelardo Luz. No dia da festa de Xanxerê, havia também festa numa capela perto da estrada que leva aquela cidade. Ora, a Rádio Princesa deu grande destaque a esta da inauguração da Igreja Matriz de Xanxerê, com a presença do Sr. Bispo e até do Pe. Zanatta. O povo do interior e mesmo da dita capela se movimentou e em caravanas foi a Xanxerê para ouvir a palavra do Sr. Bispo sobre a tumultuosa situação da cidade, Eu mesmo fui, mais para assistir a festa (não

recebi sequer a gasolina) e com o desejo de me encontrar com o Sr. Bispo, que de longos anos é meu conhecido. Naturalmente, a capela da paróquia de Abelardo Luz ficou grandemente prejudicada, pois sobrou churrasco e o mais, devido ao pequeno número de pessoas presentes. Começaram os falatórios. O vigário, irritado, esbravejava na Igreja e fora da Igreja, garantindo ao povo que iria a Chapecó, falaria com o Sr. Bispo e em 15 dias o Pe. Zanatta ficaria sem autorização de fazer qualquer festa em toda a diocese. Dito e feito. Foi e voltou com a carta nas mãos. E eu, graças a Deus. Fiquei mais aliviado e até dispensado! Mas se deveria atender ao sábio rifão popular: “Antes de procurar saber a mentira dos outros, procure conhecer a sua verdade!”...

Pena! Fui tão mal interpretado e muito bem se deixou de fazer, quando macumbeiros, trapaceiros, falsos padres andam a enganar nossos católicos, desviando-os do bom caminho. Procurei fazer sempre o bem, pois em breve terei de dar contas a Deus também pelo bem que não fiz porque não o pude fazer. Por isso estou tranquilo. *Videant Consules.*

Cada dia mais me convenço de que a gente é somente o que é perante Deus. Ninguém tira os merecimentos que com a graça de Deus e a proteção da Virgem Consoladora se foi adquirindo nos longos anos de sacerdócio. Devemos confiar na hora de Deus. Antes que o sol espalhe seus raios dourados sobre bons e maus, celebro a eucaristia e rogo a Deus que dê muita vida e saúde aos meus desafetos, para que eles possam contemplar não a minha vitória, mas a vitória da justiça!

Com isso, me sinto a vontade de falar com R Kipling: “Se és capaz, de, entre a plebe, não te corromperes; e, entre “Reis”. não perder a naturalidade, e de amigos, quer bom, quer maus, te defenderes; se a todos podes ser de alguma forma utilidade, e se és capaz de dar segundo por segundo... *tua é a terra com tudo o que existe no mundo!*”.

Residindo agora no município de Abelardo Luz, o Pe. Zanatta passou a trabalhar em favor do seu desenvolvimento. Assim, foi nomeado Coordenador do Ensino Municipal. Preocupou-se, apelando para as autoridades competentes, pelo asfaltamento da rodovia ligando Xanxerê a Palmas, passando por Abelardo Luz.

A fim de conseguir que fosse instalada uma agência do Banco do Brasil na cidade, apelou para pessoas influentes, entre as quais o Dr. Oswaldo Guindani, seu sobrinho e Prefeito de Canoas, vindo, desta maneira, a colaborar com o Prefeito Municipal, Sr. Arno Andrade, que batalhou eficientemente neste sentido, como também em favor do desenvolvimento geral desta comuna catarinense.

O 20º aniversário da ordenação sacerdotal, o Pe. Zanatta festejou em Tubarão com vários companheiros e colegas. No dia 18.12.79, estando já residindo em sua casa de férias, festejou com toda solenidade o 30º aniversário de sua ordenação no pitoresco recanto do Parque Fazenda Santa Isabel do Sr. Ivo Fabris, em frente da Cascata Três Quedas, em Abelardo Luz.

No convite, dizia: "Desejo festejar com você, Irmão, meus 30 anos de sacerdócio, em 'dar meu coração e vida pelos que sofrem'. Uma prece: Senhor, todos os que sofrem, te encontrem no sacerdócio. Que neles encontre a Ti para amar-te e neles servir-te até morrer. Um pedido: Se encontrar tu vida um irmão triste, doente, cego. paralítico, faminto, ignorante, desempregado, sem casa paia morar, abandonado a solidão, preso ou injustiçado... dê a ele uma palavra de consolo. Em Cristo! Tenha compaixão, ajude-o. Então eu te abençoarei no Senhor". Pe. Narciso Zanatta.

A comissão organizadora desta festividade estava assim constituída: Ivo Fabris, Lino Barretta. Selvino Pastore, Júlio Tacca. Pedro Rebeschini. Olices Stefani, Diamantino Roman, Eldi Zanchet, Jandir Fabris, Ari Pietta, Delino Dallagiacomassa e Otacílio Ghiggi

A missa foi cantada pelo Coral de Barra Grande, PR. Depois da missa, bênção da saúde, pelo aniversariante e todos os sacerdotes presentes. Durante o dia, alegrou a festa o conjunto "Cancioneiros do Oeste". O resultado da festa reverteu em benefício da instalação do telefone na Casa de Férias.

A este acontecimento estavam presentes os sacerdotes: Pe. Danilo Canal, Pe. Afonso Grebber. Pe. Abramo Furlin, Pe. Marcelino Rizzon, Pe. Arlindo Rubert, Pe. Leopoldo Melz, Pe. Antônio Nichele e Pe. Frei Joel Lorenzetti.

O aniversariante recebeu numerosas mensagens, muitos telegramas, como este de Ari Minella e Família, de Vacaria: "Parabéns pelos seus 30 anos de sacerdócio, durante os quais o Senhor semeou carinho, conforto e alegria no caminho de quem o encontrou".

O Pe. Marcelino Rizzon declamou, de sua autoria o seguinte poema:

"Percorrendo o passado.
Pano nos umbrais da porta da existência.
Sonhar o futuro calado.
Impregnado de flores agrestes e essência.

Dos trinta anos agora.
Vistos cá dessas alturas áureas da vida.
Minha alma implora
À virgem seja completa a meta então assumida.

Os passos se comprimem.
O sol descamba melancólico atrás do monte.
Os feitos exprimem.
Outono exuberante, confirma o sorriso na frente.

Não importa o juízo,
Os borbotões atirados ao longo da trajetória.
Lá longe eu diviso
As pelejas, o pendão flutuar coberto de glória.

Os trinta longos anos.
Monolitos cinzelados com lágrimas e suores.
Quantos revezes e enganos.
Tentaram destroçar do ideal o perfume e as cores.

Bramiram os muralhões,
Uivaram os ventos, nimbaram os céus e tormenta,
Nem forças ou ilusões
Puderam arrancar da mente, só o pensamento lamenta

Sempre guardo no seio
As lágrimas, sorriso brotados de malfadados peitos.
Dos homens o receio
Desconheço mas penso: Só Deus julga os nossos feitos.

Padre Narciso Zanatta:
A caminhada por vales, montes e matagais.
Acorre a alma grata.
Desejando-lhe alegrias, que não terminem mais".



Figura 71: Capela do Sagrado Coração de Jesus na Casa-de-Férias Abelardo Luz.

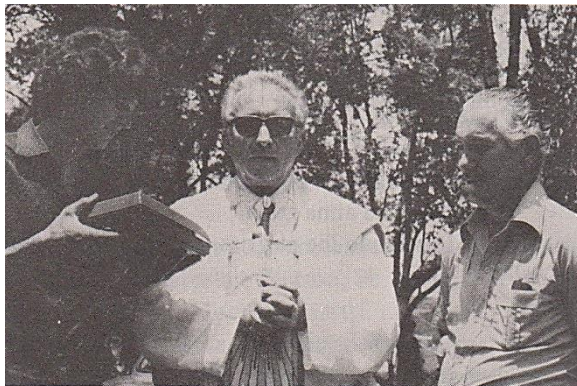


Figura 79: No 30º aniversário da Ordenação, falando à TV Tarobá, de Cascavel, ao lado de Anselmo Berlotto.



Figura 72: 30º Aniversário da Ordenação, vendo-se o Pe. Arlindo Raubert e o Pe. Marcelino Rizzon.



Figura 73: Casa-de-férias "Ângelo - Augusta" em Abelardo Luz, SC.



Figura 74: Abelardo Luz: Sacerdotes presentes à festa do 30º aniversário da Ordenação do Pe. Zanatta. Padres Danilo Canal, Afonso Grebber, Arlindo Rubert, Abramo Furlim, Narciso Zanatta, Marcelino Rizzon, Leopoldo Melz, Antônio Nichele e Frei Joel Lorenzetti.



Figura 75: Em Abelardo Luz, vendo-se, ao lado do Pe. Zanatta, o Prefeito Arno Andrade, D. Maria de Lourdes e esposo Vitório Broch e o filho Dr. Alexandre Broch e mais a família Biondo.

29 - MISSIONÁRIO NO PARAGUAI E NA AMAZÔNIA

Livre do compromisso do serviço paroquial, agora, o Pe. Zanatta, além de visitar numerosas comunidades do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, transforma-se em missionário em Mato Grosso e Amazônia e, ainda, visita periodicamente os brasileiros que trabalham no Paraguai.

Em entrevista concedida ao jornal de Francisco Beltrão "Tribuna do Sudoeste". declara o Pe. Zanatta: "Visitei muitas cidades em pleno desenvolvimento; passei em localidades recém-criadas, todas cheias de vigor e de vida. Terras férteis que produzem de tudo...

Dali seguimos para o vizinho País, o Paraguai, onde Adelino Vitorello, sempre auxiliado altamente por sua companheira,

D. Clementina Zanatta, abria, em Mondaí, uma colonizadora de terras fertilíssimas, otimamente organizada, para proporcionar todo conforto aos que procuram assegurar o futuro, faço questão de mencionar Adelino Vitorello, com escritório na rua Xavier da Silva, em Foz do Iguaçu, com a colonizadora Mondaí (Santa Rosa), via Puerto Stroessner.

Adelino Vitorello e Nelson Vitorello são intrépidos desbravadores do Imenso sertão; homens da mais inteira confiança, que salvaram muitas e muitas vidas, tornando felizes muitas famílias, que hoje vivem, felizes e afortunadas, tudo devendo a estes bravos pioneiros, que só desejam vida segura aos seus semelhantes".

O jornal "O Mensageiro", de Vila Milani, ainda em janeiro de 1975, há, pois, dez anos, escrevia: "As famílias brasileiras que buscam as férteis terras paraguaias, através das colonizadoras dirigidas pelos Vitorello, recebem toda sorte de assistência, jurídica, social, econômica e religiosa. Periodicamente são visitadas pelo Pe. Narciso Zanatta, que, muito embora esteja sob observação médica, em repouso na Casa "Ângelo-Augusta", no município de Abelardo Luz, SC, com dedicação e amor ao próximo, traços marcantes que o caracterizam como singular Pastor dos Homens, viaja até a vizinha República a fim de assistir espiritualmente aqueles nossos irmãos. Leva até àquelas consciências sadias e esperançosas a palavra de Deus, o combustível necessário ao prosseguimento de sua senda em busca de um amanhã farto e radioso".

E assim, o brasileiro prossegue no seu aí! De construir, de progredir, seja em que terra for. Adelino Vitorello, homem de invulgar tirocínio administrativo, empresário dos mais bem sucedidos, coração boníssimo e aberto aos que o rodeiam, não é daqueles que simplesmente estão satisfeitos com o dia a dia que a vida se lhes oferece. Não. "Quer mais, em termos de contribuir para o bem-estar de seus semelhantes".

Neste ano de 1985, o Pe. Zanatta andou em missão apostólica por muitas cidades do Mato Grosso do Sul, do Mato Grosso e Rondônia, visitando, entre outras: Campo Grande, Samambaia, Dourados, Maracaju, Aquiduaana, São Gabriel do Oeste, Rondonópolis, Jaciara, Canaã, Sinop, Itaúba, Vilhena, Porto Velho, Alta Floresta, Cuiabá.



Figura 76: Pe. Zanatta, missionário no Paraguai.



Figura 77: 24.11.74- missa no Paraguai, às três da tarde.
Presentes: Francisco Mitroski, Reinaldo Noetzold, Arísio Rios,

Darci de Abreu e José Dutra - Fundadores da Colônia brasileira no vizinho País.



Figura 78: O Pe. Zanatta no Paraguai, junto com Adelino Vitorello (de óculos), um dos maiores empresários brasileiros no vizinho País.



Figura 79: Santa Rosa (Paraguai): O Pe. Zanatta em missão apostólica nas terras de Adelino Vitorello (de blusa branca).

30 - A BENÇÃO DO PE. ZANATTA

O Pe. Zanatta aprendeu, desde o tempo do Seminário, que a benção é o meio pelo qual Deus, que é Amor, reparte com os homens a sua felicidade. É a circulação da seiva vital do Amor Divino em nós.

A benção, esta força misteriosa do desabrochamento da semente, do bom andamento de nossas obras, da prosperidade de nossos empreendimentos, é dádiva divina que vence todo o mal. Por isso é que devemos sempre caminhar sob a benção de Deus.

Literalmente, abençoar - *benedicere* em latim- significa dizer coisa boa de alguém, como estendendo as mãos sobre uma pessoa, para protegê-la. Também significa: desejar-lhe felicidade, em nome daquele que mereceu a felicidade, a benção para ele, em nome de Deus.

Cristo abençoou as crianças (Mt. 10,16); abençoou os pães antes de mandar distribuí-los (Mt. 14,19); abençoou seus discípulos na sua partida (Lc. 24,50); recomendou-nos abençoar aqueles que nos maldizem (Lc. 6,28); prometeu aos que cumprirem com amor a vontade do Pai, a coroa da benção no fim do mundo (Mt. 25,34).

Nós precisamos da proteção de Deus, porque não nos bastamos a nós mesmos, nem no saber, nem no poder.

A benção é luz na obscuridade da vida e dos problemas. É força nas dificuldades e necessidades do dia a dia; é a Mão do Senhor estendida para nos guiar. É proteção e ajuda nos perigos da nossa existência terrestre; é um irradiar da bondade divina, sempre vigilante para nos guiar à pátria do céu e às núpcias do Cordeiro.

A pessoa, ao receber a bênção, é assinalada com o sinal da cruz; é colocada debaixo da força do Salvador; sendo assim,

tirada do meio do mal. O homem abençoado por Deus, vai com o Senhor. Quer dizer que ele tem Importância para o Reino de Deus; por isso, tem confiança que o sinal da bênção será para a sua salvação.

O dom gratuito da bênção supõe a receptividade, cheia de fé, da parte da pessoa abençoada. Tanto quem abençoa como a pessoa abençoada, não conta consigo mesmo, senão com o Espírito Santo. Não só confia na sua boa vontade, mas conta com o dom de Deus.

São João Bosco, quando seu tio plantou uma videira, embora ainda fosse menino, abençoou-a, alegando que havia aprendido da mãe, que costumava abençoar tudo. Anos depois, esta videira produziu muitas e esplendidas uvas.

Deus pode não curar com a bênção a pessoa doente, no entanto preserva-a do desânimo e desespero, e fará com que ela aceite o sofrimento como purificação participando assim da Paixão de Cristo e tornando-se de modo singular uma bênção.

Quando abençoamos, Cristo torna-se vivo e ativo entre nós. Ele abençoa conosco. Sua força de bênção passa por nós, tanto mais, quanto mais estamos unidos a Ele pela Fé, esperança e amorosa entrega. Abençoando experimentamos sua presença e executamos as obras de sua misericórdia.

As pessoas que mais se deve abençoar: Os pecadores, para que voltem aos braços do Pai Eterno; os infelizes, para que experimentem o amor cuidadoso e acolhedor de Deus; os desesperados; para que descubram em Deus o sentido sublime de sua vida; os desviados, para que voltem decididamente à Igreja de Cristo, apesar da grande confusão na Igreja e no mundo; os que não têm fé, para que abandonem os caminhos do mal abram o coração à realidade de Deus; os enfermos, para que obtenham a saúde ou a paciência, conforme a vontade divina; os abandonados para que experimentem o Salvador com Deus de toda a esperança

em suas limitações e tribulações; os desanimados, para que cresça neles a convicção de que sua mão estendida, no escuro, nunca voltará vazia; os famintos para que a miséria que os esmaga seja aliviada e amenizada pelo auxílio ativo de seus irmãos saciados; os perseguidos, para que fortalecidos pela Graça sobrevivam na sua terrível aflição, e que o tempo de sua provação seja abreviado; os sacerdotes, para que correspondam à sua alta missão de se tornarem para todos rochedo de salvação.

Ao recebermos a bênção, desabrocha em nossa alma a ideia daqueles silenciosos e inúmeros caminhos de Deus, pelos quais ele torna possível, o que parece impossível.

Numa vila, o pároco, fiel pastor do seu rebanho, seguia a seguinte prática: Quando o médico desenganava um doente, o pároco perguntava na igreja quem estaria disposto a participar de uma procissão para suplicar pela saúde daquele doente. Comparecia, então, uma boa turma de pessoas caridosas. Pela tardezinha, estes peregrinos caminhavam rumo a uma capelinha na floresta. Na ida rezavam os mistérios gozosos. Na capela, os mistérios dolorosos, e o sacerdote rezavam a oração e a bênção pelos doentes. Na volta rezavam os mistérios gloriosos. Durante nove tardes, a comunidade repetia a mesma peregrinação. Assim, muitos doentes recuperem a saúde e alcançaram vida longa (Santuário da Aparecida).

No jornal “O Mensageiro” de fevereiro de 1975, lemos o seguinte acerca do que pode realizar a bênção dada pelo Pe. Zanatta: “Ninguém mais do que eu, devo a esse santo homem, praticamente a minha vida. Sim, a minha vida; pois esta não teria sentido, caso se concretizasse o que a ciência médica até então decretara: a morte de minha filha, na época com seis aninhos. Recorri ao Pe. Zanatta. Com sua bênção, em nome de Deus, ele curou a minha Márcia. Hoje, sou avó. A mais feliz e agradecida das avós. Devo esta felicidade a Deus, pelo Padre Zanatta. Ao nosso Criador, agradeço em todas as minhas orações e, ao Padre estou

a agradecer agora, através desta carta, que espero seja publicada. E ao Padre, lendo esta, através do jornal, lembre-se de nós que pedimos sua bênção. (Ass.) Maria da Conceição Ribeiro, Rua Felipe Shimidt, Joaçaba, SC”.

No ano de 1953, o Pe. Zanatta esteve na capela de Tupinambá, Lagoa Vermelha. A família do pecuarista Epaminondas Paim, casado com D. Alaíde Hoffmann Paim, lá compareceu, levando o filho Edu, de dois anos, que desde os seis meses estavam sempre doentes em contínuo tratamento médico, sem obter resultado. Com a bênção do Pe. Zanatta, o menino ficou loco curado. Hoje, em 1985, casado com Maria Luiza Bonotto, Edu Hoffmann Paim tem três filhas, sendo um dos mais conceituados pecuaristas e granjeiros de Lagoa Vermelha.

Em 1955, na pequena localidade de Arroio Mariano, então município de Lagoa Vermelha, hoje de Machadinho, RS, o menino Vilson Rigon, sete anos, encontrava-se paralítico de uma perna, que definhava a tornava-se mais curta que a outra, não podendo caminhar. Foram consultados, inutilmente, vários médicos.

Um dia, comparecendo na localidade, para uma festa, o Pe. Zanatta, este, tomando conhecimento do sofrimento do rapaz e da aflição dos pais, visitou a família. Deu a bênção ao menino, entregando, depois, uma medalha de Nossa Senhora Consoladora, para que fosse colocada na perna do doente. Deu-lhe mais uma bênção.

Passados três dias, qual não foi o espanto e alegria dos pais, ao constatar que a perna atrofiada estava melhorando e tomando tamanho normal, como a outra. O rapaz nunca mais teve problema. Hoje, casado com três filhos, é feliz, à frente de sua empresa, a Ferragem e Madeireira Rigon, em Montenegro, RS.

Na década de 1970, quando o Pe. Zanatta era cura da Catedral de Palmas, esteve um dia em Curitiba, hospedando-se no Novo Hotel Roma, perto da Câmara dos Vereadores. Lá encontrou

D. Olívia Bonamigo, de Amambaí, Mato Grosso do Sul. Esta senhora, vendo aquele sacerdote, vestindo batina preta, perguntou se não era o Pe. Zanatta. Contou-lhe, então, que fazia quatro vezes que ia a Curitiba a fim de se tratar de um problema na garganta. Os médicos estavam para operá-las das cordas vocais. D. Olívia, depois de operada, ficaria muda.

Aí o Pe. Zanatta recomendou que não se submetesse à cirurgia, porque ele lhe daria uma bênção, com a qual ficaria curada, sem operação. No quarto nº 6 do hotel, o sacerdote retirou da mala a sua pequena estola, deu a bênção com a oração: “Senhor, sua força a sua luz vai curar esta irmã”. A seguir, disse o padre: D. Olívia, não se deixe operar. Deus Nosso Senhor já operou a senhora. Voltou alegre para sua casa. E assim aconteceu. No mês de agosto de 1985, o Pe. Zanatta, por causalidade, esteve em Amambaí e hospedou-se na casa de Pacífico Bonamigo. Foi então que o padre ficou sabendo que D. Olívia, depois daquela bênção, nunca mais teve problema com sua garganta. Vive falando e cantando.

Casos desses, há centenas. Há milhares. Acontecem praticamente todos os dias com o Pe. Zanatta. Doenças incuráveis. Doenças misteriosas. Paralisia. Surdez. Mudez. Tumores. Reumatismo. Possessão diabólica...

É a vontade de Deus. A ordem é de Cristo: “Curai os doentes. Expulsai demônios” (Mt. 10,8).

Ao longo destas páginas, pouco se falou do exorcismo com que o Pe. Zanatta, muitas vezes, liberta as pessoas vítimas por possessão diabólica. Por isso, vamos transcrever o que sua prima Inês Zanatta, residente em Barão, Salvador do Sul, nos escreveu no dia 13.08.1985.

“Fui testemunha de muitos casos – escreve a professora Inês Zanatta. – Um dia fui a Ibiacá e fiquei lá durante uma semana.

Horrores presenciei quando o Pe. Narciso fazia o exorcismo e bênçãos para tirar os maus espíritos. Ele sempre me convidava para segurar a vela. Eu fazia que não gostava do convite, porque o demônio saía das pessoas e vinha para o meu lado, porque o demônio sabia que eu tinha medo. O padre dava risadas e dizia: Se eu tiro dela, posso tirá-lo de ti também.

Mas vou contar um horrível que presenciei durante a missa lá no Ibiacá. Era uma moça possessa do demônio, que trouxeram não sei de onde. À força, levaram-na para assistir a missa do dia da festa da Padroeira Nossa Senhora da Consolação, sempre no último domingo de fevereiro. A Romaria era grande.

A moça estava inquieta. Senão quando, na hora da elevação, ela se ergue sozinha e começa a gesticular, dizendo coisas com coisas. Os parentes custaram tirá-la de cima do banco. O primo mandou que esperassem um pouco. Depois, ele foi lá, quis colocar a estola nela e a moça repeliu. Quando o primo deu-lhe uma medalha milagrosa, que ele há muito tempo trouxe do Nordeste, ela pegou, deu uma mordida, tirando um pedaço. E se mandou porta fora, correndo como uma louca.

O padre mandou que a pegassem e a levassem para o hospital e a fechassem num quarto, que ele, de tarde, iria ter com ela. E foi mesmo, mas que trabalho deu ao meu primo para conseguir expulsar o demônio! Custou muito, mas venci, disse ele. Voltou exausto, sofrendo demais. Não dormiu toda a noite, só caminhava pelo quarto...

Assim é toda a vida dele, fazendo bem para as classes ricas, pobres e remediadas, principalmente os menos favorecidos. A tia Augusta, mãe dele, também era fora de série. O que ela tinha repartia com os pobres. Graças a Deus, eles eram ricos! Ela, ultimamente, estava muito doente e sabia que não viveria muito tempo; então recomendou às empregadas que fossem armazenando biscoitos feitos em casa, pão, linguiça e leite em saquinhos, refrigerantes, frutas, e coisas mais. Que fossem

conservar no freezer, para que não faltasse nada para os que iam velá-la, particularmente, os pobres. Ela morreu e os pobres foram os que mais sentiram.

O Pe. Zanatta tem a proteção divina, muito forte e a companhia espiritual da mãe, que lhe queria muito. Perseguindo pelo bem que fazia e faz, principalmente pelos Bispos, destacando-se o nosso D. Cláudio Collig. Só tinha o saudoso D. Cândido Bampi que o estimulava e o encorajava para levantar a cabeça e ir para a frente, que o prêmio dele estava reservado no céu.

Eu também sofro com ele, porque os padres que o conhecem e que ficam sabendo que é meu primo, dizem: Aquele Pe. Zanatta é seu primo? Sim, e está fazendo muito bem à humanidade. Preocupa-se pela saúde dos doentes. “Todos os padres e Bispos têm o mesmo poder que ele tem, mas não fazem uso, porque são uns acomodados...”

O Pe. Narciso Zanatta, em todas as suas andanças apostólicas, dando a bênção de saúde aos doente, costuma dizer: Deus cura a quem tem fé.

Aqui está o segredo de tantas curas narradas ao longo destas páginas: a fé que este missionário de Deus procura incutir nas pessoas que pedem e recebem a sua bênção. Fé em Deus e na poderosa intercessão da Santíssima Virgem, especialmente sob a inovação de Nossa Senhora Consoladora de Ibiacá.

Geralmente, nas suas pregações apostólicas, depois de dar a bênção do Ritual da Santa Igreja, o Pe. Zanatta faz um apelo no sentido de obter dos fiéis o espírito de apostolado: “Quem só vive para si, não é digno de viver”, costuma dizer. A vontade de Deus é ser justo com todos. E ainda: Quem não sabe donde vem, não sabe onde vai.

Para que as pessoas conservem sempre viva a fé, ao longo de seus sofrimentos, o Pe. Zanatta recomenda que façam a belíssima e comovente oração daquele atleta norte-americano que ficou paraplético aos 24 anos e, no sofrimento, encontrou Deus:

“Pedi a Deus para ser forte, a fim de executar projetos grandiosos; e Ele me fez franco para conservar-me humilde.

Pedia a Deus que me desse saúde, para realizar grandes empreendimentos; e Ele deu-me a doença para compreendê-lo melhor.

Pedi a Deus riqueza, para tudo possuir; e Ele deixou-me pobre, para não ser mais egoísta.

Pedi a Deus poder, para que os homens precisassem de mim; e Ele deu-me humildade, para que dEle precisasse.

Pedi a Deus para gozar a vida; e Ele me deu a vida para gozar de tudo.

Senhor, não recebi do que pedi, mas deste-me tudo o que eu precisava.

E, quase contra a minha vontade, as preces que não fiz foram ouvidas.

Louvado sejas, meu Deus!

Entre todos os homens, ninguém tem mais do que eu.”

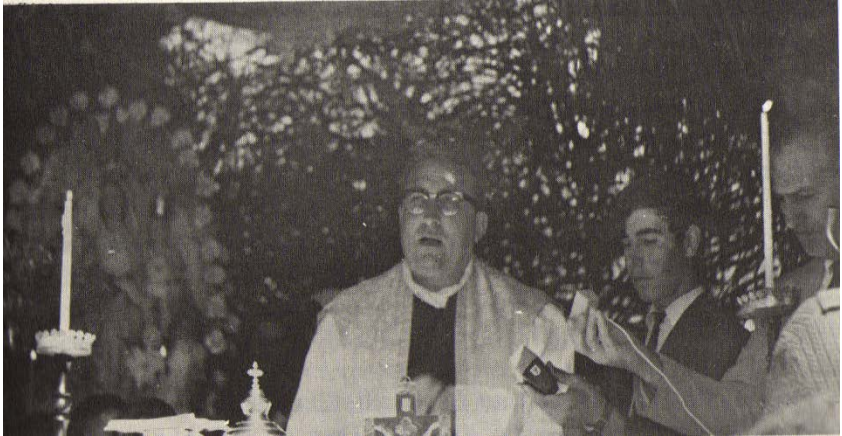


Figura 80: Na Capela de Nossa Senhora Consoladora em Quilombo- SC.

31 – MAURÍCIO SIROTSKY SOBRINHO

Maurício Sirotsky Sobrinho, fundados da Rede Brasil de Comunicações, no início de sua triunfante carreira profissional, foi, como sabemos, quem realizou a cobertura jornalística das cerimônias da Ordenação Sacerdotal do Pe. Narciso Zanatta, na cidade gaúcha de Tapejara, no dia 18 de dezembro de 1949.

Anos após, no dia 15 de fevereiro de 1984, recordando o acontecimento e convidando este jornalista para a cobertura televisionada da Romaria de Nossa Senhora Consoladora de Ibiacá, o iniciador desta devoção escreveu uma carta comovente ao Sr. Maurício Sirotsky Sobrinho, nestes termos:

“O chão que pisas é santo... É sagrada a honra da pessoa. É sagrado corpo da pessoa. É sagrado o intimo de cada pessoa” (Palavras de Deus a Moisés).

... E é sagrado também, Sr. Maurício Sirotsky Sobrinho, o homem que, erguendo-se de sua mísera condição humana, consegue elevar-se às alturas inimagináveis, através de suas obras. De suas boas obras...

Estamos em 18 de dezembro do ano de 1949, na cidade de Tapejara, na época distrito de Passo Fundo – RS. O clima é de festa e de alegria santas: realiza-se a ordenação sacerdotal e a 1ª Missa do Padre NARCISO ZANATTA... Há povo. Quanto povo! Gente, amigos, parentes, convidados, fiéis, autoridades, familiares... Um coração de mãe bate igual, ou talvez com mais intensidade ainda, do que no sagrado momento em que deu à vida o menino de ontem – padre hoje: santa mãe Augusta. E há entre todas estas lembranças, sobressaindo-se no emaranhado da emoção, da saudade e da gratidão, uma figura que se delineia, tímida, pressurosa, amiga... Uma figura que ficou na minha lembrança e no álbum histórico da Família ZANATTA, e no meu trabalho apostólico e evangelístico: MAURÍCIO SIROTSKY SOBRINHO!...

Mais ainda é 18 de dezembro do ano de 1949. Terminada a Santa Missa, entre meio-dia e uma tarde, enquanto os convivas se deliciavam com as iguarias especialmente preparadas, para a ocasião, eis que... UMA VOZ SURGE NO AR!... MAURÍCIO SIROTSKY SOBRINHO, já tinha partido de Tapejara com a sua gravação do acontecimento, e, num passe de mágica, qual Moisés traduzindo as tábuas da Lei, já noticiava ao povo, novamente, toda aquela emoção vivida na ordenação sacerdotal...

E todos, pasmos, boquiabertos, escutavam e escutavam-se, e regozijavam-se pela bênção e pelo trabalho maravilhoso daquele rapaz, que o fez graciosamente, como um presente pessoal ao Pe. NARCISO ZANATTA...

Passaram-se 35 anos do evento. Pe. Narciso Zanatta continua na Missão de servir e evangelizar, catequizando o povo de Deus...

Passaram-se 35 anos... Maurício Sirotsky Sobrinho continua na luta, enfronhando no seu ideal: lutou, estudou, confiava e acreditava que o futuro lhe reservava coisas importantes. Assim o disse, assim o fez, nosso querido homem das comunicações, nosso 2º Roberto Marinho!...

O tempo cobre e descobre. As árvores já estão plantadas, os frutos, outros os aproveitarão. As misérias da vida ficam escritas na areia, mas os benefícios ficam gravados, não num fio, como a radiofonia, mas no mármore da história... Que Deus guarde e conserve, por muitos anos, entre os homens, o benfeitor amigo, este que permitiu que a 1ª oração e bênção do Padre Zanatta fossem acolhidas por muitos corações... E que Deus guarde também a sua esposa, filhos e demais familiares.

Caro amigo: na foto que segue anexa, poderá reconhecer-se e lembra-se da cerimônia histórica, quando eu iniciava a minha vida sacerdotal, e o senhor iniciava o seu trabalho nas comunicações. Trabalho que Deus recebeu como oferenda e abençoou, fazendo-o frutificar e colocando o caro amigo no posto em que está e que realmente merece...

Quando eu falei no senhor, numa reunião de amigos, e mostrei a foto, dizendo que, tendo-a encontrado nos velhos guardados, eu a enviaria à sua pessoa, para que fizesse parte do seu arquivo pessoal e de sua biografia, sugeriram-me que, ao mesmo tempo, lhe fizesse um pedido. Um pedido de amigo e companheiro, de Mosqueteiros, os três: o senhor, eu e Deus.

O pedido é este: “Há dois anos, a TV Passo Fundo, filial da RBS, televisionou a cerimônia dos 30 anos de Ibiacá, e de sua

famosa Romaria, celebrada todos os anos, no último domingo de Fevereiro. Uma cerimônia de cunho social, religioso, comunitário e estímulo ao povo tão sacrificado, tão sofredor, mas tão afastado, cada vez mais, de Deus... E que não deixasse de passar, em letreiro, durante a apresentação, frases que lembrassem este pioneiro da fé e do apostolado, o pioneiro de Ibiacá, o criador desta cerimônia belíssima, PADRE NARCISO ZANATTA... Seria uma coisa que me deixaria, realmente, comovido e feliz. Para que não esquecessem de mim, por aí. Para que não usassem minha ideia em proveitos pessoais e outros. Um letreiro que dissesse. A ROMARIA DE NOSSA SENHORA DE IBIAÇÁ FOI IDEALIZADA PELO PADRE NARCISO ZANATTA, ou outra semelhante, com a mesma mensagem.

Este o pedido que lhe faço, por insistência de bons amigos que granjeei nesta terra abençoada de Aberlado Luz, onde tenho meu sitiozinho, e para onde gostaria de convidá-lo a passar uns dias em perfeita harmonia com Deus e com natureza espetacular de Abelardo Luz, e suas quedas do Rio Chapecó, que a fazem única...

Ao prezado amigo, ficam a recordação, a lembranças, a foto e o humilde pedido deste humilde servo de Deus e dos homens (Ass.) Pe. Narciso Zanatta”.

...

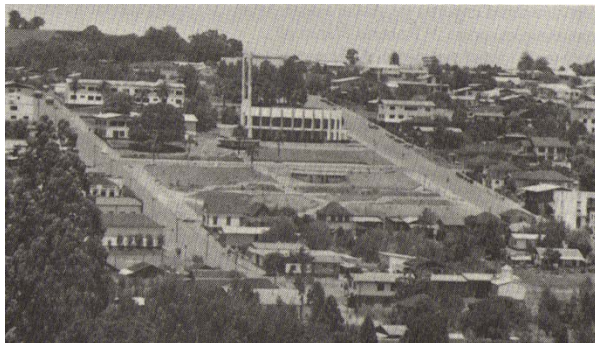


Figura 89: Vista parcial da cidade de Ibiacá.



Figura 81: Ibiacá. RS, 17/10/1987, no Santuário de Nossa Senhora Consoladora, é feita entrega do Título de Cidadão Emérito de Ibiacá ao Pe. Narciso Zanatta, por iniciativa dos Vereadores: Dr. Rovílio Tondello e Hélio Durigon. presentes: Hildebrando Lenzi, Prefeito Municipal; Celino Camargo, Vice-Prefeito; Ari Zago, Presidente da Câmara, demais Vereadores e autoridades

No dia 21 de março de 1984, desde a sede da RBS de Comunicações, em Porto Alegre, Maurício Sirotsky Sobrinho assim respondeu à carta do Pe. Zanatta:

“Amigo padre Zanatta”.

Muito bonita sua carta, lembrando fato histórico de sua vida sacerdotal e da minha como comunicador, sua primeira missa, em meio à emoção dos familiares, dos amigos e de sua mãe. A foto de 35 anos atrás, que marcou-se a vida de um homem puro e dedicado a lidar com as almas das pessoas e, na medida do possível, elevá-las para servir e receber a Deus, me emocionou muito. Essas recordações, e são tão poucas, nos fazem um bem especial, nos fazem sentir uma alegria toda especial, uma alegria e um sentimento que mostram como a vida é boa e como é preciso saber vivê-la.

Vamos em frente, Amigo Padre Zanatta: o senhor levando a palavra de Deus e eu, a comunicação para todos, certos, nós dois, de que estamos semeando a boa semente.

Sobre a Romaria de Nossa Senhora de Ibiacá, infelizmente neste ano não deu para atender seu pedido, porque só há poucos dias sua carta me chegou às mãos, será feito para divulgar aquele evento religioso.

Quando vier a Porto Alegre, apareça para tomar um cafezinho.

Queria receber um forte abraço do

(Ass.) “Maurício”.

32 – CIDADÃO BENEMÉRITO DE IBIAÇÁ

No dia 28 de fevereiro de 1982, por ocasião da 30ª Romaria de Nossa Senhora Consoladora de Ibiacá, o Pe. Narciso Zanatta não pôde comparecer a fim de receber o título de CIDADÃO BENEMÉRITO DE IBIAÇÁ, que a comunidade lhe conferia, por intermédio do Sr. Prefeito Municipal, Sr. Glodovir Piana, do Sr. Presidente da Câmara Municipal de Vereadores, Sr. Marcelino Cogo de Camargo, do Secretário de Administração, Sr. Wilson Zanchetta, e do Sr. Ildebrando Alvez Lourenço de Lima.

No dia 17 de outubro de 1987, durante a VI Festa dos Motoristas, em Sessão Solene da Câmara de Vereadores, no Santuário de Nossa Senhora Consoladora de Ibiacá, foi conferido e entregue o Título de Cidadão Benemérito de Ibiacá ao Pe. Narciso Zanatta. O título, aprovado por unanimidade pela Câmara Municipal de Vereadores, por Resolução 21 de 17/09/87, era de iniciativa dos Vereadores Dr. Rovilio Tondello e Sr. Hélio Durigon.

Encontravam-se presentes o Sr. Ari Zago, Presidente de Câmara; o Sr. Hildebrando Lenzi, Prefeito Municipal; o Sr. Delegado de Polícia, a Direção do Conselho Comunitário; o Pe. Valdir Begnini, Pároco e Reitor do Santuário; o Pe. Angelindo Andreola, Vigário Paroquial e grande multidão de pessoas.

O Vereador Hélio Durigon, coautor do projeto, proferiu brilhante saudação ao ilustre homenageado, referindo-se, principalmente, a uma das tantas realizações do Padre Zanatta na paróquia e município de Ibiacá, acontecimento que teve seu marco inicial no dia 22 de fevereiro de 1953, sendo, então, Bispo Diocesano D. Cândido Maria Bampi, um extraordinário colaborador desta iniciativa, de alcance internacional a ROMARIA.

“O Município de Ibiacá – disse o nobre Vereador Durigon – hoje, graças às romarias torna-se conhecido de sul a norte deste

País, bem como além das linhas de limite desta Nação, nos países vizinhos da América Latina, e por que não dizer? de outros continentes...”

Encerrando seu discurso, o Vereador Hélio Durigon, em nome das autoridades, municipais e da população em geral, agradeceu ao homenageado “por tudo aquilo que por nós e por nosso Município vem fazendo... Com estas palavras – finalizou o orador – gostaria de tentar resgatar uma dívida social, moral e religiosa que temos com vossa pessoa”.

...

O Vereador Dr. Rovilio Tondello, autor do projeto, proferiu o discurso que transcrevemos na íntegra: “Esta sessão da Câmara de Vereadores – principiou dizendo o orador – reveste-se de uma riqueza toda especial, porque foi incorporada à celebração eucarística desta noite, tão alegre e tão rica; porque temos a presença carinhosa e amiga do IDEALIZADOR da Romaria e da devoção a Nossa Senhora Consoladora de Ibiacá: o popular Padre Narciso Zanatta, que eu tenho a honra de saudar.

Como Vereador, apoio pelo colega Hélio Durigon, mas muito mais, como líderes cristãos, comprometidos com o cristianismo, decidimos valorizar, prestigiar e homenagear uma pessoa intimamente vinculada a Ibiacá. Elaboramos um Projeto de Lei concedendo o título de CIDADÃO BENEMÉRITO DE IBIAÇÁ ao Padre Narciso Zanatta e submetemos à apreciação da Egrégia Câmara de Vereadores, que em sessão do dia 16 de setembro passado aprovou por unanimidade. Na oportunidade, justificamos o Projeto como reconhecimento da comunidade de Ibiacá pelas grandes obras que o Padre Narciso Zanatta realizou como Vigário de Ibiacá.

Há vários anos, quando era Vereador o Sr. Arlindo Dalla Costa, apresentou Projeto semelhante, empenhando-se com todo o seu prestígio para a aprovação. Mas, aquela Câmara entendeu

de consultar determinação autoridades, acabando por frustrar a iniciativa, determinando o arquivamento do Projeto, cujos pormenores não vale a pena recordar. Desgostoso e aborrecido, como sinal de protesto, o Sr. Arlindo Dalla Costa renunciou ao mandato de Vereador.

Mas, eu e o Vereador Hélio Durigon decidimos retomar a ideia e levá-la até o fim. E fomos bem sucedidos. Queremos, portanto que o Sr. Arlindo Dalla Costa se associe conosco neste ato.

O Título de CIDADÃO BENEMÉRITO é dado a pessoas ou autoridades que se destacam de forma extraordinária por seu trabalho em favor do bem comum. **CIDADÃO**, no sentido do antigo direito romano, era a pessoa que morava em determinada cidade, que vivia e participava de características próprias ou que auxiliava na moldagem dos costumes e hábitos do povo. **BENEMÉRITO** é quem pratica ações de que resulta o bem dos outros, Ilustre, distinto, que merece as honras que lhe estão sendo prestadas.

Portando, quem é para Ibiaçá o Padre Narciso Zanatta? Foi Vigário aqui em Ibiaçá, na antiga Paróquia de Santa Filomena, no período de 10.02.52 até 15.12.57. Seis anos e dez meses. Como Vigário, ainda jovem sacerdote, destacou-se de forma extraordinária pelo seu trabalho pastoral, abraçando a causa do desenvolvimento integral da vila nos campos da Educação, da Saúde, das Comunicações e dos Transportes:

a) – As pessoas mais novas talvez não saibam, mas o Padre Narciso Zanatta marcou profundamente sua passagem como Vigário de Ibiaçá. Queremos registrar somente algumas das principais obras: acompanhado de lideranças da região, foi ele que conseguiu a construção da ponte sobre o rio Ligeiro, entre Ibiaçá e Tapejara, que se comunicava por uma antiga balsa: aberta estrada de Ibiaçá às Três Porteiras e cascalhamento da estrada de Sananduva a Lagoa Vermelha, também foram fruto ou esforços dele. E assim estava sempre preocupado com todos os acessos a

Ibiacá, para facilitar a chegada de romeiros e o escoamento da produção. Conseguiu, ainda, naquela época, uma Agência Postal para Ibiacá. No campo da saúde, área a que dedicava maior carinho, preocupou-se como o Hospital e a Farmácia, passando a dinamizar-lhes os serviços a administrá-los pessoalmente durante alguns anos. No campo da educação, criou a Escola Paroquial e o Colégio Agrícola. Após muita luta, muitas viagens e muito empenho, conseguiu trazer para Ibiacá uma comunidade de Irmãs Religiosas, que auxiliaram nos trabalhos pastorais da Paróquia, no Colégio e no Hospital. Estas são algumas das muitas atividades que poderíamos continuar enumerando e que foram fruto do trabalho, da dedicação e do empenho do Pe. Narciso Zanatta por Ibiacá...

b) – Vamos nos aprofundar um pouco mais no patrimônio espiritual e religioso que o Pe. Narciso Zanatta deixou aqui em Ibiacá, como obra-prima de seu invento, herança inapagável: foi ele que idealizou, que patrocinou, que criou a DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA CONSOLADORA DE IBIAÇÁ. Nossa Senhora foi a grande força que moveu e alimentou o sacerdócio do Padre Zanatta. Recém-empossado como Vigário, imediatamente iniciou a divulgação de Nossa Senhora, sob o sugestivo título de Consoladora. Preocupava-se especialmente com os doentes, os enfermos, os pobres do corpo e de espírito, que acorriam em multidões para receber as bênçãos de Nossa Senhora através das mãos consagradas do Padre Zanatta.

Em pouco tempo, Nossa Senhora Consoladora de Ibiacá ficou conhecida, estimada e venerada em toda a região, ultrapassando os limites do Estado e penetrando Santa Catarina, o Paraná e alcançando a Argentina e o Paraguai. Como prova disto estão aí as inúmeras caravanas de romeiros que vêm a Ibiacá anualmente por ocasião da piedosa romaria que se realiza desde aquela época.

O esplendoroso trabalho pastoral do Padre Zanatta junto aos fiéis devotos de Nossa Senhora foi tão emocionante a ponto de causar ciúmes a determinadas lideranças locais, a certos sacerdotes a até Bispos. E o demônio se encarregou de arregimentar os seus exércitos para tentar dinamizar os passos e a obra sacerdotal do Padre Zanatta. Duros anos de provações se seguiram em sua vida. Como Pomba da Paz, o Padre Zanatta saiu de Ibiçá, voou por diversas Paróquias nos estados de Santa Catarina e Paraná, desenvolvendo um trabalho maravilhoso em cada lugar por onde passou, sempre propagando a devoção de Nossa Senhora Consoladora de Ibiçá, deixando obras e mais obras, amigos e mais amigos, saudades e mais saudades. Mas sempre alimentando no mais profundo do seu coração o carinho e a saudade da Santa Mãe da Ibiçá.

É por isto que ele devota um carinho e um amor todo especial por Ibiçá. Porque é aqui que está, perene, imorredoura, sacrossanta, inabalável e sempre viva sua maior obra. No símbolo abençoado desta imagem, retrata-se a figura da Santa Mãe. Nossa Senhora Consoladora de Ibiçá, que afaga a tantos, que consola a milhares de devotos seus, que vence todo o mal, que reúne os filhos desgarrados e os traz à casa paterna, que a tantos conforta. Ele ficou aqui, sempre viva e santa. Forte como sempre. Acompanhou continuamente os passos do seu idealizador, fortalecendo sua fé, alimentando o seu sacerdócio, dando forças e vigor a seu filho muito estimado. E hoje o temos entre nós, já de cabelos brancos, mas tranquilo, sereno e vitorioso, sempre jovem e disposto no seu vigor sacerdotal, cheio de esperança e de fé. Ei-lo ali, o Padre Zanatta, abençoado por Deus.

Padre Narciso Zanatta: a comunidade de Ibiçá, num ato maduro, consciente e soberano, quer resgatar uma enorme divina moral com o senhor. Sabemos perfeitamente que sua estrutura moral é suficientemente forte e foi capaz de suportar é humano, feito de carne e osso, de sentimentos e emoções, que precisam da

solidariedade humana e da convivência cristã e do conforto de Deus.

É exatamente neste sentido que nós queremos, em nome desta comunidade que o senhor bem conhece e deste povo que o senhor tanto estima, pagar uma dívida que já é antiga. Este povo bom de Ibiacá quer integrá-lo à sua comunidade. O senhor é cidadão de Ibiacá. O título que estamos lhe dando hoje é a expressão do reconhecimento e da gratidão que temos pelo maior patrimônio espiritual que o senhor nos deixou aqui: este patrimônio os anos não desgastam, as traças não comem e a ferrugem não corrói: A DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA CONSOLADORA DE IBIACÁ!!!

O senhor cumpriu a verdadeira função social do seu sacerdócio e a promessa que fez no dia de sua ordenação sacerdotal: “Darei o meu coração e minha vida aos que sofrem”. A quantos o senhor abençoou, a quantos confortou em nome de Maria e de seu Divino Filho Jesus Cristo!...

Receba, portando, este título de cidadão benemérito de Ibiacá como prova singela, mas franca, cordial e sincera, como expressão de integração de todos os Poderes de Ibiacá e de seu povo com a sua obra maravilhosa, pelo muito apreço e carinho que devotamos ao senhor. É o mínimo que nós podemos fazer em troca do muito que o senhor fez por Ibiacá. Nós tínhamos que dar publicidade este testemunho, esta prova de carinho e de reconhecimento para com o senhor. Padre Zanatta, o senhor é cidadão de Ibiacá. É desejo deste povo que o senhor retorne definitivamente para cá, porque aqui o senhor está em casa. Parabéns e se seja feliz! Que Nossa Senhora o acompanhe e abençoe sempre!!!”

...

Agradecendo a homenagem e o título de cidadão benemérito de Ibiacá, que acabava de receber, o Pe. Narciso

Zanatta pronunciou brilhante e comovente discurso, principiando com as palavras do profeta Isaias -66,10:

“Alegra-te, Jerusalém! Reuni-vos sacieis da abundância da nossa consolação.

A vida – prosseguiu – é um belo milagre, sob todos os aspectos: Dores e sofrimentos. Mas é preciso saber viver, trabalhar e se útil ao povo; é uma grande bênção e grande riqueza.

Agradecemos a Deus por estarmos vivos e aproveita mais do nosso tempo, de nossa vida! Todos os fatos acontecidos na histórica Ibiacá, são nossos mestres, que nos ensinam a descobrir os valores na arte de bem viver, com mais alegria, mais sossego, mais harmonia.

A realidade está em Ibiacá, esta Meca sagrada, tão falada há mais de 35 anos. Tradicionalmente, centenas de pessoas, doentes problemáticos, peregrinos e turistas do Sul do Brasil, vão à procura de estabilidade e segurança, confiança e conforto, num mundo de incertezas, desamor, corrupção e ódio, onde nós caminhamos sempre tentando trilhar um programa escrito em sangue, suor e lágrimas: Darei coração e vida aos que sofrem, alicerçados na fé: Quanto mais dou, mas tenho.

Cumpriram-se com êxito as palavras missionárias da Santa Consoladora: Servir ao mundo que sofre e trabalha, tendo em vista a valorização evangélica da pessoa humana.

Aqui deixo um apelo de amigo e agora também como cidadão deste Município, a todos que trabalham e vivem nesta comuna de Ibiacá, em cuja bandeira está estampada a imagem da Consolação: – Que a responsabilidade, o desenvolvimento, o bem-estar social, econômico e religioso em Ibiacá, não cabem somente às autoridades constituídas, mas a todas e a cada um em particular.

Hoje, nesta noite memorável, quando o poder legislativo e executivo do Município de Ibiacá, havendo refletido, ponderado,

estudado as obras do Pe. Zanatta, acharam por bem aceitar o desejo justo, honesto, do amigo Sr. Arlindo Dalla Costa, agora referendado pelos Vereadores Dr. Ravílio Tondello e Hélio Durigon – nos concedem o título de Cidadão Benemérito de Ibiacá.

Agradeço sensibilizado a estes nobres Vereadores, ao Sr. Ari Zago, DD. Presidente da Câmara Municipal; assim como ao Sr. Hildebrando Lenzi, DD. Prefeito desta comuna, ao Vice-Prefeito, Sr. Celino Camargo, ao Sr. Delegado de Polícia, à Direção do Conselho Comunitário, e, especialmente, ao Revmo. Sr. Pe. Valdir Begnini, Pároco de Ibiacá e Reitor do Santuário, e ao seu digno Vigário Paroquial, Pe. Angelindo Andreola, que é filho desta terra”.

Ao findas sua oração, o Pe. Zanatta dirigiu-se aos fiéis, declarando que todos somos um povo de Deus. Disse que recordava com saudade as primeiras romarias, quando ele dirigia a palavra dava a bênção àquelas multidões de romeiros, muitos dos quais haviam afluído de longe, andando a pé...

33 – SAUL BRANDALISE – FUNDADOR DA EMPRESA PERDIGÃO

O Pe. Narciso Zanatta, em função de uma apostólica ação missionária, em função de seu admirável zelo em favor, sobretudo, das almas sofredoras, em função de seu extraordinário dinamismo e dedicação, em função de tantas graças prodigiosas que ele obtém com sua poderosa bênção aos doentes, sempre por intercessão de Nossa Senhora, em função de sua amizade e simpatia irresistível, conta com milhões de amigos no Brasil e em outros países.

Uma dessas belas amizades que tanto o distingue é aquela tão carinhosa que o mantém ligado à ilustre família

BRANDALISE, especialmente o Sr. Saul Brandalise e sua esposa D. Elejalde, fundadores, com seus filhos, de uma das maiores organizações industriais e comerciantes do sul do Brasil, a gigantesca rede de empresas do grupo PERDIGÃO, de Videira, Santa Catarina.

Este mui distinto casal quis que o Pe. Narciso Zanatta presidisse o cerimonial de suas BODAR DE OURO, solenemente festejadas em Videira, em novembro de 1987.

Da amizade do Pe. Zanatta com este ilustre casal, fala com eloquência a carta que este ministro de Deus dirigiu à família Brandalise em novembro de 1984. Ei-la:

“Casa de Férias Ângelo Augusta, Vila Criciúma, Abelardo Luz (SC), aos 14 de novembro de 1984. Meu caro Saul Brandalise, dona Elejalde, filhos Flávio, Maria Odete e Saul Júnior:

“Da têmpera do aço, se dez a sua vontade; do cinzel de outro, o seu coração; da liquidez da cristal, a sua alma; do revérbero da prata, o seu entendimento e a sua inteligência. Eis o homem!”

Que mais posso dizer, caros, caríssimos amigos, após o RETRATO DE UM HOMEM, com a gentil e amistosa e saudosa dedicatória a este humilde servo de Deus?!...

Quem dera apor meu depoimento, o que sei de justiça, de honestidade, de trabalho, de bondade de coração, de iniciativa comunitária, de frutos; quem dera apor minha palavra humilde de grandiosa admiração por este colosso de Deus lançado sobre a terra; quem dera extravasar os sentimentos de glória íntima pela profunda tenacidade na consecução de seus objetivos... Quem dera!

Saul Brandalise não é um homem, é uma lenda. Saul Brandalise não é de carne, de osso, de sangue; é de ferro, de luta, de segurança de iniciativa, de criatividade. Saul Brandalise não é apenas imortal para si mesmo, mas imortal o será para toda a

posteridade familiar e de sua relação de amigos, e de toda uma nação que se beneficia de uma coisa tão misteriosa e milagrosa, como é o sonho de um homem, tornado realidade circunstante e atuante...

Saul Brandalise e seus familiares, o recôncavo das esperanças de tantos outros homens, de tantas outras famílias...

Saul Brandalise, a casa onde se desenha a figura onipotente de Deus, com todo o seu esplendor, através de quem se manifesta o poder divino.

Ser homem das realizações comunitárias, se o primeiro amigo de seus comandados, ser a pedra angular de todo um complexo de edificações, não é tarefa de homem comum, de qualquer homem.

É tarefa de SAUL BRANDALISE.

Deus o guarde!

(Ass.) Pe. "Narciso Zanatta"

34 – A BÊNÇÃO POR TELEFONE

O Pe. Narciso Zanatta, isolado em sua chácara Ângelo Augusta, em Abelardo Luz, embora afastado das lides pastorais das paróquias, que tanto o absorveram em longa epopeia de dedicação, continua atendendo a milhares de pessoas, sempre promovendo alívio, consolo e curas das mais variadas enfermidades, através do telefone.

Visto como, em virtude de sua debilidade saúde, esgotada numa labuta extenuante e prolongada nas paróquias que governou com fibra de autêntico apóstolo e por outras razões, ele não pode visitas tantas comunidades que reclamam sua presença, ele, em sua casa de retiro e oração, não sossega, não descansa.

Diariamente ele atende a inúmeros pedidos através do telefone, mandando suas bênçãos e seus conselhos de pai amoroso, de sacerdote do Senhor.

Para exemplificar como sua bênção pelo telefone opera prodígios, vai aqui, entre tantas, uma carta. A carta de Orildo Luiz Bianchi, de Tapejara, RS, redigida no dia 20/1/1988. Ei-la:

“Meu caro Padre Narciso Zanatta, quero por meio desta cartinha fazer uma narração de minha doença”. Eu vinha sofrendo há muitos anos de sério problema do coração, que há dois anos e três meses começou a se agravar, devendo ser hospitalizado por várias vezes em pouco tempo.

Foi numa destas ocasiões que minha filha telefonou ao senhor pedindo uma bênção para mim. Na ocasião o senhor pediu que minha família fizesse uma novena, colocando um copo de água e uma vela acesa sobre a mesa enquanto se rezava o terço, sendo que eu devia depois tomar esta água. Disse também que desejava ver-me na romaria da Linha Florentina, no dia 25 de janeiro de 1987.

Pois, a partir do momento que comecei a fazer a novena e tomar esta água, principiei a sentir-me melhor, tendo até forças para ir a esta romaria, onde tive oportunidade de conversar pessoalmente com o senhor e também receber a sua bênção. Daí em diante, nunca mais precisei me hospitalizar.

O médico do Instituto do Coração, que consultei várias vezes, na primeira vez ficou apavorado, achando muito difícil a minha recuperação. Na última consulta e exame que este médico me fez há 40 dias, ficou surpreendido com minha melhora, achando que mal havia recuperado 95% desde a primeira consulta.

Sou agora outro homem daquele de dois anos passados... Espero encontrar-me com o senhor na próxima romaria em Linha Florentina, no dia 31 de janeiro próximo. Remeto com esta carta

uma foto minha, que o senhor me pediu. E agradeço a Deus a grande graça alcançada... (Ass.) Orildo Luiz Bianchi.

...

Outro caso recente, demonstrando como o Pe. Zanatta obtém curas para pessoas distantes, apenas através de sua bênção dada por telefone, aconteceu em Tangará da Serra, Mato Grosso. A menina Daiane Forcelini, de dois anos, estava doente. Os médicos trataram a menina durante três meses, sem obter resultado algum. Nem mesmo os médicos de Cuiabá deram solução.

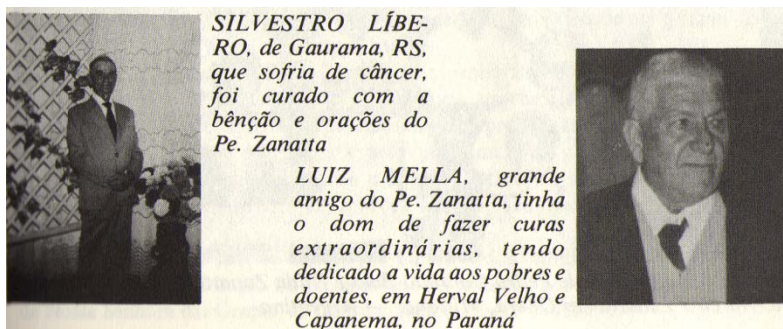
A família encontrava-se em desespero. Foi quando Léa Grapégia sugeriu que se recorresse ao Padre Narciso Zanatta. Houve, então um contado telefônico da família Forcelini com a Casa onde reside o Pe. Zanatta. Este deu a bênção à pequena Daiane e “desde esses dias a menina começou a se recuperar, encontrando-se hoje em perfeita saúde”.

Diz a mãe da Diane que a menina “ficou tão magrinha, que tenho um ano e dois meses, pesava cinco quilos... Se eu fosse escrever tudo sobre a doença da minha filha, e as coisas estranhas que encontrei na minha casa, daria um livro”.



Videira, SC, novembro de 1987. O Pe. Narciso Zanatta, junto com dois colegas, preside a cerimônia das BODAS DE OURO do casal SAUL e ELEJALDE BRANDALISE, fundadores do Grupo PERDIGÃO

Figura 82: Videira, SC, novembro de 1987. O Pe. Narciso Zanatta, junto com dois colegas, preside a cerimônia das BODAS DE OURO do casal SAUL e ELEJALDE BRANDALISE, fundadores do Grupo PERDIGÃO.



SILVESTRO LÍBERO, de Gaurama, RS, que sofria de câncer, foi curado com a bênção e orações do Pe. Zanatta

LUIZ MELLA, grande amigo do Pe. Zanatta, tinha o dom de fazer curas extraordinárias, tendo dedicado a vida aos pobres e doentes, em Herval Velho e Capanema, no Paraná

Figura 83: Silvestro Lébero e Luiz Mella.



Figura 84: DAIANE FORCELINI, de Tangará da Serra, Mato Grosso, foi curada de grave enfermidade mediante a tele-bênção do Pe. Zanatta.

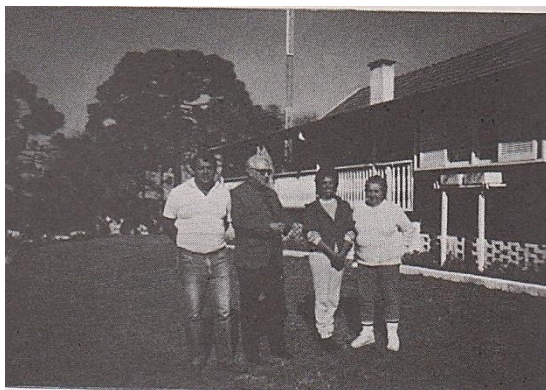


Figura 85: D. EUNICE GOLDIN WIRMONT, viúva de Lourival Wirmont, doou, a pedido do Pe. Zanatta, uma grande gleba aos sem-terra, acampados em Abelardo Luz, SC. Na Foto: O Pe. Zanatta, D. Eunice (de blusão branco), a filha Vera Lúcia e o genro Guido Crocchi, na Fazenda Santa Rosa, da família Wirmont.



Figura 86: Família Zanatta Baes de Pedro Conrado Baes e Nilda Zanatta Baes, junto com o Pe. Narciso Zanatta em Oberá, Misiones- Argentina.

FALECIMENTO DO PE. NARCISO ZANATTA

O Padre Narciso Zanatta era filho de Ângelo Zanatta e Augusta Zanatta. Nasceu aos 11.12.20, no interior do Município de Montenegro, Estado do Rio Grande do Sul. A família de Ângelo e Augusta Zanatta era composta de cinco irmãos, quatro filhos legítimos do casal e um adotivo. Dois Filhos seguiram a vida religiosa: Irmã Julieta das irmãs de São José, reside no Colégio São José de Montenegro, Rio Grande do Sul e Padre Narciso Zanatta.

Sua ordenação sacerdotal aconteceu na cidade de Tapejara, Rio Grande do Sul, no mês de dezembro de 1949.

Como Pároco, trabalhou no Estado do Rio Grande do Sul, na Paróquia de São Manoel de Vacaria e Ibiacá, onde iniciou a devoção a Nossa Senhora Consoladora e às Romarias.

No estado do Paraná, foi Pároco em Jardim Alegre, Ivaiporã, Itapejara D'Oeste e Palmas. Trabalhou também na Rádio de Cascavel como administrados e colaborador.

No estado de Santa Catarina colaborou nas Paróquias Abelardo Luz, Joaçaba e Erval D'Oeste.

Em todas as comunidades onde atuou, dedicou-se profundamente à causa da Educação, da Formação das Famílias, da defesa do Meio Ambiente e da defesa dos pobres, doentes e idosos.

Sua obra maios, que o fez popular e querido, foi o trabalho de idealizar, iniciar e propagar a Devoção à Nossa Senhora Consoladora de Ibiacá, às Romarias e o Santuário de Ibiacá, no Estado do Rio Grande do Sul, que há quarenta anos, sempre no último do mês de fevereiro, se realizam as grandes peregrinações, cujos fiéis se deslocam de toda a região sul do País, da Argentina e do Paraguai.

A partir de 1974, o Padre Narciso Zanatta recolheu-se para a sua casa de férias, na chácara Ângelo/Augusta, no interior de Abelardo Luz, em Santa Catarina, onde passou a residir até o final de sua vida. Esta pequena propriedade ele ganhou de um grupo de amigos do Paraná e de Santa Catarina.

De sua casa de férias, o Padre Zanatta acompanhava os acontecimentos e sua obra sacerdotal e recebia os amigos que iam à sua procura, em busca de bênçãos e orientações. Eram principalmente pessoas doentes e problemáticas.

A partir de dezembro de 1991, afloravam problemas mais graves de sua saúde, como pressão alta, má circulação sanguínea e diabete. Sofreu consecutivos quatro enfartos que o prostraram definitivamente, embora estivesse acompanhado pelos médicos de sua confiança.

Recentemente, no mês de março, por iniciativa dos familiares, de amigos e de um modo especial pela Direção da

Perdigão, ele foi transportado e internado no Hospital de Nossa Senhora das Graças, de Curitiba, para exames e tratamento.

Porém, as lesões cerebrais e cardíacas eram irreversíveis. Foram infrutíferas todas as tentativas.

O Padre Narciso Zanatta veio a falecer dia 11 de abril de 1992, às 17 horas com 71 anos de idade, no Hospital São Paulo, na cidade de Xanxerê, Estado de Santa Catarina.

O seu corpo foi velado por algumas horas em sua chácara, em Vila Criciúma, interior de Abelardo Luz e depois trasladado para a Igreja Matriz de Abelardo Luz, onde o povo em grande multidão, visitava seu corpo e se despedia, durante todo o dia 12 de abril, domingo de Ramos. Às 15 horas foi celebrada Missa de Corpo Presente, na Igreja de São Sebastião de Abelardo Luz.

A Igreja estava repleta de amigos e familiares do Padre Narciso Zanatta. Estavam concelebrando a Santa Eucarística, Dom Orlando Octacílio Dotti, Bispo Diocesano de Vacaria; o Padre Paulo Rosalém, de Joaçaba; Padre Genuíno Begnini, Pároco de Abelardo Luz; Padre Arlindo Rubert, de Frederico Westphalen e Frei Argentino Marini, de Cacique Doble. As cerimônias foram organizadas e dirigidas pelo Sr. Rovílio Tondello, da Comissão de Liturgia do Santuário de Ibiacá. Logo após a Santa Missa, o corpo do Padre Narciso Zanatta foi trasladado até o cemitério de Palmas, no Paraná, onde foi dado a sepultura, no mesmo túmulo onde se encontram restos mortais de seus pais. Expressiva multidão de pessoas da região de Palmas aguardava no cemitério a chegada do corpo que se deslocou de Abelardo Luz com uma procissão muito bonita. Mais de cem carros e ônibus seguiu o cortejo fúnebre.

Bel. Rovílio Tondello

ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Ângelo e Augusta Zanatta, pais do Pe. Narciso.	7
Figura 2: Imagem de N. Sra. Consoladora no Santuário de Ibiaçá.	7
Figura 3: Santuário de N. Sra. Consoladora de Ibiaçá	8
Figura 4: N. Sra. Consoladora de Ibiaçá.	8
Figura 5: Santuário Della Consolata em Turim, Itália.	14
Figura 6: Ibiaçá em 1955.	19
Figura 7: Ibiaçá com tempo chuvoso	32
Figura 8: Ibiaçá- Primeira Romaria- 1953	32
Figura 9: Ibiaçá- aspectos de uma Romaria na década de 1950.	36
Figura 10: Ibiaçá- Romaria 28.02.1954.	37
Figura 11: Ibiaçá, 27.02.1955- Terceira Romaria sendo pregador Frei Demétrio Zanchetta	40
Figura 12: Ibiaçá- O Pe. Zanatta falando aos romeiros, ao lado de D. Cândido e do deputado federal Dr. João de Paula e Silva.....	49
Figura 13: Romaria de 1985, em Ibiaçá, o andor da Imagem de Nossa Senhora Consoladora	52
Figura 14: 1949- A Família de Ângelo e Augusta Zanatta da esquerda para a direita: Olímpio Armando, Ir. (Julieta) Leonora, Maria de Lourdes e Alberto; o Pe. Narciso recém-nascido.	75
Figura 15: Ir. Placidina Zanatta que trabalhou 43 anos na França.	75
Figura 16: 1908: Família de José Zanatta com duas noras e um neto. Da esquerda para a direita: Maximiliano (com esposa e filho), José, João, D. Maria Dalla Polla, Angelo e esposa Augusta; Alfredo, Plácido e Teresinha (Ir. Placidina).	76
Figura 17: 1907: Família de Eugênio Zanatta e Luísa Cauduro. (Por idade) Augusta, Gildo, Itália, Albina, João, Catarina, Assunta, Antônio Guerin, Graciosa, Eugênio e Benjamim.....	77
Figura 18: 1957- Família de ângelo e Augusta Zanatta: Pe. Narciso, Armando, Albertino, Maria de Lourdes. Olímpio e Ir. Julieta (Leonora).	77
Figura 19: 17.12.1949. Em Tapejara, no dia da Ordenação Sacerdotal, vendo-se os pais, a cunhada Angelina, a irmã Maria de Lourdes, com o esposo, Vitóri Broch, e Olímpio Sandini (de branco).....	78

Figura 20: Ângelo Zanatta (ao centro do altar) tocava na Banda de Tapejara.....	82
Figura 21: 02.05.1958. Em Ibiçá, Bodas de Ouro dos pais Ângelo e Augusta.....	83
Figura 22: O Pe. Narciso, pela primeira vez, dá comunhão ao pai.....	83
Figura 23: Em Itapejara do oeste, a mãe Augusta festeja seu aniversário.	89
Figura 24: Dr. Oswaldo Guindani, esposa Rose Mary e o filho André.	97
Figura 25: Ir. Julieta e irmão Olímpio e Angelina (cunhada).	97
Figura 26: Família de Vitório e Lourdes. Sentados: Vitório Broch, Dr. André Guindani e D. M. de Lourdes. Em pé: Dr. Oswaldo Guindani, D. Rose, Regina (noivado) Alexandre e Jorge.	98
Figura 27: Irmã Leonora.	98
Figura 28: Vacaria 23.12.1945- O Seminarista Narciso Zanatta recebe as últimas Ordens Menores. À sua esquerda, Frei Daniel Vian, cura da Catedral.	104
Figura 29: seminaristas Narciso Zanatta e Marcelino Rizzon.	105
Figura 30: 18.12.1949- primeira Missa do Pe. Zanatta em Tapejara.....	110
Figura 31: 17.12.49, o diácono Narciso Zanatta, junto com D. Cândido, chega a Tapejara para a sua ordenação.	110
Figura 32: 12.12.49- Ordenação Sacerdotal em Tapejara.....	111
Figura 33: Ibiçá- 1984: O Pe. Zanatta preside a festa das Bodas de Prata do Vereador Arlindo Dalla Costa.	122
Figura 34: Ibiçá, 1953: 1ª Missa do Pe. Albino Dalzotto, cercado dos pais, do Bispo D. Cândido, Pe. Benjamim Busatto e Pe. Zanatta.....	123
Figura 35: 27.04.69: Formatura de "Prático em Farmácia".....	141
Figura 36: Ivaiporã: O Pe. Zanatta dá a bênção de saúde.	141
Figura 37: Pe. Zanatta.	142
Figura 38: D. Manoel Konner, Bispo- Prelado de Foz do Iguaçu que em 1958 recebeu o Pe. Zanatta.	143
Figura 39: Ivaiporã: Capela S. Judas Tadeu.	144
Figura 40: Igreja Matriz de Ivaiporã- PR.....	144
Figura 41: O Pe. Zanatta em Assis, Itália.....	145
Figura 42: Capela S. João do Ivaí, hoje sede paroquial.	145

Figura 43: Nossa Senhora Consoladora do Santuário de Ibiacá.....	146
Figura 44: 16.9.1960: a bordo do "Cabo de São Vicente", o Pe. Zanatta, junto com numerosa comitiva, dirige-se a Munique, na Alemanha, a fim de tomar parte do Congresso Eucarístico Internacional.	147
Figura 45: Outubro de 1963- São José do Ouro, Semana Ruralista.	151
Figura 46: 01.06.1963- Campo Belo, Portões, SC. Festa presidida pelo Pe. Zanatta e organizada por Germino Chinelatto.....	152
Figura 47: D. Filizard, Bispo de Jacarezinho, ao lado do prefeito de Catiguá, onde o Pe. Zanatta, esteve ajudando na paróquia.....	152
Figura 48: São José do Ouro, 1963- Semana Ruralista vendo-se a imagem de Santo Isidoro e do grande pregador Pe. Arno Echert.	153
Figura 49: 1953- São José do Ouro- semana Ruralista.....	153
Figura 50: São José do Ouro, outubro de 1963; Semana Ruralista, quando discursava Frei Juvenal, representante do Sr. Bispo.....	154
Figura 51: 1966, Itapejara d'Oeste, antiga Matriz e Colégio.	165
Figura 52: 16.01.72, em Itapejara d'Oeste, o Pe. Zanatta recebeu o título de cidadão do município.....	166
Figura 53: Itapejara d'Oeste, chegada dos Irmãos Maristas, vendo-se o Pe. Zanatta e o Pe. Arno Echert.....	166
Figura 54: Itapejara d'Oeste, no 25º aniversário da Ordenação, vendo-se (de óculos) o Ir. Miguel e um Padre italiano.....	167
Figura 55: Itapejara d'Oeste, Semana Ruralista, vendo-se o Pe. Arno Echert e organizadores.....	168
Figura 56: Igreja Matriz de Itapejara d'Oeste.	169
Figura 57: Itapejara d'Oeste, Visita de D. Marcos, Bispo de Santo André, SP.	169
Figura 58: Itapejara, grupo de homens solidários com o Pe. Zanatta por ocasião de uma de suas costumeiras provações.....	170
Figura 59: Mons. Eduardo Rodrigues- Vigário Geral. Atrás: Gilberto Batistus- Presidente da Câmara que deu o título de cidadão.	170
Figura 60: Itapejara d'Oeste- 1ª Missa do Pe. Pedro Correia Andrade, vendo-se Valfredo Franciosi, Guerino Carraro, Albino Franciosi, D. Etelvina Z. Franciosi e prof. Nelson da Faculdade.	171

Figura 61: 27.01.71, em Itapejara d'Oeste. O Pe. Zanatta recebe o título de Cidadão Benemérito das mãos do Vereador Gilberto Batistus.	171
Figura 62: Itapejara d'Oeste; Semana Ruralista.	172
Figura 63: Itapejara. Assistência Social Samaritana.	173
Figura 64: Numa reunião dos Bispos do Paraná em Foz do Iguaçu, um Bispo disse a D. Carlos Eduardo: "V. Exa. tem em Itapejara do Oeste um padre milagroso". Milagroso não sei- respondeu D. Carlos- mas um padre que trabalha muito e é um dos melhores da Diocese. Gostaria de ter mais dez destes Padres". D. Carlos Eduardo Bandeira de Mello, 1º Bispo de Palmas.....	182
Figura 65: Prédio das Faculdades de Palmas, cujas obras contaram com a direção do Pe. Zanatta.	183
Figura 66: O Pe. Zanatta em Pato Branco, junto com os Cursilhistas de Palmas.	183
Figura 67: 1970- sessão solene para festejar um acontecimento que se deve, principalmente, aos esforços do Pe. Zanatta, a instalação da rede de energia elétrica na cidade de Palmas.....	184
Figura 68: Mons. Eduardo Rodrigues Machado, a quem Palmas deve; fundador da Faculdade.	184
Figura 69: Palmas: Prefeito Oscar Röcher, Prefeito Linhares (de Alberto Luz), Alduíno Goldoni (líder da região), Gazzi, Zanchetta, De Rossi... ..	185
Figura 70: Palmas- O Governador do Estado, Dr. Parigot de Souza inaugura a luz elétrica.....	185
Figura 71: Capela do Sagrado Coração de Jesus na Casa-de-Férias Abelardo Luz.....	194
Figura 72: 30º Aniversário da Ordenação, vendo-se o Pe. Arlindo Raubert e o Pe. Marcelino Rizzon.	195
Figura 73: Casa-de-férias "Ângelo - Augusta" em Abelardo Luz, SC.	196
Figura 74: Abelardo Luz: Sacerdotes presentes à festa do 30º aniversário da Ordenação do Pe. Zanatta. Padres Danilo Canal, Afonso Grebber, Arlindo Rubert, Abramo Furlim, Narciso Zanatta, Marcelino Rizzon, Leopoldo Melz, Antônio Nichele e Frei Joel Lorenzetti.	196

Figura 75: Em Abelardo Luz, vendo-se, ao lado do Pe. Zanatta, o Prefeito Arno Andrade, D. Maria de Lourdes e esposo Vitório Broch e o filho Dr. Alexandre Broch e mais a família Biondo.	197
Figura 76: Pe. Zanatta, missionário no Paraguai.	199
Figura 77: 24.11.74- missa no Paraguai, às três da tarde. Presentes: Francisco Mitiroski, Reinaldo Noetzold, Arísio Rios, Darci de Abreu e José Dutra - Fundadores da Colônia brasileira no vizinho País.	199
Figura 78: O Pe. Zanatta no Paraguai, junto com Adelino Vitorello (de óculos), um dos maiores empresários brasileiros no vizinho País.	200
Figura 79: Santa Rosa (Paraguai): O Pe. Zanatta em missão apostólica nas terras de Adelino Vitorello (de blusa branca).	200
Figura 80: Na Capela de Nossa Senhora Consoladora em Quilombo- SC.	209
Figura 81: Ibiçá. RS, 17/10/1987, no Santuário de Nossa Senhora Consoladora, é feita entrega do Título de Cidadão Emérito de Ibiçá ao Pe. Narciso Zanatta, por iniciativa dos Vereadores: Dr. Rovílio Tondello e Hélio Durigon. presentes: Hildebrando Lenzi, Prefeito Municipal; Celino Camargo, Vice-Prefeito; Ari Zago, Presidente da Câmara, demais Vereadores e autoridades	213
Figura 82: Videira, SC, novembro de 1987. O Pe. Narciso Zanatta, junto com dois colegas, preside a cerimônia das BODAS DE OURO do casal SAUL e ELEJALDE BRANDALISE, fundadores do Grupo PERDIGÃO.	227
Figura 83: Silvestro Lébero e Luiz Mella.	227
Figura 84: DAIANE FORCELINI, de Tangará da Serra, Mato Grosso, foi curada de grave enfermidade mediante a tele-bênção do Pe. Zanatta.	228
Figura 85: D. EUNICE GOLDIN WIRMONT, viúva de Lourival Wirmont, doou, a pedido do Pe. Zanatta, uma grande gleba aos sem-terra, acampados em Abelardo Luz, SC. Na Foto: O Pe. Zanatta, D. Eunice (de blusão branco), a filha Vera Lúcia e o genro Guido Crocchi, na Fazenda Santa Rosa, da família Wirmont.	228
Figura 86: Família Zanatta Baes de Pedro Conrado Baes e Nilda Zanatta Baes, junto com o Pe. Narciso Zanatta em Oberá, Misiones- Argentina.	229



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br

ORAÇÃO À NOSSA SENHORA CONSOLADORA

Ó Virgem Santíssima, Nossa Senhora da Consolação, a Vós recorremos, animados da mais firme confiança filial na vossa compassiva bondade maternal. Nunca se ouviu dizer, ó benigna Consoladora dos aflitos, que alguém, em suas penas, tristezas e necessidades, a Vós recorresse em vão. Por isso, a Vós recorreremos nas presentes aflições e angústias da nossa vida.

Ó doce Mãe Consoladora, consolai estes vossos filhos, que, cheios de confiança, se prostram a vossos pés. Atendei as súplicas, enxugai as nossas lágrimas, aliviad as nossas dores, assisti-nos em todas as nossas tribulações. Alcançai-nos a paz, alegria e perfeita resignação à vontade santa de Deus, a fim de que, incessantemente, reconfortados pelo bálsamo suavíssimo das consolações espirituais, de que sois amável e poderosa medianeira, possamos santificar todos os sofrimentos e amarguras desta vida, transformando-os em coroas de glória para nossa eternidade, assim seja. Três Ave-Marias, com a invocação Consoladora dos Aflitos, rogai por nós.